



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

PEDRO FRANCISCO CATANELI

**MANUEL GONZÁLEZ PRADA (1844-1918):
HISTÓRIA, DEBATE E PENSAMENTO**

Londrina
2009

PEDRO FRANCISCO CATANELI

**MANUEL GONZÁLEZ PRADA (1844-1918):
HISTÓRIA, DEBATE E PENSAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História – Área de concentração: História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Sylvia Ewel Lenz

Londrina
2009

PEDRO FRANCISCO CATANELI

**MANUEL GONZÁLEZ PRADA (1844-1918):
HISTÓRIA, DEBATE E PENSAMENTO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sylvia Ewel Lenz
UEL/Londrina – Orientadora

Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa
UNESP/Assis

Prof. Dr. Hernán Ramiro Ramírez
UEL/Londrina

Londrina, 17 de março de 2009.

Dedico este trabalho à minha noiva Aline Cristina de Oliveira, minha irmã, Mariana Cataneli e minha mãe, Fátima Regina Moreno, que me ensinaram que existem diversas formas de se amar as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Para a elaboração desta dissertação contei com a colaboração de diversas pessoas que acreditaram em mim e na possibilidade da realização deste trabalho e que de formas diferentes foram fundamentais para que ele fosse concretizado.

Inicialmente gostaria de agradecer a minha orientadora, professora Dr^a Sylvia Ewel Lenz, pela dedicação, paciência, companheirismo e amizade nesses quase dois anos que se passaram desde o início de nosso convívio; sou grato também por sempre ter acreditado em minha capacidade para realizar nossa proposta assumida, mesmo nas vezes que não fiz jus as suas expectativas.

Agradeço aos professores com os quais convivi no curso de pós-graduação da UEL, Paulo Alves, Gabriel Giannattasio e Jozimar Paes de Almeida a quem também agradeço pela participação na banca de qualificação com seus comentários valiosos, assim como foi importante naquele momento a arguição do professor Hernán Ramiro Ramírez.

Ao professor Carlos Alberto Sampaio Barbosa (UNESP/Assis) minha gratidão pela atenção dada a mim desde a época da graduação quando me apresentou ao objeto de estudo desta dissertação e pela constante disponibilidade ao diálogo que me possibilitou grande enriquecimento historiográfico.

Não posso deixar de agradecer a equipe de professores e funcionários da ETEC Augusto Tortolero Araújo (Paraguaçu Paulista), em especial aos amigos Aduino Elias Moreira, Adi Marques Santos, Etsuko Kakinohana Marubayashi, Mércia Cristina Bini Teodoro e ao querido mestre Luiz Rickle Pobbe pelo carinho, paciência e por tudo o que me ensinaram não apenas como profissionais, mas principalmente pelo caráter e companheirismo. Agradeço também a equipe Colégio Super Ensino (Ourinhos-SP), em especial a Maria Olinda de Souza e Antônio Cláudio “Mikau” Leme, pela amizade e oportunidade de trabalho que foi fundamental para ter condições de continuar a pesquisa.

Agradeço ao bibliotecário da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Assis, Auro Mitsuyoshi Sakuraba, sempre atencioso, preocupado e disposto a ajudar.

A Ricardo Sequeira Bechelli agradeço pela atenção dada ao trabalho e por seu incentivo, esteve sempre atento e pronto a ensinar-me mesmo não me conhecendo pessoalmente.

Neste trabalho contei com o apoio de dois grandes amigos que compartilharam comigo diversas alegrias e aflições desde a época da graduação, Rodolfo Fiorucci e Gustavo

dos Santos Prado, pessoas de coração generoso e caráter indubitável com as quais muito aprendi sobre amizade e sempre me incentivaram a cursar a pós-graduação.

A toda minha família agradeço pelo incentivo constante, em especial aos meus tios Fernanda Moreno Sant'Ana e Leonardo José Sant'Ana pelo apoio sempre incondicional, minha eterna gratidão. Aos meus queridos avós Francisco Moreno Navarrete e Dalva Antônia Barbosa Moreno, sempre preocupados e atenciosos. Aos meus primos João Moreno Sant'Ana, André Sant'Ana, Ana Paula Ferreira Moreno e Leandro Ferreira Moreno, que mesmo sem saber exatamente sobre o que eu trabalhava sempre fizeram questão de perguntar sobre como estavam meus estudos.

Agradeço a minha noiva Aline Cristina de Oliveira que foi fundamental com seu incentivo e preocupação, com seu amor e constância e por tudo o que abdicou ao meu lado para que este trabalho pudesse ser realizado.

Minha irmã, Mariana Cataneli, que se fez presente em todo o tempo deste trabalho com seu amor e amizade, sempre serei grato por sua vontade de ajudar das maneiras possíveis.

Agradeço a minha mãe, Fátima Regina Moreno, a quem nunca conseguirei retribuir todo o amor recebido, por seus conselhos, paciência, presença, por tudo o que me disse com seu silêncio nos momentos mais difíceis e por, com sua calma e serenidade, nunca ter me deixado desistir.

Por fim, agradeço a Deus, pela presença em minha vida por diversas formas, entre elas, através das pessoas aqui citadas.

Se o respeito pelo homem estiver estabelecido no coração dos homens, os homens acabarão por estabelecer, em retribuição, o sistema social, político e econômico que consagrará esse respeito. Uma civilização funda-se, antes de tudo, na substância. Ela é, antes de tudo, no homem, o desejo cego de um certo calor. Em seguida, o homem, de erro em erro, encontra o caminho que conduz ao fogo.

Antoine de Saint-Exupéry

CATANELI, Pedro Francisco. **Manuel González Prada (1844-1918):** história, debate e pensamento. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Neste trabalho, estuda-se o pensamento político do peruano Manuel González Prada cujo caráter denunciador das desigualdades sociais e da pouca habilidade dos políticos na esfera pública, estava presente em seus escritos, principalmente após a derrota do Peru para o Chile na Guerra do Pacífico (1879-1883). Proveniente de família aristocrática, González Prada assumiu a postura de intelectual engajado, dissertando sobre assuntos cotidianos. Mediante ensaios e discursos buscou atacar as estruturas da política interna e os escritores que compactuavam com as permanências herdadas do período colonial. As obras *Páginas libres* (1894) e *Horas de lucha* (1908) foram as principais fontes usadas para analisar o seu pensamento, em diálogo com a sua vida e a historiografia sobre as suas obras. Suas idéias sobre a conduta peruana no embate contra o Chile, a importância da religião para a sociedade, o papel social que o escritor deve assumir, são alguns dos temas abordados.

Palavras-chave: Peru. Intelectuais. Engajamento político.

CATANELI, Pedro Francisco. **Manuel González Prada (1844-1918):** história, debate e pensamento. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

ABSTRACT

Herewith, González Prada political thought is studied as well as his denouncing profile in his writings about social problems and the politicians lack of will to deal with the public sphere, mainly after Peru was defeated by Chile during the Pacific War (1879-188). He was born in aristocratic family but assumed an engaged role as an intellectual writing about daily problems. Through his essays and discourses he criticized the internal politics structures and the traditional thinkers who were attached to the colonial heritage. *Páginas libres* (1894) and *Horas de lucha* (1908) were the main sources used to analyze his social and political thought in dialogue with Prada's life and the historiography about his works. His ideas on the Peruvian government conduction against Chile, the importance of Religion for society, the social role that a writer has to assume, are some of the subjects approached.

Keywords: Peru. Intellectuals. Political engagement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – GONZÁLEZ PRADA EM SEU CONTEXTO	17
1.1 BREVE SÍNTESE DA HISTÓRIA PERUANA	17
1.2 O SÉCULO XIX, A GUERRA DO PACÍFICO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS	25
1.3 MANUEL GONZÁLEZ PRADA (1844-1918)	38
CAPÍTULO 2 – COMENTARISTAS SOBRE AS OBRAS E VIDA DE MANUEL ..	54
2.1 JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI	54
2.2 RUFINO BLANCO-FOMBONA	57
2.3 LUIS ALBERTO SÁNCHEZ	59
2.4 EUGENIO CHANG-RODRÍGUEZ	62
2.5 JORGE BASADRE	64
2.6 JEAN FRANCO	66
2.7 ADÁM ANDERLE	67
2.8 RICARDO SIQUEIRA BECHELLI	69
2.9 THOMAS WARD	71
2.10 Walter Bruno Berg	73
CAPÍTULO 3 – O ENGAJAMENTO SOCIAL DE GONZÁLEZ PRADA	77
3.1 A GUERRA DO PACÍFICO	85
3.2 QUESTÕES RELIGIOSAS	90
3.3 FUNÇÃO SOCIAL DO ESCRITOR	97
CONCLUSÃO	106
FONTES	109
BIBLIOGRAFIA	110
ANEXO	116

INTRODUÇÃO

A compreensão histórica de uma obra política será mais completa quando o historiador alargar sua mira.
Marcos Antônio Lopes

A importância dos intelectuais no cotidiano de uma sociedade pode variar partindo da maneira como estes são vistos por outros e também pela forma como se enxergam no corpo social. A função que os intelectuais têm é um debate recorrente: devem ocupar papel privilegiado e exclusivo em relação às questões culturais? Estão aptos para colaborar com a política estatal devido à sua erudição e ao conhecimento privilegiado? Atualmente crescem os debates sobre os intelectuais, o seu papel no cotidiano de uma sociedade e as funções que devem desempenhar. O historiador Daniel Aarão Reis Filho caracterizou-os como “personagens culturais – criadores ou mediadores, ou ainda divulgadores, pouco importa – mas sempre situados como *peças políticas*”¹, considerados como homens de idéias. Embora haja a discussão sobre sua importância na sociedade, um dos mais célebres intelectuais quanto à ação política, em âmbito mundial, foi Jean-Paul Sartre, falecido em 1980.

A contenda sobre como devem se portar os intelectuais, se assumindo um papel de ativistas políticos ou afirmando-se meramente como eruditos alheios à realidade é uma discussão na qual se atém Norberto Bobbio. Em *Os intelectuais e o poder*², ele enfoca o problema das relações entre política e cultura; para isso contrapõe dois autores, Julien Benda e Antonio Gramsci. Para Benda, na medida em que o intelectual se faz político trai a cultura; enquanto para Gramsci, ao recusar ser político, o intelectual inutiliza sua cultura. Para resolver esse problema, Bobbio recorre a Benedetto Croce, para quem a força moral é fundamental para o intelectual, já que faz com que o homem de cultura não se torne escravo de paixões partidárias e cumpra seu dever como cidadão na sociedade; sem se tornar, assim, nem traidor, nem inutilizador.

Outro questionamento levantado por Bobbio refere-se à posição dos intelectuais na sociedade: formariam eles um grupo isolado e com função política própria? Para esquivar-se

¹ REIS FILHO, Daniel Aarão. Intelectuais e política nas fronteiras: entre reforma e revolução. In: _____ (org.). *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000, p.12.

² BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

da possibilidade de se verem alheios da realidade de seu país, os intelectuais teriam, em geral, radicalizado demais a ponto de ocuparem-se do poder da mesma forma que os políticos convencionais o fazem, presos a parâmetros limitados aos ditames dos partidos.

Rotular os intelectuais como grupo homogêneo de pensadores que, de alguma forma, influenciam uma determinada sociedade, parece-nos uma idéia equivocada. A influência do intelectual em um determinado grupo social existe, mas de apenas alguns intelectuais e não de todos. Bobbio aponta que não se deve enxergá-los como um grupo homogêneo, como se todos os intelectuais tivessem a mesma opinião sobre certo assunto, ao contrário, as divergências de pensamento entre os intelectuais são comuns e constantes.³ Segundo Marcos Antônio Lopes, o termo intelectual como denominação de um indivíduo ou grupo com determinadas teleologias surgiu e passou a ser utilizada na Europa ao final do século XIX:

De acordo com Carlo Marletti, a palavra *intellectual* apareceu na língua francesa na segunda metade do século XIX. O que havia de mais próximo a ela, anteriormente, era o conceito de *inteligencija*, neologismo de um romancista russo que Turgenev acabou divulgando.⁴

É conveniente salientar que antes do surgimento do “intelectual” como conceito bem definido, sua essência já existia anteriormente e era denominada de outras maneiras, entre elas, sábios, sapientes, doutos, *philisophes*, *clerics*, *hommes de lettres*, literatos, entre outras⁵. Os estudiosos da História Intelectual o definem como o escritor que utiliza sua retórica em favor de seus compatriotas defendendo valores universais como a verdade e a justiça. Assim, os filósofos da Ilustração podem ser considerados escritores que lutaram recorrendo à palavra.

Na América Latina, segundo Mansilla, os intelectuais estiveram na ambivalência entre a autonomia de pensamento e a influência de pensadores europeus, o que diminui o caráter autônomo. Os pensadores latino-americanos utilizam-se desde meados do século XIX do ensaio para manifestar suas aceções sobre a política, embora venham se tornando

³ *Idem*, p.116.

⁴ LOPES, Marcos Antônio. Pena e espada: sobre o nascimento dos intelectuais. In: _____ (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p.41.

⁵ BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, p.110-111.

menos influentes na política estatal desde a década de 1960, contudo, a problemática intelectuais e poder ainda é importante.⁶

Para Maria Susana Arrosa Soares,⁷ a função essencial do intelectual na América Latina foi e é de crítica social e compromisso com a verdade, fazendo com que participem das manifestações contra o despotismo das autoridades, sem serem neutros nas situações políticas cotidianas. Devem, sim, assumir postura autônoma em relação aos poderes instituídos para ter a liberdade de elogiá-los ou, como constantemente mais ocorreu, refutá-los por suas deliberações.

Ao tratar da questão da intelectualidade, cabe elucidar o tema no que tange à América do Sul, em especial ao Peru. Este é um país em que há tempos os intelectuais se dispõem, junto com o discurso e os sistemas de pensamento, a agir de fato mediante a elaboração de partidos políticos, de disputas eleitorais e da propagação de seus ideais para a nação. A atuação política de intelectuais na América do Sul não é exclusividade do Peru; exemplo disso é o Brasil, cujo presidente Fernando Henrique Cardoso, que governou de 1995 à 2002, foi professor universitário e lecionou em algumas das mais bem conceituadas universidades do mundo.

No Peru, o intelectual com atuação política de maior repercussão mundial na atualidade é o literato Mario Vargas Llosa que se tornou conhecido internacionalmente pelos seus romances. Vargas Llosa esteve presente com maior veemência nos debates políticos peruanos a partir dos anos de 1980, quando combateu a desestatização da economia peruana, em 1990 se candidatou à presidência da república, mas foi derrotado por Alberto Fujimori.

Entre os intelectuais peruanos que antecederam Vargas Llosa na atuação política merecem destaque José Carlos Mariátegui, jornalista e escritor que se tornou um dos maiores teóricos do marxismo na América Latina; Victor Raul Haya de La Torre, fundador da APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana) em 1924 no México; Jorge Basadre, considerado o maior historiador sobre período republicano do Peru, foi professor da Universidade Maior de São Marcos, diretor da Biblioteca Nacional e ministro da educação no governo de José Luis Bustamante y Rivero (1945); e Luis Alberto Sánchez, literato e historiador que foi líder do Partido Aprista Peruano e ocupou os cargos de senador e vice-presidente da república.

⁶ MANSILLA, H. C. F. Intelectuais e política na América Latina: uma breve abordagem e uma ambivalência fundamental. *Cadernos Adenauer*. Rio de Janeiro, n° 5, p. 13-46, fev. 2004, p.25.

⁷ ARROSA SOARES, Maria Susana. Os intelectuais latino-americanos: ontem e hoje. *Cadernos Adenauer*. Rio de Janeiro, n° 5, p. 127-140, fev. 2004, p.130-131.

A tradição peruana de intelectuais comprometidos com a política teve Manuel González Prada (1844-1918) como seu iniciador. Ele se utilizou da retórica e do momento conturbado pelo qual passou o Peru após a derrota para o Chile na Guerra do Pacífico (1879-1883) para elaborar modificações político-sociais e fundar um partido político que lhe daria a possibilidade de colocá-las em prática. É com González Prada que também surge entre os peruanos a literatura como ação política, já que este não a entendia desvinculada de teleologias políticas, sejam quais fossem e de quem a escrevesse. Acredita no poder das palavras e dos discursos como um meio para a transformação da realidade, meio este que deve estar aliado à ação.

Estudar o pensamento de González Prada é remeter-se ao início do pensamento de ruptura das estruturas coloniais e oligárquicas do Peru e visualizar o momento que antecede aos grandes pensadores peruanos do século XX. Destes, muitos foram leitores e alguns se deixaram influenciar pelos seus ensaios, tais como Mariátegui, Haya de La Torre e Sánchez. González Prada distingue-se dos intelectuais oligarcas por aproximar-se dos trabalhadores, ao ser contra os interesses da elite política e ao buscar inserir na sociedade peruana os indígenas que, vivendo nos altiplanos e não no litoral, quedavam-se distantes das decisões governamentais.

Pretendeu-se analisar o pensamento de González Prada mediante os seus ensaios e discursos contidos nas obras *Páginas Libres* (1894) e *Horas de Lucha* (1908), enfatizando os seus escritos políticos que vão de 1885 à 1908. Por serem duas obras as fontes do trabalho, tão pouco se pretendeu dar conta do pensamento de seu autor como um todo, já que a parte poética de sua produção está subtraída. Parte dos textos de González Prada foi perdida quando da tomada de Lima pelas tropas chilenas em meados dos anos 1880 e outros tantos desapareceram junto com os periódicos fechados pelo governo por circunstâncias diversas, ou seja, não se pode conhecer toda a obra do autor. Vale observar também que as fontes não estão “puras”, pois foram inseridas notas de rodapé e a linguagem foi “atualizada” no decorrer das edições⁸.

A participação no debate político e social de González Prada ocorreu através de discursos e ensaios, características da participação política dos intelectuais em seu tempo. O estudo de seus textos converge com aquilo que Bobbio definiu como característica dos

⁸ Os “erros” ortográficos das edições originais são propositais, pois neles há o intuito de diferenciar a língua falada no Peru do idioma falado na Espanha. O exemplo mais evidente está em *Páginas Libres*, obra que teve grande parte da ortografia modificada nas edições póstumas, divergindo da intenção do próprio autor.

intelectuais: refletir sobre os acontecimentos tendo como uma de suas funções escrever sobre eles⁹. Assim, González Prada faz parte daquilo que para Jean-François Sirinelli¹⁰ é função dos intelectuais, atuar mais na metapolítica (disseminação de idéias) do que na política (no sentido de disputa eleitoral).

Maria Izabel Moraes de Oliveira¹¹ define como comum o texto que trata de política torna-se antiquado, pois não busca um leitor eterno, mas pretende atingir um público de sua época. Assim sendo, ao trabalhar com o texto de cunho político, o historiador não deve atentar-se somente aos “elementos intemporais”, mas dar grande atenção ao contexto social e a própria vivência do escritor que auxiliam na compreensão de sua teoria política.

O estudo de González Prada e seu pensamento político no contexto peruano da passagem do século XIX para o século XX, principalmente após a Guerra do Pacífico é algo pouco abordado na historiografia brasileira. O trabalho mais aprofundado sobre este autor produzido no Brasil foi feito por Ricardo Siqueira Bechelli, em um estudo no qual o comparava ao brasileiro Manoel Bomfim, no que se refere às questões relacionadas ao anti-racismo no Brasil e no Peru de sua época.

Embora pouco conhecido do público brasileiro, o estudo do pensamento de Manuel González Prada atualmente é empreendido por estudiosos de diversos países da América e Europa, a ponto de, em janeiro de 2005, ter havido na Universidade Michel Montaigne, França, o colóquio internacional “Manuel González Prada em Bordeaux”. Em fevereiro de 2008, houve uma reunião em Baltimore, EUA, com pesquisadores de González Prada, organizada pelos Loyola College e Johns Hopkins College, com o título “González Prada e a tradição liberal”. Parte das exposições feitas no encontro de 2005 foi publicada no ano seguinte com o título de *Manuel González Prada: escritor de dos mundos* sob a coordenação de Isabelle Tausin.

A reedição dos escritos de González Prada no início do século XXI ocorreu por duas vezes em língua espanhola. Em 2004 a Biblioteca Ayacucho (Venezuela) compilou sob a direção de Oscar Rodríguez Ortiz alguns dos ensaios contidos em *Páginas Libres* e *Horas de Lucha* numa obra denominada *Pensamiento y librepensamiento* que faz parte da coleção “Claves de América”; em 2005 a editora limenha El Comercio publicou a obra *Páginas Libres* (mantendo

⁹ BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, p. 67-68.

¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 261.

¹¹ OLIVEIRA, Maria Izabel de Moraes. História intelectual e teoria política: confluências. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 60-61.

a palavra “páginas” com a grafia da primeira edição) na coleção “Peruanos Imprescindibles” numa tiragem de 58 mil exemplares.

Para a análise dos escritos de Manuel González Prada, a utilização teórica do conceito de intelectual dada por Bobbio dá-se pelo fato dele ser um liberal no sentido da definição dada por Nicola Matteucci¹² que considera como tal aquele que prima pelas liberdades individuais, como também postulava o escritor peruano. Desta forma, optamos por essa abordagem teórica em vez da análise marxista, em que figura um dos mais conhecidos estudiosos teóricos dos intelectuais, Antonio Gramsci. Já a metodologia para estudar o pensamento político de González Prada é o da História do Pensamento Político proposto nas décadas de setenta a oitenta, que busca sistematizar as idéias do indivíduo levando em consideração a relação do texto com seu contexto, relegando a intemporalidade da obra.¹³

No que tange à estrutura da dissertação, o primeiro capítulo trata do contexto em que viveu González Prada subdividido em três partes: a primeira com um breve histórico do Peru desde a chegada dos espanhóis com toda a sua organização institucional até o momento da independência política no início do século XIX; a segunda, o histórico oitocentista ressaltando a Guerra do Pacífico e seus resultados; por fim, uma breve biografia de Manuel González Prada com alguns dos principais aspectos da vida pública e privada do autor.

No segundo capítulo, há as interpretações sobre o pensamento gonzalezpradista durante oitenta anos, são explanações feitas por estudiosos de nacionalidades, convicções e tempos distintos. São dez escritores que teceram opiniões sobre González Prada; outros nomes relevantes na fortuna crítica estão contidos ao longo da dissertação, principalmente no terceiro capítulo.

Devido à complexidade do pensamento político de González Prada, foi necessário restringir-nos a alguns temas por ele debatidos durante sua vida, conforme último capítulo. Dessa forma, alguns assuntos foram relevados, o que não diminui a importância dos escritos de González Prada sobre outros aspectos da sociedade peruana de seu tempo. Assim, a maneira como ele interpretou a atuação peruana na Guerra do Pacífico; a presença da religião no

¹² MATTEUCCI, Nicola. Liberalismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 2 vols. Brasília: Editora da UNB, 2007. p. 688-689

¹³ LOPES, Marcos Antônio. Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 59.

Peru, em especial a Igreja Católica; e a função que o escritor deve ter na sociedade, foram os recortes feitos.

Por fim, realizou-se uma breve reflexão do que foi debatido nos capítulos anteriores não no sentido de chegarmos a uma assertiva única e definitiva sobre González Prada, mas com a possibilidade de deixar em aberto novos questionamentos sobre sua atuação política e o papel que o intelectual deve ter na sociedade.

CAPÍTULO 1 – GONZÁLEZ PRADA EM SEU CONTEXTO

*Os americanos do Sul não se conhecem uns aos outros,
como não conhecem aos próprios compatriotas.*
Manoel Bomfim

A história do Peru passou a ser escrita, segundo Franklin Pease¹⁴, a partir do século XVI com a chegada dos cronistas europeus, especialmente os espanhóis, ao Novo Mundo. Eles não tiveram como principal interesse desenvolver uma historiografia local posto que a proposta era relatar os triunfos dos conquistadores espanhóis a partir de visão hispânica da população autóctone. Segundo Eudoxio Ortega¹⁵, o primeiro historiador peruano data do século XVI, o mestiço descendente materno dos incas, Gómez Suárez de Figueroa (1539-1616), conhecido como Garcilaso de la Vega, pela sua extensa obra *Comentarios Reales* em que narra fatos e tradições incaicas e o contatos dos nativos com os espanhóis.

Entretanto, segundo Franklin Pease, a tradição historiográfica peruana somente se consolidaria a partir da década de 1870, com as obras de Mariano Felipe Paz Soldán, autor da trilogia *Historia do Perú independente* (editada pela primeira vez entre 1868 e 1888) e de Manuel de Mendiburu que elaborou o *Diccionario histórico-biográfico del Perú* (1874). O espanhol Sebastián Lorente também se dedicou ao Peru com a obra *Historia del Perú desde la proclamación de la Independencia 1821-1827* (1876).

1.1 BREVE SÍNTESE DA HISTÓRIA PERUANA

Quando da chegada das tropas do conquistador Francisco Pizarro à região noroeste da América do Sul, atual Peru, na década de 1530, os espanhóis se depararam com uma sociedade bem organizada, político e socialmente, que formava o Império Inca, cuja capital era

¹⁴ PEASE, Franklin. *Breve historia contemporánea del Perú*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 7-8.

¹⁵ ORTEGA, Eudoxio H. *Manual de historia general Del Perú*. Lima: Ediciones Los Andes, 1974, p.128.

Cuzco. Os incas, segundo Jorge Luis Ferreira, fixaram-se na região de Cuzco em meados do século XIII embora tenham passado a expandir seus domínios territoriais apenas no século XV, formando um extenso império, o maior de toda a América antes da chegada dos espanhóis:

Em pouco mais de um século, a pequena tribo dos Incas passa de uma pequena confederação no Vale do Cuzco para formar o Império mais vasto de toda a América pré-colombiana. Sob seu poder, foram incorporados centenas de grupos étnicos, culturais e lingüísticos, com aproximadamente 8 milhões de habitantes.¹⁶

Apesar do grande império, não há um consenso entre historiadores no que se refere à densidade populacional: enquanto para Ferreira a população girava em torno de 8 milhões de habitantes, Pease¹⁷ e Ortega¹⁸ estimaram cerca de 12 milhões e León Pomer aproximadamente 15 milhões¹⁹. Entretanto, há convergência entre esses autores no que tange à heterogeneidade do Império Inca, a conservação da tradição de cada região dava-se pelas unidades de produção agrícola, denominadas *ayllu*. O chefe local, o curaca, era o intermediário entre a população subordinada e o poder imperial, mantendo assim as tradições próprias de cada comunidade; segundo Pomer, no *ayllu* não havia direitos particulares sobre a terra:

A propriedade privada da terra teria inexistido dentro do *ayllu*; esta seria propriedade comunal e cada família-membro teria o direito ao usufruto de uma parte para sua manutenção. Também se atribui ao *ayllu* o caráter de um sistema de organização do trabalho cooperativo. Todos se ajudariam entre si.²⁰

Segundo Ferreira²¹ e Ortega²², as terras dos *ayllu* eram divididas em três partes: uma parte devia ser cultivada para o Estado Inca, outra para o deus Sol e a terceira era cedida pelo Inca, proprietário das terras, para o cultivo e uso da população. O poder imperial via no *ayllu* a forma de conservar as técnicas e tradições locais socializadas com outros membros do império

¹⁶ FERREIRA, Jorge Luis. *Incas e Astecas: culturas pré-colombianas*. São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 39.

¹⁷ PEASE, Franklin. *op. cit.*, p. 9.

¹⁸ ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.*, p.68.

¹⁹ POMER, León. *História da América hispano-indígena*. São Paulo: Editora Global, 1983, p. 29.

²⁰ *idem*, p.31.

²¹ FERREIRA, Jorge Luiz. *op.cit.*, p.42-43.

²² ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.*, p.90.

quando estes entravam em contato, em geral, ao prestar serviços ao imperador, trabalhando em terras distantes. Esse trabalho-tributo feito pelos habitantes do *ayllu* é denominado *mita* e foi mantido pelos espanhóis quando do domínio da região; ele não se limitava apenas ao cultivo das terras como também poderia ser pago com trabalho em minas, construções e até mesmo no serviço militar.

Devido ao grande tamanho do Império Inca, a unidade cultural se restringia a alguns elementos impostos aos subordinados: o culto aos deuses Viracocha – o Deus criador – ao Sol e ao Inca,²³ e o quíchua como língua oficial já que, segundo Pomer²⁴, havia mais de 700 idiomas no momento da conquista espanhola, com alguns predominantes como o aymará. Quase todas as línguas desapareceram após o domínio hispânico na região, restando as duas anteriormente mencionadas, principalmente entre os indígenas no Peru e na Bolívia.

Na chegada ao Império de Tawantinsuyo, como também era denominado o Império Inca, Pizarro deparou-se com uma guerra civil entre os herdeiros do trono, Huáscar e Atahualpa. Huyana Cápac, pai dos irmãos em conflito morreu em 1525, e segundo Ortega deixara o império dividido entre seus dois filhos:

Wayna Kápak, para unos murió de broncopulmonía y para otros de fiebre de viruela, después de 37 años de reinado. Al sentirse en trance de muerte hizo su testamento con um bastón, dividiendo el Imperio entre sus dos hijos, Waskar quedó como emperador en el Kosko y Atao Wallpa en Kitu.²⁵

Pizarro encontrou-se com Atahualpa em Cajamarca e prendeu-o concomitantemente à captura de Huáscar por seguidores de Atahualpa que, obedecendo ordens deste, executaram Huáscar. Os súditos de Atahualpa levaram à Cajamarca, em 1533, riquezas diversas, principalmente metais preciosos, de todos os cantos do império como forma de pagar o resgate do imperador. Após a chegada dos espanhóis à região do Peru, a atividade mineradora aumentou consideravelmente, principalmente a partir de 1533, conforme Pomer²⁶:

²³ Segundo Ortega, os estudos sobre a religião no Império Inca ainda são pouco esclarecedores. Embora houvesse deuses oficiais do império, havia também certa liberdade para o culto aos deuses locais de cada região. Ver: ORTEGA, Eudoxio. *op. cit.* p.94-95.

²⁴ POMER, León. *op. cit.*, p.29.

²⁵ ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.* p.75.

²⁶ POMER, León. *op.cit.*, p.140.

ANO	KG DE OURO	KG DE PRATA
1531	489	183
1532	489	67
1533	5.639	11.537
1534	3.470	56.534
1535	1.649	27.183

Entretanto, mesmo com a grande quantia de ouro e, principalmente, prata entregue aos espanhóis, em 1533, Pizarro ordenou a morte de Atahualpa e nomeou como novo imperador Tupac Huallpa, que também era filho de Huyana Cápac, e com quem foi à Cuzco enquanto aumentavam os saques dos conquistadores em diversas partes do império.

Tupac Huallpa foi envenenado sem o consentimento de Francisco Pizarro e Manco Inca, outro filho de Huyana Cápac se apresentou como legítimo sucessor do trono Inca. Pizarro aceitou-o porque, segundo Carmen Bernand e Serge Gruzinski, precisava de um “senhor natural” que o auxiliaria para legitimar seu poder²⁷. Primeiro Manco Inca colocou-se como aliado de Francisco Pizarro, mas depois convocou os habitantes de Cuzco para uma rebelião deslocando-os para as montanhas o que despovoou a cidade. Organizou, então, um ataque junto com um exército bem coordenado, vencendo as tropas de Hernando Pizarro, irmão de Francisco, embora Manco Inca não tenha tomado a cidade. Charles Gibson enfatiza que nas regiões com alta densidade populacional indígena, como o Peru, a resistência à adesão dos moldes europeizados era maior:

A própria comunidade indígena era uma instituição conservadora, o que dificultou a aculturação. A nostalgia dos esplendores desaparecidos do passado nativo era mais característica das cidades do Peru do que das do México, pois os governantes incas costumavam ser lembrados no teatro, nos cenários, nas descrições e na retratação da vida do antigo império inca. A ideologia incaica esteve presente, de alguma forma na primeira rebelião indígena do século XVIII, a de Tupac Amaru. No entanto, mesmo na ausência desse tipo de reminiscência, a comunidade indígena defendia característica e positivamente os valores indígenas.²⁸

Em 1535, Pizarro fundou a cidade de Lima, conhecida como Cidade dos Reis, naquele momento, aumentava a influência do conquistador Diego Almagro nas terras recém

²⁷ BERNAND, Carmem; GRUZINSKI, Serge. A conquista do Peru. In:_____. *História do Novo Mundo. Da descoberta à conquista, uma experiência européia(1492-1550)*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 530.

²⁸ GIBSON, Charles. As sociedades indígenas sob o domínio espanhol. In: BETHELL, Leslie (org.).*História da América Latina*. Vol.II. América Latina Colonial. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 1999, p.303-304.

descobertas, este recebeu do rei da Espanha, Carlos V, o título de governador de Nova Toledo, região ao sul de Cuzco (atual Chile), com baixa produtividade agrícola e menos metais preciosos em relação ao centro da colônia. Almagro reivindicou o domínio sobre a região de Cuzco e teve o apoio de Paulo Inca, irmão de Manco Inca, a pretensão de Almagro sobre Cuzco fez surgir conflitos entre os espanhóis na cidade; as tropas deste e as de Hernando Pizarro entraram em choque resultando na captura e decapitação de Almagro em 1538, após julgamento feito sem consentimento da corte de justiça espanhola, de modo que Hernando foi aprisionado assim que retornou a Espanha. A disputa ocorrida entre Pizarro e Almagro fez com que os partidários deste, liderados por seu filho, Almagro, o moço, assassinassem Francisco Pizarro em 1541.

A Coroa Espanhola organizou as colônias americanas incorporando o antigo Império Inca ao Vice-Reinado do Peru, capital Lima, fundado em 1542, cujo território também abrangia regiões que hoje pertencem a Paraguai, Chile, Equador, Bolívia e Colômbia.

Em 1544, o primeiro vice-rei do Peru, Blasco Nuñez de Vela assumiu o mandato, após o governo de Cristóbal Vaca de Castro, tendo que se confrontar com Gonzalo Pizarro, irmão de Francisco Pizarro, pelo comando do Peru. O embate encerrou-se em 1548, quando Pedro de La Gasca, enviado pelo rei para pacificar a região, capturou e matou Gonzalo; assim, La Gasca ficou conhecido como “pacificador do Peru”²⁹. Durante o período colonial, o Peru foi governado por 39 vice-reis, dentre eles, muitos já haviam governado o Vice-Reino de Nova Espanha. Segundo Ortega, estes governantes estavam aliados à aristocracia espanhola – dois deles eram cavaleiros, catorze marqueses, onze condes, dois príncipes, um duque, quatro bispos, três tenentes-gerais e um capitão.³⁰

As minas de prata da região de Potosí foram descobertas em 1545 e, segundo Pease³¹, tornaram-se o centro da economia colonial do Peru. Para a extração do metal, foi comum a utilização de mão de obra indígena pela mita, tributo incaico que foi remodelado conforme os interesses espanhóis a partir do vice-reinado de Francisco de Toledo (1569-1581). Ele também dividiu o Peru em distritos e compactuou com a Igreja Católica para a instalação do Tribunal da Inquisição na colônia. Segundo Ortega, a mita permaneceu durante o domínio espanhol até 1812, com algumas alterações:

²⁹ ORTEGA, Eudoxio H *op. cit.* p.168.

³⁰ *idem.* p.162-201.

³¹ PEASE, Franklin. *op. cit.*, p. 34.

La mita era un sistema de trabajo obligatorio, ya sea, semanal, quincenal, mensual o semestral como lo implantó en 1570 el ¡Sólon Peruano! – un insulto para los peruanos – Francisco de Toledo. Sus defensores han legado que era una institución incaica, sin tener en cuenta que la mita en el Inkanato tenía un gran sentido social de trabajo colectivo en beneficio de la comunidad. La mita de Toledo que muy bien han estudiado los Ulloa en sus Noticias Secretas de América, era inhumana, cruel, explotación y de exterminio. Ningún fin social perseguía sino el acrecentamiento de los mineros de Potosí, Huancavelica y otros, en beneficio del interés particular.³²

Paralela às explorações indígenas e africanas para a obtenção de riquezas minerais e agrícolas, houve investimentos na colônia pela Coroa, a Universidade de San Marcos, primeira universidade das Américas, foi fundada em Lima, em 1551. As atividades acadêmicas começaram em 1554, espelhadas no funcionamento da Universidade de Salamanca, remodelada em 1571. A imprensa também não tardou para ser instalada, segundo Pease³³, a primeira obra impressa em terras peruanas foi a “Doctrina Cristiana” no ano de 1584.

Já os assuntos políticos e judiciais ocorridos na colônia estavam sob a tutela do Conselho das Índias, que foi criado em 1571 e era responsável pela organização dos vice-reinos:

Reorganizado por Felipe II con sus ordenanzas de 24 de Setiembre de 1571, constituía un cuerpo jurisdiccional a todas las posesiones hispanas en América, tanto en el aspecto político como judicial. Como asesor del Rey trazaba todas las pautas para los virreyes y promulgación de pragmáticas, ordenanzas, como las célebres leyes de Indias, de sentido liberal y amplio.³⁴

A Casa de Contratación manteve o monopólio comercial espanhol no Peru enquanto que o Tribunal de Consulado tinha a função de instituição bancária no que tange a movimentação comercial e manufatureira na colônia. Os agrupamentos urbanos eram denominados de Cabildos ou Ayuntamientos que eram administrados pelos Corregimientos e estavam subordinados às Intendências, denominação para designar os atuais estados ou províncias.

³² ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.* p.206.

³³ PEASE, Franklin. *op. cit.* p.72.

³⁴ ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.* p.203.

Parte da população indígena fora redistribuída territorialmente com a implantação do vice-reino, os Repartimientos e as Encomiendas passaram a ser os tutores desses aborígenes. Segundo Ortega³⁵, o Repartimiento vinculava-se ao caráter econômico, no sentido de geração de lucro e exploração indígena, enquanto a Encomienda tinha características mais socializadoras no que se refere à inserção dos nativos nos moldes culturais europeus e na religião católica.

Segundo Josep Bardanas, no processo de organização política do vice-reinado do Peru, a Igreja Católica teve um importante papel no que tange ao domínio sobre os indígenas, embora nem sempre houvesse concordância entre religiosos e administradores políticos, principalmente em relação à maneira de lidar com a população autóctone:

La Iglesia de América tenía asignada una misión práctica: activar la sumisión y la europeización de los indios y predicar la lealtad a la corona de Castilla. Cualquier resistencia por parte de la Iglesia al cumplimiento de esta función se consideraba un problema político y como tal era tratado.³⁶

Também segundo Bardanas, a Igreja na colônia mantinha certa autonomia de Roma, isto porque as cartas do Papado para o Novo Mundo passavam antes pelo Conselho das Índias que filtrava as informações, ignorando ou alterando as ordens papais que divergiam dos objetivos da coroa espanhola. A Igreja Católica aliou-se ao Estado espanhol por sua incapacidade de fazer a catequização sem o apoio dos dominadores; primeiro havia a conquista militar e política, seguida pela religiosa, embora exista dificuldade nestas definições cronológicas. Em 1536 havia 14 dioceses na América hispânica; a de Lima, segundo aponta J. H. Elliott³⁷, foi transformada em arquidiocese em 1546, passando a servir como centro administrativo da Igreja nos domínios espanhóis ao sul.

As ordens religiosas foram de grande valia para a disseminação do cristianismo na América. No Peru, a primeira das ordens estabelecidas foi a dos franciscanos em 1534,

³⁵ *Idem.* p. 205.

³⁶ BARNADAS, Josep M. La Iglesia católica en la Hispanoamérica colonial. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de la América Latina*. América Latina colonial: Europa y América em los siglos XVI, XVII, XVIII. Vol.II. Barcelona: Crítica, 1998, p. 186.

³⁷ ELLIOTT, J.H. España y América en los siglos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de la América Latina*. América Latina colonial: Europa y América em los siglos XVI, XVII, XVIII. Vol.II. Barcelona: Crítica, 1998, p. 14.

também ganharam destaque os dominicanos, agostinianos e jesuítas. Os religiosos estiveram relacionados com o campo educacional como no caso dos jesuítas. Bardanas³⁸ enfatiza que, nos séculos XVII e XVIII, as ordens fundaram várias universidades, algumas exclusivamente para a formação de clérigos e as demais para dar legitimidade ao sistema colonial.

Os tribunais da Inquisição fizeram parte da realidade da América espanhola a partir de 1519³⁹, no Peru foi estabelecido em 1570 e sua extinção deu-se apenas na década de 1810. No período em que sua influência foi forte, os inquisidores procuraram evitar a entrada das religiões protestantes no Novo Mundo:

En vista de la sangrienta represión infligida por la Inquisición española a cualquiera que se pensase que tuviera la menor inclinación o simpatía hacia las doctrinas luteranas o protestantes, no sorprende, en absoluto, que no haya ninguna presencia significativa de protestantes en los dominios españoles de ultramar. Casi todos los casos que llegaron a la Inquisición se refieren a extranjeros – ingleses, franceses, holandeses, belgas y alemanes.⁴⁰

Embora a vigilância quanto à presença de outras doutrinas cristãs tenha sido eficaz, a Igreja Católica tornou-se detentora de grande quantidade de terras, além de receber, mensalmente, somas consideráveis de seus fiéis mediante dízimos e oferendas. Ortega⁴¹ entende o papel do catolicismo no Peru como elaborador de uma “ditadura espiritual”, deixando o viés religioso em segundo plano e colocando o enriquecimento material como primordial. Maria Ligia Prado⁴² enfatiza que às vésperas da independência, 1135 casas, das 2806 existentes em Lima, pertenciam à Igreja.

³⁸ BARNADAS, Josep M. *op. cit.*, p. 198.

³⁹ *Idem*, p. 199.

⁴⁰ *Idem*, p. 200.

⁴¹ ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.*, p.209.

⁴² PRADO, Maria Lúcia. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Editora Atual, 1987, p.09.

1.2 O SÉCULO XIX, A GUERRA DO PACÍFICO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

A passagem do século XVIII para o XIX representou grandes modificações nas colônias hispânicas; Prado⁴³ elucida que o comércio entre estas passou a ter maior ênfase e autonomia a partir da década de 1770, embora o comércio ultramarino continuasse dependente da Espanha. Os *criollos*, descendentes de espanhóis nascidos na América, tornavam-se um agrupamento cada vez mais numeroso, contudo os altos cargos políticos e até mesmo religiosos eram exclusivos dos espanhóis natos. Nesse contexto, as opiniões de Prado⁴⁴ e John Lynch⁴⁵ convergem no que se refere à tributação, para ambos as taxas cobradas pela Coroa espanhola tornaram-se mais altas a partir da segunda metade do século XVIII e as repressões aos que não os pagavam eram cada vez mais violentas.

No Peru, segundo Virgilio Roel⁴⁶, revoltas indígenas contra o domínio espanhol ganharam maior intensidade a partir da década de 1780 e serviram de exemplo para a população peruana do século XIX no que se refere às questões nacionalistas. O maior movimento do “nacionalismo inca” teria ocorrido em 1780, a Revolta de Tupac Amaru, cujo líder descendia da linhagem dos antigos incas, José Gabriel Cordurkanki, rebelou-se contra o poder instituído no Peru. Ele conseguiu reunir cerca de 60 mil nativos, obteve o apoio de diversas províncias e venceu as tropas pró-Espanha em diversos conflitos nos quais membros importantes da burocracia local foram mortos. Entretanto, Tupac Amaru foi capturado pelas tropas realistas em abril de 1871 e morto no mês seguinte.

Roel interpreta que Tupac Amaru foi o fundador de um nacionalismo humanista revolucionário peruano⁴⁷, reivindicando não apenas melhores condições de vida para os indígenas, mas para todos aqueles que se encontravam submetidos à tutela da oligarquia política dominante. Para Ortega⁴⁸, a Revolta de Tupac Amaru foi uma denúncia contra os abusos cometidos pelo poder real na colônia, o movimento buscava reformar o sistema político e

⁴³ *Idem*, p.07.

⁴⁴ *Idem*, p.07.

⁴⁵ LYNCH, John. As origens da independência da América Espanhola. In: BETEHLL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p.19-72.

⁴⁶ ROEL, Virgilio. *El Peru en el siglo XIX*. Lima: El Alba, 1986, p. 10.

⁴⁷ *Idem*, p.10.

⁴⁸ ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.*,p.218.

administrativo, diminuindo as desigualdades sociais; destarte, este autor, acredita que no fim do século XVIII haviam sido criadas as raízes da emancipação e da consciência nacional.

No início do século XIX, houve rebeliões de emancipação no Peru que, segundo David Bushnell, tornaram-se mais freqüentes após José Bonaparte, irmão do imperador da França, Napoleão Bonaparte, ter assumido o trono espanhol, em 1808, devido à sua incapacidade de manter o controle sobre as colônias americanas:

[...] na América espanhola também era patente a mesma aversão às coisas francesas que os excessos revolucionários tinham conseguido difundir entre os espanhóis e a intervenção da França na Espanha só fizera reafirmar. Por conseguinte, as conspirações bonapartistas tiveram pouco seguimento: no máximo, alguns oficiais superiores acalentaram por algum tempo a idéia de reconhecer José I.⁴⁹

Embora as mudanças na Coroa tenham influenciado os movimentos de independência na América espanhola, Ortega⁵⁰ ressalta que outros acontecimentos internacionais auxiliaram este processo, entre os quais a independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e o ideal de fraternidade difundido pelas Lojas Maçônicas. Ele também destaca como as condições internas, a exclusão social de mestiços e indígenas, a exploração de mão de obra indígena e a influência de alguns periódicos que desde o final do século XVIII incentivavam a liberdade política da colônia, com destaque para o *Mercurio Peruano*.

A autonomia política peruana iniciou-se na década de 1820, quando da chegada das tropas na região de Pisco comandadas pelo general argentino José de San Martín, que junto com Bernardo de O'Higgins, já havia articulado o processo de independência do Chile. Embora San Martín tivesse um exército em grande parte formado por chilenos e peruanos, Ortega e Roel destacam também a importância dos montoneros, agrupamentos formados por índios, negros e mestiços que se utilizavam de tática de guerrilha para prejudicar as forças reais em sua resistência às tropas libertadoras.

Apesar do vice-rei do Peru, Joaquín de Pezuela ter deixado Lima e renunciado ao seu cargo em 1821, os conflitos não cessaram naquele momento. Após o domínio da cidade de

⁴⁹ BUSHNELL, David. A independência da América do sul espanhola. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p.120

⁵⁰ ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.*, p.212-215.

Lima e a fuga das tropas realistas para as regiões montanhosas, San Martín proclamou a independência peruana em 28 de julho no mesmo ano. Naquele momento, o general argentino passou a ser considerado o libertador do Peru, conduzindo a política do país recém criado. No processo de independência, o exército sanmartiniano foi reforçado por combatentes mercenários europeus, principalmente nas vitórias marítimas. Roel ressalta a ação do almirante escocês, Thomas Cochrane, da antiga marinha britânica:

Desde el ángulo estrictamente operativo, el éxito de Cochrane tuvo su expresión en dos hechos altamente significativos: 1º) el dominio por los independentes de las vías marítimas del Pacífico, con su consiguiente apertura de las nuevas rutas de ataque; y 2º) la puesta a la defensiva del virreinato limeño, que perdió la iniciativa en las acciones, porque su impotencia le impidió atacar, al paso que quedó indefensa toda la costa peruana, con el resultado de que podrían ser atacados cualesquiera puntos del extenso litoral que comprendía el virreinato.⁵¹

Importante no momento inicial da independência, Cochrane deixou o Peru em outubro de 1821, por discordar da maneira que San Martín conduzia o país. Ele propunha a implantação de uma monarquia comandada por um europeu, o que não foi bem aceito pela sociedade peruana. A sua forma de governar também sofreu rejeições e ele passou a ser cercado por inimigos políticos a ponto de deixar o Peru em setembro de 1822, com o governo passando a ser exercido por uma junta temporária. Posteriormente assumiu como presidente José de la Riva Agüero, alvo de denúncias por parte do Congresso devido à má gestão dos bens públicos. Convém salientar que antes de deixar o poder, San Martín havia se encontrado com o destacado político e militar Simon Bolívar, em Guayaquil, para discutir a melhor maneira de conduzir a política peruana.

Em 1823, Simon Bolívar chegou ao Peru em um ambiente político conturbado de modo que o Congresso lhe conferiu plenos poderes, para que vencesse as resistências realistas existentes no Peru e assim, consolidasse a república. O exército passou a ser organizado por Bolívar apoiado pelos generais Andrés de Santa Cruz e o futuro libertador da Bolívia em 1825, Antonio José de Sucre. Bolívar ficou conhecido na história peruana como o “libertador” pois, sob o seu comando o exército venceu as últimas forças realistas que ainda resistiam à autonomia

⁵¹ *Idem*, p. 28.

peruana. Tradicionalmente, o marco da derrocada dos defensores da Coroa espanhola é a Batalha de Ayacucho, em dezembro de 1824. Entretanto, o prestígio do “libertador” como governante peruano só durou até 1826 quando os descontentamentos, principalmente da aristocracia, em relação à sua forma centralizadora de governar, fizeram-no renunciar perante o Congresso à função de chefe supremo do Estado peruano.

Roel chama o regime que se instaurou no Peru a partir da independência até 1879 de Primeira República ou “República das Frustrações”⁵², pois defende que o governo formado no país mantinha permanências em relação ao sistema colonial, como a sobreposição dos interesses particulares aos interesses coletivos. A instabilidade política foi constante, em 58 anos, de 1821 à 1879, houve 28 governantes diferentes, vale enfatizar que apenas um dos presidentes do período não foi militar⁵³.

No plano econômico, a independência política pouco contribuiu para uma autonomia de fato do país, isso porque sua base continuou sendo a extração de matérias-primas e metais preciosos; segundo Heraclio Bonilla⁵⁴, a exportação de prata ainda representava 90% das exportações peruanas em 1825, e 82% em 1840. Nesse período, a Espanha deixava de ser o principal parceiro comercial peruano e quem passava a ocupar tal posição era o Reino Unido, seguido por Estados Unidos e França, respectivamente. A partir da década de 1840 até 1879, a prata deixou de ser prioritária para a economia do Peru, que passou a ter crescente dependência da exploração e exportação do guano:

Do princípio da década de 1840 ao começo da guerra com o Chile, em 1879, a evolução econômica do Peru esteve na dependência, de um modo ou de outro, da exploração dos depósitos de guano das ilhas costeiras. A ausência de chuva ao longo do litoral peruano significava que o guano acumulado nas ilhas não perdia seu teor químico. [...] O uso do fertilizante peruano, a princípio limitado, cresceu progressivamente até que a recessão da Inglaterra e da Europa após 1873, a exaustão dos melhores depósitos de guano, a concorrência dos fertilizantes sintéticos e, finalmente, a tomada dos depósitos pelo exército chileno durante a Guerra do Pacífico, puseram fim ao grande desenvolvimento do guano peruano.⁵⁵

⁵² *Idem*, 107.

⁵³ PEASE, Franklin. *op. cit.*, p.283-284.

⁵⁴ BONILLA, Heraclio. O Peru e a Bolívia da independência à Guerra do Chaco. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p.543.

⁵⁵ *Idem*, p. 553-554.

Como fertilizante, o guano peruano teve alta receptividade na Europa cuja importação, até a década de 1840, principalmente pelo Reino Unido, provinha do litoral africano; entretanto, o guano produzido nas ilhas peruanas era melhor; para Emílio Romero⁵⁶, isso se devia à intensidade pluviométrica da região. A boa receptividade do produto fez com que em 1860 cerca de 80% das exportações peruanas remetessem à produção guaneira⁵⁷.

Entretanto, segundo Bonilla⁵⁸, a exploração do guano no Peru tem um papel paradoxal. Se por um lado contribuiu para a economia, a política e a modernização do país, como na construção de ferrovias, no desenvolvimento da navegação e no emprego do telégrafo, por outro, durante o seu auge houve empobrecimento, por não terem reinvestido o capital em melhorias sociais. As concessões para exploração foram feitas de maneira irregular, a sonegação de impostos tornou-se constante, a dívida interna e externa aumentou além da grande leva de imigrantes chineses que chegou naquele momento.

Esses “cules”, como eram chamados os chineses no Peru, eram empregados como mão de obra em condições semelhantes à escrava⁵⁹, principalmente na extração do guano, na agricultura e na construção civil e de ferrovias. Luis Glave e Cláudia Lauro⁶⁰ destacam a alta imigração chinesa para o Peru na segunda metade do século XIX e a exploração dos mesmos, entre 1849 e 1875 o número de cules que chegaram ao Peru foi cerca de 100 mil, a maior entrada de estrangeiros do período, enquanto os europeus emigrados não passavam de 25 mil.

Além do guano, o outro produto de grande destaque para a economia peruana na segunda metade do século XIX foi o salitre, encontrado principalmente na região de Tarapacá, fronteira com Antofagasta, Bolívia. A partir da década de 1860, começaram a haver concessões para a exploração do salitre que, na década seguinte, alcançou altos preços de venda como fertilizante. A presença de empresas estrangeiras na região sul do país tornou-se constante para explorá-la visando principalmente o mercado europeu, grande parte da produção era exportada através do porto de Valparaíso (Chile) e não por Callao, principal porto peruano, devido às melhores condições de navegação.

⁵⁶ ROMERO, Emilio. *Historia economica del Perú*. Tomo II. Lima: Editorial Universo, s/d, p. 95.

⁵⁷ ROEL, Virgilio. *op. cit.*, 153.

⁵⁸ BONILLA, Heraclio. *op. cit.*, p. 555.

⁵⁹ A escravidão negra no Peru foi abolida em 1854. Ver: KLARÉN, Peter P. As origens do Peru Moderno. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina de 1870 a 1930*. Vol.V. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2002, p. 322.

⁶⁰ GLAVE, Luis Miguel; LAURO, Cláudia Rosas. Imigração estrangeira para o Peru (1850-1930). In: FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p.509.

As modificações que ocorreram no Peru desde sua independência até a década de 1870 levaram José Carlos Mariátegui⁶¹ a rotular seu país como mantenedor de características aristocráticas. Viviam-se numa ilusão de riqueza apesar da separação dos países opulentos, seja pela distância geográfica, seja por suas reservas monetárias. Segundo ele, o problema econômico com o guano e o salitre dava-se por serem geradores de riquezas fiscais e não porque estivessem sob controle do Estado, já que a exploração dos recursos, em geral, estava sob responsabilidade de empresas internacionais, especialmente, chilenas e inglesas. Dessa forma, havia grande dependência de capital externo, principalmente inglês, má distribuição de renda e um erro central pela óptica de Mariátegui, deixar a engrenagem econômica de um país à mercê dos recursos naturais e da exploração estrangeira.

Outro problema econômico enfrentado pelo Peru no século XIX foi o da dívida externa, entre 1822 e 1824, foram contraídos em Londres dois empréstimos, totalizando 1.816.000 libras, para a consolidação da independência. A partir de meados do mesmo século, parte dos empréstimos recebidos teve como destino o pagamento dos anteriores, é o caso do crédito recebido dos ingleses em 1872, do qual cerca de 60% do valor foi utilizado para pagamentos de empréstimos feitos na década de 1860⁶². Para Roel, o aumento da dívida pública do Peru desse período ocorreu devido à alta corrupção existente no país⁶³.

Parte dos recursos monetários emprestados pelo Peru na década de 1860, principalmente em 1865 e 1866, esteve vinculado ao conflito do país com a Espanha nesse período, tal guerra foi denominada por Ortega como “segunda independência”⁶⁴. A Espanha projetava restabelecer colônias americanas; no Peru as pretensões eram principalmente sobre as ilhas, com destaque para a maior produtora de guano, as Ilhas Chincha. Contra as forças espanholas coligaram-se peruanos, chilenos, bolivianos e equatorianos que as derrotaram em 1866:

En previsión del conflicto, en diciembre de 1865, Perú, Chile, Bolivia y Ecuador habían firmado un tratado defensivo por el que se puso a las armadas de los cuatro países bajo un mando unido. El 7 de febrero de 1866 las escuadras enemigas se enfrentaron en Abtao, con resultados favorables a la escuadra aliada. [...] A las 9 de la mañana del día señalado (2 de mayo), los navíos españoles Villa Madrid, Numancia, Blanca, Resolución, Loa y Victoria se

⁶¹ MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1975, p. 8-11.

⁶² BONILLA, Heraclio. *op. cit.*, p. 558.

⁶³ ROEL, Virgilio. *op. cit.*, 185.

⁶⁴ ORTEGA, Eudoxio H. *op. cit.*, p. 383.

movieron hacia las instalaciones del Callao (el enemigo se disponía de 300 cañones a bordo, mientras el puerto contaba con 50 cañones de largo alcance). El cañoneo se inició cerca de las 12 del día y se prolongó hasta las 5 de la tarde, en que la escuadra hispana se retiró con sus navíos maltrechos; en el lado peruano las bajas fueron muy grandes, pero la victoria no hay duda que fue claramente nacional. El enemigo reparó sus averías en la isla de San Lorenzo, después de lo cual zarpó con destino a su país. Así terminó la guerra con España.⁶⁵

Este confronto com a Espanha na década de 1860 fez com que o Peru construísse seus principais navios de guerra até 1879, o *Huáscar* e o *Independencia* e passasse por um quadro político-econômico preocupante. Duas guerras contra os espanhóis em cerca de quarenta anos deixaram o país numa posição desfavorável tanto pelos danos materiais causados pelas lutas no quesito militar e social, como pelo déficit de membros do exército. As Forças Armadas peruanas somente seriam reformuladas e reorganizadas por completo durante a “República Aristocrática”⁶⁶ (1895-1919).

Dessa forma, historiadores como Franklin Pease⁶⁷, Peter Klarén⁶⁸ e Harold Blakemore⁶⁹ concordam que o Peru não estava apto a entrar em choque com o Chile em 1879⁷⁰. Embora a idéia sobre a debilidade peruana para o embate seja corrente, há outras versões como a de Affonso de Escragnoille Taunay⁷¹, cujo pensamento converge com Diego Barros Arana⁷² em rotular o Peru como uma nação difícil de ser vencida, visão que servia para enaltecer os feitos chilenos e seu patriotismo. O chileno Arana escreveu no calor da hora para legitimar as conquistas de seu país, tanto por considerá-lo mais “civilizado” como para fazer uso adequado das riquezas conquistadas, algo que, segundo ele, não estaria sendo feita pelos derrotados.

Assim, como no Peru, as regiões bolivianas com vastos recursos naturais também receberam capitais estrangeiros, destacando-se a presença inglesa e chilena, principalmente na província de Atacama, onde se instalaram empresas com concessão para a

⁶⁵ ROEL, Virgilio. *op. cit.*, p. 162-163.

⁶⁶ KLARÉN, Peter P. *op. cit.*, p.332.

⁶⁷ PEASE, Franklin. *op. cit.*, p.141-142

⁶⁸ KLARÉN, Peter P. *op. cit.* p.329.

⁶⁹ BLAKEMORE, H. O Chile da Guerra do Pacífico à Grande Depressão. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina, de 1870 à 1930*. Vol V. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2002. p.415.

⁷⁰ Sobre a impotência militar e econômica peruana para uma guerra com grandes proporções como a que enfrentou contra o Chile, ver: PEASE, Franklin. *op. cit.*, p. 141-142; e BLAKEMORE, H. *op. cit.*, p.415.

⁷¹ TAUNAY, Affonso de Escragnoille. *A Guerra do Pacífico. Chile versus Peru e Bolívia*. Companhia Melhoramentos, 1925.

⁷² Diego Barros Arana foi escritor chileno autor da obra *Historia de la Guerra del Pacífico (1879-1880)*. Cf. TAUNAY, Affonso de Escragnoille. *idem*. p.07.

exploração do salitre. A intensa atividade econômica na região na década de 1870 foi constante até 1878 quando o governo da Bolívia aumentou em 10 centavos o imposto de cada cem quilos de nitrato extraído. A Companhia de Antofagasta, principal exploradora da região, cuja diretoria era composta por ingleses e chilenos, recusou-se a pagar o tributo reajustado e o governo boliviano passou a confiscar e a vender as mercadorias e bens da empresa para receber os valores não pagos.

Devido à pressão da Companhia, o governo chileno em represália à atitude boliviana do aumento das taxas, ocupou militarmente o porto de Antofagasta em fevereiro de 1879 e declarou guerra à Bolívia e ao Peru em abril do mesmo ano. Começava então o embate que ficou comumente conhecido como Guerra do Pacífico (1879-1883), embora alguns historiadores como Virgilio Roel⁷³ e o brasileiro Francisco Doratioto⁷⁴ prefiram denominá-la de Guerra do Salitre. A ação militar chilena para o domínio da região boliviana de Atacama foi eficaz e rápida:

Em dois meses, as forças chilenas ocuparam a província de Atacama, na Bolívia. No final do ano, o exército boliviano havia sido totalmente derrotado. Todo território da costa da Bolívia – e uma parcela substancial de sua riqueza – foi perdido em caráter definitivo. Entretanto, não era intenção do Chile invadir o planalto; o principal inimigo era o Peru, e no restante da Guerra do Pacífico a Bolívia foi basicamente um espectador.⁷⁵

Segundo Roel, as ambições chilenas sobre o salitre da Bolívia e do Peru tinham apoio inglês, com quem havia convergência de interesses:

[...] es Inglaterra, y más específicamente, el capital inglés, el que apoyó a Chile; no dijo que lo haya hecho abiertamente el gobierno de ese imperio, porque lo que realmente ocurrió fui que la corona británica le dio una cobertura diplomática y sutil al apoyo militar que le dieron a Chile los directores de la economía británica.⁷⁶

⁷³ ROEL, Virgilio. *op. cit.*, p. 201.

⁷⁴ DORATIOTO, Francisco. A Guerra do Salitre. In: _____. *Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p.64.

⁷⁵ BONILLA, Heraclio. *op. cit.*, p. 587.

⁷⁶ ROEL, Virgilio. *op.cit.*, p. 249.

Os ataques chilenos se estenderam também ao Peru, pois desde 1873 este país tinha um acordo de defesa mútua com a Bolívia, além do sul do país, como Tarapacá, ser abundante fonte de salitre. A aliança Peru-Bolívia de 1873 já havia sido precedida por outra entre 1836 e 1839, quando houve a Confederação Peruano-Boliviana sob o comando de Andrés de Santa Cruz. Os governos do Chile e da Argentina repudiaram esta aliança e como setores da sociedade peruana discordaram do pacto, a coligação fracassou⁷⁷. Já o acordo de 1873 foi explicado por Clements R. Markham da seguinte maneira:

El prefacio de aquel tratado declaraba que su objeto era la mutua garantía de la independencia, soberanía y integridad territorial de ambos países y su defensa contra toda agresión exterior. Cada parte contratante se reservaba el derecho de decidir si el peligro que amenazaba a la otra caía dentro del espíritu del tratado. Pero si llegaba a declararse el *casus foederis*, las obligaciones estipuladas debían cumplirse. Disponíase enseguida que debían emplearse todos los medios conciliatorios para evitar la ruptura, y, en especial, que había de buscarse un arreglo por el arbitraje de una tercera potencia. Conveníase en que se solicitaría, en su oportunidad, la adhesión de los demás estados americanos a la alianza defensiva. Un artículo adicional estatuyó que el tratado se mantuviese secreto, mientras las partes contratantes no juzgasen necesaria su publicación.⁷⁸

Markham destaca que o pacto não se manteve secreto por muito tempo, o ministro chileno em Laz Paz soube do acordo já em 1874, embora o governo chileno afirmasse desconhecê-lo até 1879. A Argentina foi convidada a aderir-lo em 1877, o assunto chegou a ser debatido no Senado do país, mas sem sucesso à idéia de adesão aos países coligados⁷⁹.

As tropas chilenas ocuparam em 1879 a província peruana de Tarapacá e bloquearam os portos do país, o que afetou a economia, dificultando assim, as ações de contra-ofensiva. Concomitantemente, a política interna ficou desestabilizada com a deserção do então presidente, Mariano Ignacio Prado:

Ao mesmo tempo em que dominou o sul, o Chile bloqueou os principais portos peruanos, impedindo a saída dos principais produtos de exportação do país (guano, nitrato e açúcar) e conseguindo paralisar o esforço de guerra mediante a exaustão do tesouro nacional. Em meio a esses reveses, o presidente Mariano Ignacio Prado, num ato sem precedentes da parte de um líder nacional, abandonou o país e seguiu para a Europa, sob a pífia desculpa de levantar pessoalmente alguns empréstimos para sustentar o esforço de guerra.⁸⁰

⁷⁷ BONILLA, Heraclio. *op. cit.*, p. 552.

⁷⁸ MARKHAM, Clements R. *La Guerra entre el Peru y Chile*. Lima: Ediciones Tassorelo, s/d., p. 79.

⁷⁹ *Idem*, p.80.

⁸⁰ KLARÉN, Peter P. *op. cit.*, p.321.

Com a fuga de Prado, Nicolás de Piérola, personagem político advindo da aristocracia limenha, com o apoio dos militares, assumiu a presidência do Peru. No início de 1880, as províncias de Tacna e Arica foram tomadas pelo exército do Chile, em setembro do mesmo ano, o litoral norte do Peru foi ocupado, com saques constantes dos invasores; na ocupação elaborada pelos chilenos, destacou-se o general Patrick Lynch que chegou a ter sob sua responsabilidade o comando militar de mais de 3.000 soldados.

No processo de ocupação do Peru, as forças armadas chilena contaram com um auxílio importante para abreviar suas ações e alcançar as vitórias planejadas: os cules. A exploração e os maus tratos recebidos no Peru fizeram com que os chineses vissem os chilenos com simpatia e aderissem à sua luta, a ponto do general Patrick Lynch chegar a ser visto como um libertador. Para Diego L. Chou, a invasão do Peru deu aos chineses a oportunidade de romper com sua posição na estrutura social existente:

Al enterarse de la operación militar de Chile, los culíes trataron, con más entusiasmo, y por supuesto con mayores esfuerzos, de fugarse de las haciendas y, antes de salir, saquearon cuanto pudieron. Robaron lo que en ese estado de guerra era lo más importante: animales que les servirían de alimento (vacunos y lanares), y otros como transportes (acémilas).⁸¹

Em janeiro de 1881 ocorreu a invasão da cidade de Lima, naquele momento o governo de Piérola havia se transferido para o interior do país, onde tentou formar um exército de resistência, entretanto, a política interna não se encontrava coesa, já que simultaneamente, Francisco Calderón García, membro do Partido Civilista apresentou-se na capital como presidente e dispôs-se a negociar com os chilenos. O Peru esteve ocupado militarmente pelo exército chileno de 1881 até 1883, quando Miguel Iglesias tornou-se presidente e assinou o Tratado de Ancón com o governo chileno:

Iglesias conseguiu formar um novo governo e, em 1883, negociou um tratado de paz com o inimigo. Pelo Tratado de Ancón, o Peru cedeu ao Chile a região desértica de Tarapacá, ao sul, com seu importante centro produtor de nitrato, Iquique. Autorizou-o também a ocupar administrar as províncias de Tacna e Arica por dez anos, após o que seria realizado um plebiscito para determinar a posse final.⁸²

⁸¹ CHOU, D. L. Los chinos en la Guerra del Pacífico. *Revista de Historia de América*, Ciudad de México, nº 129, p. 197-224, jul./dez. 2001, p. 211.

⁸² KLARÉN, Peter P. *op. cit.*, p.324.

O término do conflito gerou sentimentos de revanchismo entre os peruanos, com debates e manifestações na política e também na cultura do país. Surgiram heróis nacionais, como o almirante Miguel Grau que morreu em conflito defendendo a soberania marítima peruana; e vilões, como o presidente Mariano Ignacio Prado que abandonou o país em meio aos percalços da guerra. Houve também uma série de propostas opostas que buscavam fomentar o crescimento nacional e desenvolvimento econômico. A oligarquia política peruana pretendia o êxito econômico, mas sem vinculá-lo à distribuição social da riqueza.

Segundo Romero, o território perdido pelo Peru compreendia cerca de 70.000 km² de uma região rica em salitre, cobre e prata⁸³; as anexações feitas pelo Chile, tanto de terras peruanas quanto de bolivianas, foram de fundamental importância para o desenvolvimento do país. John Charles Chasteen⁸⁴ elucida que as conquistas obtidas na Guerra do Pacífico tornaram-se a base da receita do governo chileno pelos quarenta anos seguintes, além de ter aumentado seu território em um terço.⁸⁵

O plebiscito que deveria ter ocorrido em 1893 nas regiões de Tacna e Arica para designar a que país pertenciam foi adiado constantemente pelo Chile. Para Jorge Basadre a demora para a resolução da questão por parte dos chilenos ocorreu para que houvesse a “chilenização” das regiões⁸⁶, a ponto das intimidações feitas aos peruanos que viviam em tais lugares ganharem características violentas. A partir de 1922, a arbitragem das regiões em litígio passou a ser feita pelos Estados Unidos; após sete anos de disputas diplomáticas, ambas as partes assinaram o Tratado de Lima, pelo qual a província Arica tornou-se oficialmente chilena e Tacna foi reincorporada ao Peru.

⁸³ ROMERO, Emilio. *op. cit.*, p.150.

⁸⁴ CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001, p. 147.

⁸⁵ COLLIER, Simon. O Chile da independência à Guerra do Pacífico. . In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p. 624.

⁸⁶ BASADRE, Jorge. *La vida y la historia (Antología)*. Lima: Editora El Comercio, 2005, p.124.

Mapa do Peru, Bolívia e Chile em 1879, antes da Guerra do Pacífico⁸⁷



⁸⁷ VARGAS UGARTE, Raúl. *Historia General de la Guerra del Pacífico*. Tomo I. Lima: Editorial Milla Batres, 1979. Disponível em: http://www.launion.edu.pe/sate/contenido/secundaria/quinto/Ciencias%20Sociales/Geograf%20Per%20Bolivia%20y%20Chile%20en%201879/mapas_1879_1929.htm. Acesso em: 20 fev. 2008.

Mapa da fronteira entre Peru, Bolívia e Chile em 1929⁸⁸:



⁸⁸ *Idem.*

1.3 MANUEL GONZÁLEZ PRADA (1844-1918)

A independência política peruana em 1821 foi seguida por duas tentativas de autonomia, a econômica e a intelectual em meados do século XIX; de maneira equivalente se inserem neste contexto outras nações recém independentes da América Latina. A partir de então, a política e a economia peruana passaram por transformações que foram do relativo poder aquisitivo nas cidades, principalmente em Lima e busca de um caráter cada vez mais nacionalista no país, para um Estado governado por homens de características individualistas, como o presidente Mariano Ignacio Prado, debilitado na economia tanto interna como externamente. Por outro lado, as artes sofreram modificações que podem ser vistas por uma óptica diferente, já que naquele momento houve a autonomia e modernização de diversos setores, destacando-se aqui as transformações literárias.

Segundo Angel Rama⁸⁹, houve um movimento de crescente autonomia das letras latino-americanas embora a influência européia, principalmente da Espanha, ainda fosse grande. A modernização da literatura, de 1870 a 1910, incluiu nomes como o do nicaraguense Rubén Dário e do uruguaio José Henrique Rodó, entre outros, cujas obras modificaram o estilo de escrita e trouxeram à tona temas que não eram muito debatidos até então.

Parte dos escritores que surgiram na América Latina na segunda metade do século XIX ganharam teor mais universalista a partir do contato com a literatura de outros países. Houve uma mudança no eixo do país europeu que mais os influenciava, perdeu força a Espanha e elevaram-se, neste sentido, os autores franceses. A busca pela modernização dos escritos tornou-se característica das ex-colônias espanholas como um todo, fomentada pela troca crescente de textos mediante os meios de comunicação, principalmente os periódicos, que também publicavam as idéias das nações vizinhas.

Destarte, após 1870 a literatura nacional voltada para o passado ganhou ênfase, ocupando um espaço até então ocupado quase exclusivamente pela literatura européia. Ainda segundo Rama⁹⁰, os escritores latino-americanos tinham consciência de sua posição no processo histórico de modernização da América não só na literatura, mas também em outros aspectos

⁸⁹ RAMA, Angel. *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p.66.

⁹⁰ Idem, p.92.

como o social e o político. A autonomia literária na América Latina que precedeu a sua modernização e ocorreu na primeira metade do século XIX, serviu como parte da construção das nacionalidades, foi realizada pela elite intelecto-cultural e não pelo povo, este mais voltado para as culturas de maior cunho oral.

Portanto, o século XIX foi uma época de grandes mudanças para a América Latina, e no Peru, em questões culturais e políticas. As letras peruanas modificaram-se em diversos sentidos, seja estilístico ou ideológico sendo que houve ícones que fizeram e influenciaram estas transformações, como Ricardo Palma e Manuel González Prada que foram, segundo Mariátegui, os dois maiores literatos da República⁹¹.

Deve-se citar, mesmo que breve e superficialmente, a obra de Palma. *Tradiciones Peruanas* remete-se ao colonialismo e fez seu autor carregar uma pejorativa fama de nostalgia à este período, embora a discussão sobre sua posição tenha acarretado debates entre defensores de seu arcaísmo e de sua inovação. Mariátegui defendia a posição de Palma como um inovador na forma de ver e descrever a Colônia, fazendo uso do sarcasmo como forma de crítica ao domínio hierárquico da Espanha e da Igreja no país, tal postura caracterizou o autor como popular e não distanciado demasiadamente em suas finalidades do que fez Manuel González Prada. Outros, como Federico More, taxaram Palma de extremamente acadêmico, distante dos menos intelectualizados e elaborador de uma obra sem significado histórico para o Peru⁹².

Já Manuel González Prada, tema deste estudo, utilizou seus escritos para adentrar no campo político⁹³ e criticar a sociedade contemporânea em diversos setores: a administração pública, as questões de erudição desnecessária que acabam servindo para distanciar o mundo letrado do não letrado, a posição privilegiada da Igreja no país, a questão da liberdade do indivíduo, os problemas econômicos, a questão indígena. Suas preocupações principais estavam em questionar o *status quo* da sociedade peruana, protestar sobre o modo como a Guerra do Pacífico foi comandada pelos políticos peruanos no momento em que ela ocorreu e também posteriormente, o que lhe aguçou sentimentos de revanchismo e nacionalismo e desprezo à classe política tradicional de seu país.

⁹¹ MARIÁTEGUI, José Carlos. *op.cit.*, p. 179.

⁹² MARIÁTEGUI, José Carlos. *op.cit.*, p. 176-180 Sobre as diferenças entre Ricardo Palma e Manuel González Prada ver também, SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Escritores representativos de América*. Vol.II. Madrid: Editorial Gredos, 1957, p. 63-64.

⁹³ RAMA, Angel. *op. cit.*, p.91.

Nascido em 1844 no berço de uma família católica, conservadora e oligárquica limenha que tinha raízes fortes no Peru desde a época do Vice-Reinado, Manuel González Prada, cujo nome de batismo era José Manuel de los Reyes González de Prada⁹⁴, ainda criança viveu entre 1855 e 1856 em Valparaíso, no Chile, pois seu pai, Francisco González de Prada exilou-se com a família, por motivos políticos, quando da chegada de Ramón Castilla à presidência peruana. Pouco tempo após tornar-se presidente, Castilla aliou-se aos seus antigos inimigos políticos no intuito de manter os liberais afastados do poder, destarte, os González de Prada retornaram à Lima.

No tempo passado em terras chilenas, Manuel aprendeu alemão e inglês e teve contato com a Química; voltando para Lima foi posto por seu pai no Seminário de Santo Toribio para tornar-se padre. Neste ambiente, ironicamente, conheceu um de seus futuros inimigos políticos, Nicolás de Piérola; não se adaptando ao pensamento católico e à vida clerical, Manuel saiu do seminário em 1860 e foi estudar no Colégio San Carlos, no qual não foi bom aluno, com exceção em Matemática e Química, tinha grande dificuldade nas aulas de Retórica, segundo Chang-Rodriguez:

Manuel no fue buen estudiante. Tuvo inmensas dificultades con la receptiva y la retórica. A la clase de gramática ni siquiera asistía; y cuando la hacía, no escuchaba la lección del profesor por encontrarse embebido con sus trabajos de química. Eran Química y Matemáticas las únicas asignaturas que le agradaban.⁹⁵

Ainda no período passado no Colégio San Carlos, Manuel começou a escrever poemas e publicá-los com pseudônimos, geralmente assinava como Roque Roca ou Genaro Latino, também começava a escrever peças teatrais e a fazer traduções do alemão, entre outros, traduziu obras de Goethe e Schiller. Em 1862, Manuel foi estudar Direito na Universidade de San Marcos, seu ingresso na universidade ocorreu mais pela vontade da família do que por sua aspiração, haja vista que pouco após a morte de seu pai, em 1863, ele abandonou o curso. Anos mais tarde, indiretamente, justificou sua deserção do curso de direito:

⁹⁴ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son los ríos. Historia y leyenda de los González Prada*. Lima: Universidad Mayor de San Marcos, 1977, p.18.

⁹⁵ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *La literatura política de González Prada, Mariátegui y Haya de la Torre*. Cidade do México: Ediciones de Andrea, 1957, p.55.

Ahí están nuestras universidades. ¿Qué bien hicieron, qué luz derramaron todos esos hombres que vivieron incrustándose en el cerebro la *Instituta* de Justiniano, el *Código Civil* o el *Derecho Canónico*? La instrucción universitaria sirvió para henchir de orgullo a los mediocres, infundir exageradas ambiciones en los ineptos y atestar la nación infatigables pretendientes a los cargos públicos.⁹⁶

Na década de 1860, Manuel já era simpatizante do pensamento liberal e escrevia artigos criticando a realidade peruana, entretanto, continuava assinando com pseudônimos, segundo Sánchez, para não chocar sua família, especialmente sua mãe, dona Josefa:

Nadie sospechaba, em casa de los González de Prada, que Manuel era el redactor de algunos virulentos comentarios sobre la realidad peruana. Doña Josefa, en la sobremesa, fenecido el “ofertorio de los choclos” dictó varias veces inapelable sentencia contra el misterioso, osado escritorzuleo, impió y descreído, para quien serían pocos todos los castigos del infierno. Manuel escuchaba en silencio, sin levantar los ojos del blanco mantel persignado por los cubiertos de plata maciza.⁹⁷

Manuel ganhou reconhecimento como poeta no Peru e nos países vizinhos e passou a assinar seus escritos como Manuel G. Prada, segundo Chang-Rodríguez⁹⁸, a supressão do “de” de seu nome (Manuel González “de” Prada) ocorreu pelo “de” remetê-lo à aristocracia que ele passava a rejeitar com mais veemência.

Vivendo de 1871 a 1879 em uma fazenda da família na região do Vale de Mala, próxima de Lima, Manuel González Prada dedicou-se ao cultivo da mandioca⁹⁹, estudos laboratoriais e de escritores, principalmente europeus, com destaque para o francês Victor Hugo. Em 1877, Manuel manteve relacionamento amoroso com Verónica Calvet, com quem teve uma filha, Mercedes, que ele não assumiu, segundo Sánchez, este episódio é uma incógnita sobre a

⁹⁶ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Instrucción católica. In: _____ *Páginas Libres. Horas de Lucha*. Org. Luis Alberto Sánchez. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1975, p. 76.

⁹⁷ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Don Manuel*. Lima: Populibros peruanos, s/d, p.55-56.

⁹⁸ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op.cit.*, p.57.

⁹⁹ BASADRE, Jorge. *História de la Republica del Peru, 1822-1933*. Vol. IX. Lima: Editorial Universitaria, 1969, p.220.

vida dele,¹⁰⁰ Sánchez não compreende os motivos que levaram Manuel a não aceitar a filha e o relacionamento com Verónica.

O cotidiano de Manuel González Prada foi modificado quando o Chile declarou guerra ao Peru em abril de 1879, iniciando a Guerra do Pacífico, ele então foi à Lima se alistar no exército para a defesa da nação, tornado-se Oficial de Reserva e participando diretamente do conflito a partir de dezembro de 1880, quando Nicolás de Piérola convocou os reservistas do exército. É necessário expor que no início do confronto, Manuel já era conhecido por seus escritos; embora ainda fossem em sua maioria na forma de poesia¹⁰¹, havia neles uma crítica social que se aguçou no pós-guerra. Entretanto, antes do conflito utilizou-se de versos para criticar a sociedade peruana através de metáforas, como em *Cura y corregidor* no qual enaltece a resistência indígena perante o domínio europeu, não somente no momento da conquista, mas também em seu próprio tempo:

[...] Dice, y se arroja el furioso
Corregidor a clavar
En las entrañas del Indio
Un afilado puñal.

Paso a paso el asesino,
Sin bullir ni respirar
Abandona el calabozo
De tiniebla y humedad;

Mas el Cura, ante el cadáver
Se arrodilla en santa paz,
Y el oficio de difuntos
Empieza humilde a rezar.¹⁰²

Em janeiro de 1881, Manuel defendia o reduto de El Pino e, com exército peruano debilitado, lutou contra as forças chilenas até acabar a munição, ficando impossibilitado de continuar a batalha. Após a derrota, os combatentes peruanos de El Pino não deixaram seus armamentos às guarnições inimigas, antes de recuar até Lima, segundo Sánchez:

¹⁰⁰ SÁNCHEZ, Luis Alberto *Nuestras vidas...*, p. 399-400.

¹⁰¹ Luis Alberto Sánchez classificou González Prada como autor de “poesia social”. Ver: SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas...*, p.48.

¹⁰² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Baladas peruanas*. Lima: Librería y distribuidora Bendezu, 1969. p.105-108.

Al llegar la noche, estaba perdida la batalla. ¡Con qué rabia miraba Prada, el desbande y las cargas de la caballería enemiga persiguiendo a los fugitivos! Decidido a cumplir su deber hasta el fin, sin muestra de debilidad, recordó su promesa de no permitir que sus cañones cayesen en poder del invasor. Lavergne le ayudó, y, entre ambos, barrenaron las baterías, llenaron de dinamita los agujeros, y volaron los cañones, ¡sus cañones!¹⁰³

A participação efetiva no confronto com o Chile e a derrota em um dos principais redutos de defesa de Lima em El Pino, conhecida como a Batalha de Miraflores, fez com que, voltando à capital, González Prada se enclausurasse em sua casa, de 1881 à 1884, posto que não admitia a invasão e domínio dos chilenos em seu país, nem aceitava que políticos peruanos negociassem e trabalhassem com os invasores, em colaboração com estes. Nesta época, Manuel escreveu diversas poesias e peças teatrais, recebia visitas de amigos e de escritores e passou a ter relação mais próxima com Adriana de Verneuil, francesa, cuja família emigrara para o Peru e mantinha contato com os González de Prada; em 1887, Manuel e Adriana casaram-se em Lima.

Entre 1883 e 1885, Manuel escreveu inúmeros ensaios e poemas que foram publicados por diversos periódicos e esteve vinculado ao Club Literario, agrupamento que reunia as principais personalidades literárias de Lima, incluindo Ricardo Palma. Em 1884 chegou a ser vice-presidente do clube no qual, segundo análise de Sánchez¹⁰⁴, buscou enfatizar o sentimento patriótico, tornando-se exemplo para os jovens revolucionários peruanos. Contudo, sua vinculação com a Club Literario extinguiu-se em 1885, quando junto com um grupo heterogêneo de intelectuais peruanos, fundou o Círculo Literario vinculando à literatura um papel social e político efetivo. Diferente do que ocorria com o Club Literario, o Círculo Literario propunha inovação nas letras peruanas para que ganhassem características próprias, algo que até então não teria ocorrido na concepção do autor: “En literatura, como en todo, el Perú vivió siempre de la imitación.”¹⁰⁵

Em 1887 Manuel tornou-se presidente do Círculo Literario, enfatizando ainda mais a função política da literatura e criando as bases para a posterior fundação de um partido político, além de aumentar os eventos abertos ao público em geral onde se tornou usual que os

¹⁰³ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Don Manuel...*, p.85.

¹⁰⁴ *Idem*, p.94-95.

¹⁰⁵ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Conferencia en el Ateneo de Lima. In: _____ *Páginas Libres...*, p. 4.

participantes do Círculo Literario discursarem; Manuel era uma exceção, seus escritos eram discursados pelo equatoriano Miguel Urbina, devido ao nervosismo, timidez e miopia do autor.

Segundo Klarén:

Com efeito, seus moralistas questionaram pela primeira vez a própria legitimidade da classe dirigente do Peru. Criticou impiedosamente os líderes do exército, os fazendeiros e os padres – em suma, os governantes do país – por sua incapacidade de organizar e dirigir com eficiência a nação. Na verdade, responsabilizou-os pela derrota do Peru, acusando-os de colocar seus próprios interesses pessoais e classistas acima dos interesses da pátria. Além disso, argumentou, foi uma loucura admitir que se pudesse realizar a integração nacional sem uma revolução social que libertasse as massas oprimidas de camponeses índios, que constituíam o próprio núcleo da incipiente nação peruana.¹⁰⁶

Os ataques de Manuel González Prada à estrutura política e social do Peru fizeram com que o governo proibisse a publicação de seus textos em periódicos, principalmente após o *Discurso en el Politeama* em 1888; todavia, sua popularidade aumentava junto com a propagação de seus pensamentos:

En este discurso del Teatro Politeama, González Prada echó al viento su cerébre frase “Los viejos a la tumba, los jóvenes a la obra!”, con la cual entró de lleno en la conciencia de la juventud liberal del Perú. El gobierno prohibió la reproducción del discurso, pero *La Luz Eléctrica* lo reprodujo en tres ediciones consecutivas. Entonces otros periódicos, con *El Porvenir*, y *La Voce d’Italia* de Lima, también lo reprodujeron.¹⁰⁷

No início de 1888 nasceu a sua primeira filha, Cristina que faleceu logo depois; no ano seguinte repetiu-se o fato com o segundo filho, que levou o nome do pai. Nesta época, surgia a proposta de transformar o Círculo Literario em um partido político. O presidente peruano Remigio Morales Bermúdez convidou Manuel para assumir diversos cargos em seu governo, até mesmo de senador, mas as tentativas foram frustradas devido às divergências políticas entre o escritor e o governo, para ele, naquele momento, vincular-se a um cargo público, limitaria sua

¹⁰⁶ KLARÉN, Peter P. *op. cit.* p.326-327.

¹⁰⁷ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p. 62.

ação como escritor: “El escritor que paladea la miel de um cargo político, enmudece o aplaude.”¹⁰⁸

Em maio de 1891 foi fundada a Unión Nacional ou Partido Radical, cujo primeiro presidente foi Manuel González Prada; mas um mês após a fundação do partido, ele viajou com a esposa para a Europa, onde viveu até 1898, justificado por Sánchez:

La Unión Nacional, recién formada iba a sufrir su prueba más dura. En los salones del local del Partido, se discutía acaloradamente la resolución del jefe. Muchas veces le habían oído decir: “Ni el “Círculo Literario”, ni “La Unión Nacional” son González Prada, González Prada les pertenece a ellos”. También le habían oído opinar en el sentido de que los miembros de la Unión Nacional eliminasen todo supuesto caudillaje y se alejaran de las sinecuras, para no caer en el “ventralismo”.¹⁰⁹

Béatrice Chenot também interpretou os anos passados por González Prada em terras européias:

En el caso de Manuel y Adriana González Prada, el viaje a Europa corresponde a un deseo de distanciarse de la realidad peruana, para colmar anhelos insatisfechos hasta ese momento: conocer a escritores, leer obras inasequibles en una biblioteca limeña, seguir gracias a la prensa el debate de ideas que inervan una actualidad polémica e inciden en los acontecimientos políticos. Con el propósito de observar el concreto la vida diaria de las gentes en Europa, el viaje se erige así en ejercicio impostergable de observación, ya no de hechos de la vida política y mundana das élites, sino más bien del pueblo, en su devenir cotidiano, sus luchas por avances sociales.¹¹⁰

Manuel e Adriana moraram primeiro em Paris, onde nasceu o terceiro filho do casal, Alfredo. Nesta cidade publicou a primeira edição de *Páginas Libres* em 1894 pela imprensa de Paul Dupont, edição bem recebida pelos seus amigos e distribuída por um deles, Abelardo Gamarra. Em terras parisienses também se interessou pelas letras e cultura em geral:

¹⁰⁸ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: *Páginas libres...*, p. 106.

¹⁰⁹ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Don Manuel...*, p.125.

¹¹⁰ CHENOT, Béatrice. De uma orilla a outra: perspectivas francesas em el testimonio de Adriana González Prada. In: TAUZIN, Isabelle(org.) *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p.33.

En Paris don Manuel trató de ensanchar sus horizontes mentales y asistió al *Collège de France* a escuchar al locuaz Renán; también se interesó en los estudios orientales y continuamente asitió a las conferencias del célebre sinólogo Maspero y del experto en literatura china D'Herby de Saint Denis. Asimismo, lo fascinaban las clases de Barbier de Maynard, sobre lenguas arábicas, y las de Clermont-Ganneau, sobre inscripciones hebraicas en Jerusalén.[...]

A menudo asistía al *Théâtre Français* a ver representar las obras clásicas y pronto reanudó sus visitas al *Collège de France*, a la Sorbona, a la Biblioteca Nacional, al Museo del Louvre y a la Opera. Después de la muerte de Renán, fue escuchar las lecciones de Filosofía Positiva que dictaba Louis Menard.¹¹¹

Além da França, a família González Prada esteve em outros países europeus, como Espanha, onde viveu cerca de um ano, Bélgica e Inglaterra. Embora fora do Peru, Manuel continuava sendo referência aos partidários da Unión Nacional, haja vista que foi reeleito como presidente do partido em 1892, mesmo sem estar presente em seu país.

Ao retornar à Lima em 1898, Manuel encontrou a Unión Nacional próxima ao Partido Liberal peruano e opôs-se à essa união. Voltou a escrever para diversos periódicos como *El Independiente* e utilizou-se de um pseudônimo criado no tempo de passado na Espanha, Luis Miguel, para assinar alguns ensaios publicados pelos periódicos *Germinal* e *Los Parias*. Quase todos os periódicos nos quais Manuel escrevia naquele momento foram fechados pela censura do governo de Nicolás de Piérola e, segundo Hugo García Salvatecci, a maioria estava imbuído por características anarquistas.¹¹²

Devido à aproximação entre a Unión Nacional e o Partido Liberal, Manuel desvinculou-se de seu partido em 1902 e recusou a proposta de ser lançado como candidato à presidência do Peru pela coligação feita entre ambos. Naquele momento aproximou-se mais dos trabalhadores e dos estudantes universitários, reunindo-se com estes constantemente em sua própria casa, que anteriormente havia sido ponto de encontro dos partidários da Unión Nacional.

Em 1908, Manuel compilou seus principais artigos na obra *Horas de Lucha* e no ano seguinte lançou *Presbiterianas*, obra de poemas satíricos. Embora desligado da política institucionalizada, González Prada continuava a publicar e mantinha o prestígio perante a intelectualidade peruana:

¹¹¹ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p.64-65.

¹¹² SALVATECCI, Hugo García. *El anarquismo frente el marxismo en el Perú*. Lima: Mosca Azul Editoriales, 1972, p. 114-115.

El grupo variaba. Muchos jóvenes escritores acudían a conocer al Maestro. Enrique Bustamante y Ballivián y Julio Hernández, que publicaban la revista “*Contemporáneos*”, admiradores del jefe de los demócratas, escuchaban estupefactos a don Manuel. En cambio, Francisco Loayza y Florentino Alcorta sonreían con malicia ante cada arremetida. Algunos amigos de Alfredo le pedían, por favor, que les presentase a su padre. No pocas veces concurrieron a la sala de Prada el doctor Riva Agüero y Osma que había publicado un sesudo ensayo sobre la literatura del Perú Independiente, dedicando largo y encomiástico comentario a don Manuel; y el laureado poeta José Gavez.¹¹³

Após muita insistência por parte do governo de Augusto B. Leguía, Manuel assumiu a direção da Biblioteca Nacional do Peru, em 1912, convém salientar que teve como seu antecessor na direção da biblioteca seu “inimigo intelectual” Ricardo Palma. Manteve-se no cargo até 1914, quando renunciou no momento em que o governo peruano passou às mãos dos militares na figura de Óscar R. Benavides. Embora estivesse fora do cargo que ocupara nos dois anos anteriores, González Prada continuava como referência à juventude intelectualizada peruana:

Otros escritores más mozos le rodeaban ahora. Antonio Garland, Pablo Abril de Vivero, Félix del Valle, el adolescente José Carlos Mariátegui – magro, pálido, cojiranqueando – acudían en compañía de Alfredo a casa de don Manuel. No faltaban tampoco los obreros socialistas como Del Barzo. Ni fieles amigos personales como José Bernardo Goyburú.¹¹⁴

Manuel esteve afastado por dois anos da Biblioteca Nacional enquanto Óscar R. Benavides esteve no comando do Peru, mas em 1916, após os militares deixarem o governo, González Prada reassumiu seu antigo posto. Segundo Chang-Rodríguez, houve a aproximação entre três dos principais influenciadores do pensamento liberal peruano naquele período, Manuel González Prada, José Carlos Mariátegui e Víctor Raúl Haya de la Torre:

No solamente los limeños como Mariátegui, Federico More, Eguren, Gibson, iban a escuchar don Manuel; también iban provincianos de todas las edades, pero sobre todo, jóvenes de promesa como César Vallejo, Abraham Valdelomar, Alberto Guillén y Alberto Hidalgo. En abril de 1917 un joven trujillano que había trasladado su matrícula de la Universidad de La Libertad a la de San Marcos, vino a saludarlo a la Biblioteca Nacional. Ese joven que más

¹¹³ GHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p. 175.

¹¹⁴ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Don Manuel...*, p.192.

tarde sería el fiel continuador de sua obra era Víctor Raúl Haya de la Torre. Así es cómo durante el período de los años bélicos el destino había unidos a los tres hombres que hasta hoy más han influido en la historia del pensamiento liberal de la izquierda peruana.¹¹⁵

Com a saúde um tanto debilitada, Manuel passava a conviver com síncope constantes, ainda assim mantinha-se continuamente no trabalho na Biblioteca Nacional. Aos 74 anos de idade, em 1918, González Prada, no dia 22 de julho, faleceu na sua casa em seu horário de almoço após ter trabalhado pela manhã na Biblioteca Nacional. O motivo da morte, segundo Sánchez, uma violenta síncope¹¹⁶.

Os escritos de Manuel González Prada apresentam um misto de frustração e rancor devido à atmosfera de derrota que existia no Peru, conforme já ressaltado antes por Sánchez¹¹⁷ e Basadre¹¹⁸. Ele se utilizou principalmente dos discursos e ensaios para evidenciar que a precária situação vivida no país tinha seus culpados. Assim sendo, tirá-los do comando implicaria numa primeira transformação que só cessaria após a posse dos territórios perdidos para o Chile. Suas obras ganham destaque tanto pelo conteúdo ideológico como também pelo caráter literário, já que faz parte do momento de modernização literária no Peru, um processo vivido na América Latina. Mariátegui elucida sua importância nas modificações das letras peruanas:

O autor de *Páginas Libres*, surge como escritor de espírito ocidental e de cultura européia. Mas, dentro da peruanidade ainda por definir-se, exata, por que considerá-lo como o menos peruano dos homens de letras que a representam? Por ser o menos espanhol? Por não ser colonial? A razão torna-se paradójica. Por ser a menos espanhola, por não ser colonial, sua literatura denuncia exatamente a possibilidade de uma literatura peruana. É a libertação da metrópole. É, por fim, a ruptura com o Vice-Reinado.¹¹⁹

Manuel González Prada foi um defensor da autonomia peruana em todos os quesitos, seja político, social ou intelectual, acreditava que até mesmo o idioma peruano deveria ter suas particularidades em relação às outras nações de língua espanhola. Em tom provocativo e

¹¹⁵ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p.71-72.

¹¹⁶ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Don Manuel...*,p.207.

¹¹⁷ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Escritores representativos...*, p.63.

¹¹⁸ BASADRE, Jorge. *História de la Republica ...*, p. 232.

¹¹⁹ MARIÁTEGUI, José Carlos. *op. cit.*, p. 181.

anti-acadêmico, na primeira edição de *Páginas Libres* em 1894, o autor troca o “g” pelo “j”, além de fazer também a substituição do “x” pelo “s” para dar características locais à língua, sobre isso Sánchez concluiu:

A la hora de aplicar sus conceptos, no vacilará en llevar a cabo algunas modificaciones ortográficas en la primera edición de *Páginas libres*. Eliminará la “g” donde suene “j” (jenio, pájina, jemido, jiro); la “x” donde suene “s” (españdir, estender, esplicar); remozará la contracción en las formas del, della, deste, desta, dese, desa; introducirá formas estróficas y giros expresivos de diversos idiomas, adaptándolos al genio del castellano, que conoció a maravilla, como más tarde Rubén.¹²⁰

Suas inovações no idioma foram desfeitas por outros em edições posteriores de seus escritos, assim, na edição de suas principais obras utilizadas neste estudo¹²¹, há apenas um de seus artigos mantidos no original, é um ensaio do livro *Páginas Libres* de 1894 denominado *Notas acerca del idioma* escrito em 1889. Nele há uma crítica ferrenha aos rodeios acadêmicos que eram necessários para que um texto fosse rotulado como interessante e agradável pela elite político-religiosa do país; isso porque acreditava que a língua não é imutável, ao contrário, localmente suas transformações lhe dariam uma posição ímpar. Assim, confirma-se que sua preocupação maior é com o conteúdo e não com o estilo, embora também não descuide deste; utilizou-se de metáforas que lhe renderam diversas críticas, algumas ingênuas (ou ao contrário, extremamente malvadas), como sobre o *Discurso en el Politeama* (1888), onde ele diz:

En esta obra de reconstitución y venganza nos contenemos con los hombres del pasado: los troncos añosos y carcomidos produjeron ya sus flores de aroma deletéreo y sus frutas de sabor amargo. ¡Que vengan árboles nuevos a dar flores y frutas nuevas! ¡Los viejos a la tumba, los jóvenes a la obra!¹²²

Neste, como em outros casos, o que parece óbvio nem sempre foi visto da mesma forma no momento de seus escritos, possivelmente não o foi de propósito, *viejos* para González Prada é uma junção de conservadorismo aristocrático, clericalismo, arcaísmo nas

¹²⁰ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Escritores representativos...*, p.66.

¹²¹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Páginas Libres. Horas de Lucha*. Org. Luis Alberto Sánchez. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1975.

¹²² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Páginas Libres...*, p. 46.

relações internacionais e Estado altamente burocrático e censorador; nem todos assim o entenderam, como também diversas outras de suas metáforas foram motivos para acusações de preconceituoso ou insensível. Segundo Basadre¹²³, algumas dessas críticas teriam sido elaboradas por Ricardo Palma.

González Prada escreveu até pouco tempo antes de sua morte em 1918, e seus escritos sempre estiveram vínculos com sua experiência na Guerra do Pacífico, como elucidou Sánchez no prefácio da reedição de sua obra: “La guerra del Pacífico dio vida al prosista González Prada”¹²⁴. Destarte, o axioma dos escritos de González Prada divide-se entre a inovação literária e a inquietude social. Embora tenha apenas um artigo especialmente desenvolvido sobre o confronto contra o Chile, seus textos estão repletos de sentenças que buscam a vingança e, mais do que isso, o retorno da honra ao território peruano. Como livre-pensador, modo pelo qual se auto-intitulava, buscou acima de tudo a soberania nacional e a restauração da dignidade no país, colocando como primordial as reformas sociais¹²⁵.

Fundador de associação de literatos e de partido político, González Prada foi precursor no Peru de algo que se tornaria usual, a ação política dos intelectuais buscando amenizar as diferenças sociais existentes no país. Na mesma senda de González Prada destacaram-se, posteriormente, intelectuais influentes entre os peruanos nos demais países latino-americanos tais como José Carlos Mariátegui, Victor Raul Haya de La Torre, Luis Alberto Sánchez e, mais recentemente, Mario Vargas Llosa.

A atuação política de González Prada não se deu através de cargos políticos, mas da ação no cotidiano de seu país, defendendo pontos-de-vista e refutando outros, esteve próximo dos estudantes e dos trabalhadores divulgando seu modo de ver e pensar o Peru. Dessa forma, pode se dizer que González Prada não foi político? Não ocupou cargos institucionalizados, mas pensou e opinou sobre a política, influenciou principalmente os grupos que não estavam no poder, atuou e repercutiu em seu tempo. Engajou-se para dissociar o Estado peruano da Igreja Católica, para a inclusão social do indígena, para a reforma política e social do país e para defender a importância do escritor estar atualizado e debatendo a situação política, social e cultural contemporânea; não sendo assim, um intelectual parnasiano, mas sim, crítico da sociedade de seu tempo.

¹²³ BASADRE, Jorge. *História de la Republica ...*, p. 223.

¹²⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Páginas Libres...*, p. XII.

¹²⁵ BASADRE, Jorge. *História de la Republica ...*, p.224.

Em 1945 Luis Alberto Sánchez apresentou ao Congresso peruano um projeto de lei para expropriar a casa que Manuel González Prada viveu em Lima no intuito de preservá-la como patrimônio peruano, mas não obteve sucesso. Quando Sánchez retornou ao Peru em 1956 após oito anos fora do país devido a ditadura do general Manuel A. Odría, a casa que González Prada morou havia sido demolida a mando da Beneficência Pública de Lima.

Textos contidos nas obras *Páginas Libres* e *Horas de Lucha*:

Páginas Libres (1894)

Primera Parte

- Conferencia en el Ateneo de Lima – 1886
- Discurso en el Palacio de la Exposición – 1887
- Discurso en el Teatro Olimpo – 1888
- Discurso en el entierro de Luis Márquez – 1888

Segunda Parte

- Grau – 1885
- Discurso en el Politeama – 1888
- Perú y Chile – 1888
- 15 de Julio – 1890

Tercera Parte

- Vigil – 1890
- Instrucción católica - 1892
- Libertad de escribir – 1889
- Propaganda y ataque – 1888

Cuarta Parte

- Victo Hugo – 1885
- Renan – 1893
- Valera, poeta y epistolario – 1890
- Castelar – 1888

Quinta Parte

- Los fragmentos de *Luzbel* – 1886
- Notas acerca del idioma – 1890
- La Revolución Francesa – 1889
- La muerte y la vida – 1890

Horas de Lucha (1908)

Primera Parte

- Los partidos y la Unión Nacional – 1898
- Librepensamiento de acción – 1898
- El intelectual y el obrero – 1905
- Las esclavas de la Iglesia – 1904
- Italia y el Papado – 1905

Segunda Parte

- Nuestro periodismo – ?¹²⁶
- Nuestros conservadores – 1902
- Nuestros liberales – 1908
- Nuestros magistrados – 1902
- Nuestros legisladores – 1906
- Nuestra aristocracia – 1904
- Nuestros beduinos – 1889
- Nuestros tigres – 1904
- Nuestros ventrales – 1907
- Nuestros inmigrantes – 1903
- Nuestros aficionados – 1906
- Nuestras glorificaciones: La de Bolognesi – 1905
- Nuestros licenciados Vidriera – 1903
- Nuestros indios – 1904¹²⁷
- Política y religión – 1900

¹²⁶ Embora sem data precisa de quando o texto foi escrito, para Tomas Ward seu surgimento deu-se entre 1902 e 1907. Disponível em: http://evergreen.loyola.edu/tward/www/gp/orden_crono.htm#B2. Acesso em: 09 dez. 2008.

¹²⁷ O texto *Nuestros Indios* foi incorporado ao livro apenas em 1924, por Adriana, esposa de Manuel González Prada.



Manuel González Prada (1844-1918)

CAPÍTULO 2 – COMENTARISTAS SOBRE AS OBRAS E VIDA DE MANUEL

Yo no vengo a guiar, sino ser arrastrado por el buen camino.
Manuel González Prada

Manuel González Prada e seu pensamento começaram a ser estudados após sua morte, da geração de intelectuais peruanos posterior à dele é de onde saíram os primeiros intérpretes de suas idéias; alguns tiveram contato direto com González Prada quando ainda eram estudantes. Há divergência entre seus estudiosos sobre a maneira de interpretar suas obras, sua vida e suas ações.

O período dos pesquisadores sobre González Prada aqui apresentados abarca os anos de 1928 à 2006; parte deles são peruanos, mas também há escritores de outras nacionalidades, como uma inglesa, um venezuelano, um norte-americano, um alemão e um brasileiro, este foi o único historiador do Brasil que dedicou grande parte de seu estudo no intuito de compreender o pensador peruano. As considerações são diversas, os intérpretes estão em tempo/espço diferentes, têm concepções múltiplas, encaram de formas distintas os temas abordados por González Prada e dão ênfase para questões das mais diversas.

Este capítulo não esgota a fortuna crítica sobre González Prada e suas obras, ao contrário, apenas elucida a multiplicidade de olhares sobre ambos; outros estudos referentes ao autor, tão importantes quanto os que aqui estão registrados, não podem ser ignorados, para tal, são mencionados e discutidos no capítulo posterior.

2.1 JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

Em *Sete ensaios da realidade peruana*, publicado em 1928, José Carlos Mariátegui interpreta González Prada como tendo sido o primeiro intelectual a transpor os limites do pensamento colonial no Peru. Ele recorreu à retórica para se opor à literatura elitista, comum em seu tempo, foi o precursor dos contatos da literatura peruana com a européia,

especialmente a francesa, iniciando a transição da literatura de seu país, de colonial para uma mais cosmopolita. Mariátegui também defende que, para González Prada, a literatura estaria vinculada à política:

Conforme denunciou González Prada, qualquer atitude literária, consciente ou inconscientemente, reflete um sentimento político. A literatura não é independente das demais categorias da história. Quem poderá negar, por exemplo, o fundo político do conceito, aparentemente literário, que define González Prada como o “menos peruano de nossos literatos”?¹²⁸

As principais críticas de Mariátegui à obra e ao pensamento gonzálezpradista devem-se ao fato do autor não ter interpretado o país, nem ter deixado um programa ou doutrina para as gerações subseqüentes. Ele teria sido um grande literato, mas não teria explicado a realidade peruana como sociólogo ou como estadista. Assim, González Prada não criara uma ideologia como um socialismo peruano por se distanciar do materialismo histórico; ao contrário, aproximara-se mais de Bakunin e Kropotkin do que de Karl Marx de modo que fora esse caráter anárquico que limitara a sua posição como líder de um partido político.

A análise de Mariátegui baseia-se na concepção materialista da história, fazendo que no estudo tivesse algumas frustrações que não existiriam caso não partisse do viés marxista; exemplo disso é certa decepção com o fato de González Prada não ter sido o precursor do socialismo-marxista peruano. Embora em seus textos Mariátegui não mencione isto, ao perceber a simpatia de González Prada em relação aos anarquistas, deixa explícito que esta não era a melhor opção para alguém que propunha modificações sociais e políticas ao Peru:

Porém, ele próprio não conseguiu ser realista. Era de seu tempo o materialismo histórico. Contudo, o pensamento de González Prada, que nunca impôs limites à sua audácia nem à sua liberdade, deixou a outros a tarefa de criar o socialismo peruano. Com o fracasso do partido radical, aderiu ao distante e abstrato utopismo de Kropotkin. E, na polêmica entre marxistas e bakuninistas, manifestou-se a favor destes.¹²⁹

Entre aqueles a quem coube a tarefa de elaborar o socialismo peruano estava o próprio José Carlos Mariátegui que também fora influenciado por González Prada em sua época

¹²⁸ MARIÁTEGUI, José Carlos. *op. cit.*, p. 183.

¹²⁹ *Idem*, p. 186.

de estudante¹³⁰ classificando-o como um dos dois maiores literatos do Peru republicano ao lado de Ricardo Palma. Mariátegui busca respostas que não poderiam ser encontradas, esperou uma doutrina política aplicável à década de 1920, escrita por um homem que faleceu em 1918, cuja proposta enfatizava que as soluções para os problemas só se dariam pelas pessoas contemporâneas àquele momento histórico, ou seja, González Prada não propunha soluções que poderiam ser aplicadas em qualquer época, como lhe cobraria Mariátegui, mas para o seu próprio tempo.

Mesmo tendo sua obra mais reconhecida no meio político, segundo Mariátegui, isso não fez com que González Prada fosse mais político que literário, ao contrário, ele teria agido mais pelo verbo que pela ação; nesse aspecto a afirmação de literato dá-se porque suas obras careceriam de um programa ou doutrina política. Dessa forma, González Prada se aproximava da literatura e seu partido, a Unión Nacional, não era nada mais que um grupo de letrados, um partido formado por “homens de pena”. Seus conceitos não seriam históricos ou sociológicos, mas apenas literários.

A afirmação de que González Prada foi apenas literato e não político aguça o questionamento: afinal, alguém que fundou um partido político, discursou, escreveu ensaios contestando os rumos de seu país, foi censurado e até perseguido pelo Estado e influenciou parte da juventude do final do século XIX e início do XX, não pode ser considerado um homem de ação? Pressupõe-se que, para Mariátegui, o termo homem de ação esteja ligado ao ato de ocupar algum cargo institucionalizado na política de um país, embora ele não justifique e esclareça o emprego de tal termo.

Influenciado pelo racionalismo do século XVIII, pelo positivismo e nacionalismo, faltaria em González Prada, segundo Mariátegui, conhecimento político e econômico. Panfletário e retórico, mas sem grande valor científico e prático, na década de 1920 já se tornara, na concepção de Mariátegui, um pensador cujas idéias estavam ultrapassadas, tornaram-se obsoletas. Embora não considere González Prada um homem político e com questionamentos ultrapassados para os anos de 1920, Mariátegui enaltece o exemplo moral que

¹³⁰ Gonzalo Portocarrero diz que Mariátegui é “herdeiro inconsciente” do pensamento político de González Prada. Ver: PORTOCARRERO, Gonzalo. González Prada: la (im) posibilidad de un positivismo criollo. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 149.

González Prada é para o Peru, devido a sua honra intelectual e a sua forte rebeldia, ou seja, mais importante do que suas idéias passou a ser o exemplo de sua personalidade.

2.2 RUFINO BLANCO-FOMBONA

Na concepção do venezuelano Rufino Blanco-Fombona (1874-1944), González Prada ganhou maior espaço na sociedade peruana a partir de 1886, quando surgiu a “Conferencia en el Ateneo de Lima”, já que antes disso a maior parte de sua produção escrita havia sido em forma de poesia, que Blanco-Fombona considerou como medíocre. Em 1886, a sociedade peruana estava com o orgulho ferido após a derrota para o Chile e as classes dirigentes eram retrógradas, além de não haver exigência moral do povo na questão política; nesse contexto, o pensamento de González Prada estremeceu o meio aristocrático limenho por propor rupturas com a maneira que a sociedade peruana estava estruturada até então: “Cuando aparece en el Ateneo de Lima, en 1886, el antiguo educando del Seminario se revela un librepensador; el joven mundano, un demócrata; el vástago de familia conservadora, un revolucionario; el viajero, un patriota; el mal poeta, un gran prosador.”¹³¹

Após a Guerra do Pacífico, González Prada ganha destaque nas letras peruanas, pois, segundo Blanco-Fombona, os escritores peruanos eram imitadores de padrões europeus não havendo neles a característica de encarar defronte a situação de derrota do país e assim criticar o comando política do Peru. Foi o semeador das idéias liberais no Peru e um livre-pensador, atacou os males da sociedade, o periodismo, a educação, a literatura peruana, os partidos políticos e os governantes, não apenas no sentido de crítica, mas também buscando injetar ânimo para modificar tais situações com as quais não concordava.

Blanco-Fombona acredita que González Prada foi uma das personalidades mais exemplares para a juventude latino-americana, pois era um homem de bem, de força e de verdade que não praticava um patriotismo interessado, ao contrário, colocou acima dos interesses do

¹³¹ BLANCO-FOMBONA, Rulfinio. González Prada. In: _____. *Hombres y libros*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004, p.216.

grupo de onde saiu, a aristocracia, o bem-estar da maioria. Teria sido leitor estudioso de diversos filósofos europeus, embora nem sempre seu ponto de vista seja semelhante ao deles:

Al egoísmo feroz de Stirner y de Nietzsche, que lleva al primero a considerar el mundo como su cosa, como su propiedad, y lleva al otro a preconizar la dureza y a indignarse, verbigracia, porque se concede a los obreros el derecho de sufragio, opone González Prada toda una vida dedicada a luchar por los demás: el altruismo. Al aristocratismo de Renan y de Nietzsche corresponde en Prada aquel amor al prójimo, que tiene el nombre de piedad en filosofía y de democracia en política.¹³²

Detentor de grande erudição, González Prada, na óptica de Blanco-Fombona, não esteve preso às teorias especulativas, preferiu a realidade, a prática à mera abstração. Foi um idealista¹³³ e um positivista influenciado por diversas correntes de pensamento do século XIX, o que o tornou uma personalidade ímpar no Peru. Lutava por idéias que levariam a melhorias coletivas, mas ao mesmo tempo era individualista, Blanco-Fombona afirma que ele nunca pensou que os direitos individuais deveriam se enfraquecer perante o poder do Estado. Também não descartou a influência das artes na sociedade, levando em consideração que estas estariam vinculadas a interesses políticos.

A atenção dada por González Prada aos problemas sociais e políticos peruanos que não o afetavam diretamente, devido às suas origens, e sua preocupação com a população excluída dos rumos dados ao país, fez com que Blanco-Fombona o considera-se sinônimo de patriotismo:

Habla un hombre de fuerza, un hombre de verdad, un hombre de bien. En su odio hay amor. El amor de lo bello, de lo bueno; el anhelo de perfección. Sentimiento el más generoso lo mueve: el altruismo. Que los otros sean paradigmas de altivez, fuentes de hermosura, frutos de bondad. El patriotismo lo inspira, un patriotismo franco, rudo, desinteresado.¹³⁴

¹³² *Idem*, p.227.

¹³³ Na concepção de Blanco-Fombona, inicialmente o idealismo de González Prada tinha uma forte vertente patriótica que foi, com os anos, substituída por características anarquista. Ver: BLANCO-FOMBONA, Rulfinio. *op. cit.*, 2004. p.225.

¹³⁴ *Idem*, p. 218-219.

O livro *Páginas Libres*, de 1894, na concepção de Blanco-Fombona, é a melhor obra de González Prada, nele o autor demonstrou ter dedicado grande parte de seu tempo a leituras filosóficas de Hegel, Schopenhauer e também de Renan. Embora encontre influência desses autores em *Páginas Libres*, Blanco-Fombona não deixa claro em que quesitos a influência deles ocorre no pensamento de González Prada.

Em seu próprio tempo, González Prada foi perdendo destaque e suas obras tiveram menos repercussão a partir do momento e que os projetos de reforma do Peru eram colocados em prática, projetos estes feitos para atender a elite limenha; ou seja, Blanco-Fombona interpreta que González Prada começa a ser esquecido pela maior parte dos peruanos quando o país se robustece; entretanto, continua aliado a parte dos trabalhadores e estudantes e sendo estudado por aqueles que buscam uma nova forma de ser fazer política e estruturar a sociedade no Peru.

2.3 LUIS ALBERTO SÁNCHEZ

Luis Alberto Sánchez é ainda hoje um dos maiores especialistas sobre a vida e obra de Manuel González Prada, destacam-se entre suas obras *Don Manuel* (1930) e *Nuestras vidas son los ríos* (1977) nas quais relata a vida e o pensamento de González Prada. Além disso, é também o maior editor daquele que denominou como “Don Manuel”, publicando vários livros com escritos deixados inéditos pelo autor tanto em prosa como em poesia. Seus estudos têm um diferencial já que foi amigo de Adriana¹³⁵, esposa de González Prada, e de seu filho, Alfredo, com quem editou diversas obras.

O texto *Don Manuel* é de certa forma romanceado, com transcrições de diálogos de González Prada sem elucidar as fontes que comprovem a verossimilhança das conversas. Por outro lado, em *Nuestras vidas son los ríos* as análises são mais esmiuçadas, contendo até mesmo transcrições de documentos relevantes como o programa político e as bases organizacionais de seu partido político, a Unión Nacional, além do testamento de Adriana que

¹³⁵ Segundo Sánchez, Adriana González Prada escreveu uma obra sobre a vida de Manuel e seu título *Mi Manuel* foi sugestão sua. Ver: SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son...*, p. 333.

deixou sua herança para Victor Raúl Haya de la Torre e para o APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana).

Em *Nuestras vidas son los ríos*, Sánchez retifica alguns equívocos cometidos em *Don Manuel*, pois pesquisou em documentação mais ampla, inclusive em documentos pessoais do autor, como certidões de nascimento e casamento, em que descobriu que González Prada nasceu em 1844 e não em 1848 como era de conhecimento geral. Segundo o autor, essa adulteração de idade ocorreu no momento de seu casamento para não parecer tão mais velho que sua esposa¹³⁶. Sánchez refaz o histórico familiar de González Prada que nasceu em berço aristocrático¹³⁷, católico e conservador, no qual se tornou “herege” pela postura liberal que assumira desde cedo.

A participação direta na Guerra do Pacífico (1879-1883) marcou o início da carreira de prosista de González Prada, isso porque antes se destacava na poesia, segundo Sánchez, sofreu grande influência francesa em seus escritos, com destaque para Victor Hugo e Renan. Da França também viera a influência para a formação de seu partido político constituído em 1891, a Unión Nacional¹³⁸, que foi gestada nas tertúlias do Círculo Literario fundado seis anos antes.

As principais polêmicas levantadas por Sánchez remetem-se ao fato de González Prada ter renegado uma filha que teve antes de seu casamento; e à sua viagem para a Europa no momento em que acabava de ser peça fundamental para a fundação de um partido político. Em ambos os casos, Sánchez não chega a conclusões e deixa as indagações sem respostas, embora pareça decepcionado com as duas atitudes de Don Manuel.

A viagem de González Prada para a Europa após a fundação da Unión Nacional, embora tenha causado o espanto de Sánchez, pode ser encarada sem tamanha surpresa, já que o próprio González Prada propunha que o partido não deveria estar preso aos ditames de um líder único, ou seja, o funcionamento do partido precisaria independer de um de seus componentes, já que seus membros, seja qual fosse o cargo ocupado no agrupamento político, deveriam estar aptos a decidirem de maneira coerente em nome do partido quando necessário.

¹³⁶ Manuel González Prada era 21 anos mais velho que Adriana, ela nascera em 1865.

¹³⁷ Sánchez enfatiza que González Prada era aristocrata e não burguês. Ver: SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas...*, p.23.

¹³⁸ Embora diga que a Unión Nacional sofreu influência francesa, não explicita qual vertente política a inspirou.

Escritor refinado, González Prada não teria atuado na política, principalmente após 1902 quando se desvincula da Unión Nacional. Nas palavras de Sánchez: “Ningún escritor halló tan acogida en las generaciones siguientes. No era sólo cuestión de buen gusto y maestría literaria; era un liderato estético, ético y pensante. Pero, no político.”¹³⁹

O caráter anarquista de González Prada, principalmente após a volta da Europa é aludido em detrimento de um González Prada socialista, isso porque ele veria este como doutrinário e o aquele como libertário. Assim sendo, teria sido o “pai do anarquismo peruano”¹⁴⁰ e se manteve distante do marxismo e do materialismo histórico, da mesma forma que as questões econômicas não foram de grande apreço:

El ataque de Prada contra la sociedad no puede ser más duro. Anarquista convicto, resalta los contrastes sociales, sin explicar ni tratar de explicar sus orígenes económicos. Al margen del materialismo histórico y sus pretensiones racionalistas, se limita a la denuncia y la protesta, una aplicación del lema “Propaganda y ataque”, proclamado desde 1890.¹⁴¹

Sánchez rotula González Prada como um escritor sarcástico, que se utilizou deste tipo de escrita devido ao momento de derrota do Peru, após a Guerra do Pacífico contribuiu com diversos periódicos de pequeno porte, o que lhe dava a liberdade de escrever da maneira que lhe fosse mais conveniente. Aproveitou também a veiculação de seus textos para propor modificações lingüísticas que deveriam distinguir o idioma local do utilizado na Espanha, convém salientar que, como aponta Sánchez, outros escritores contemporâneos a González Prada também tiveram intenção semelhante, como é o caso do colombiano José Rufino Cuervo, do venezuelano Andrés Bello e do argentino Domingo Faustino Sarmiento.¹⁴²

Das obras de maior destaque de González Prada, Sánchez considera *Páginas Libres* como portadora de características mais universais e filosóficas, por outro lado, *Horas de Lucha* foi tida como obra de grande teor anticlerical e denunciadora. Embora seja pertinente a observação de Sánchez, é necessário não aceitar de maneira rígida sua distinção entre tais obras, já que em *Páginas Libres* mesmo existindo textos com as características colocadas por Sánchez,

¹³⁹ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son...*, p. 199-200.

¹⁴⁰ *Idem*, p.11.

¹⁴¹ *Idem*, p. 232.

¹⁴² *Idem*, p. 175.

há também forte dose de denúncia e anticlericalismo, como em *Peru y Chile e Instrucción católica*, respectivamente.

2.4 EUGENIO CHANG-RODRÍGUEZ

Na obra *La literatura política de González Prada, Mariátegui y Haya de la Torre* (1957), Eugenio Chang-Rodríguez considera González Prada como o primórdio dos pensadores revolucionários do Peru, entre os quais se destacaram, posteriormente, José Carlos Mariátegui e Victor Raul Haya de la Torre, ambos influenciados por ele. Na obra supracitada, o autor fez uma breve síntese biográfica e indicou alguns dos influenciadores de González Prada, destaque para Voltaire e Rosseau. Segundo Chang-Rodríguez, os ataques à González Prada feitos pela imprensa peruana reacionária foram comuns e constantes, assim como foi intensa a sua participação em diversos periódicos coevos. Muitos deles foram fechados por repressão e censura, por ordem do governo, em geral, reacionário e aristocrático, contra a liberdade política e intelectual do país.

Embora a política peruana no momento de González Prada pudesse ser dividida entre governistas e opositores, para ele, tal segregação dos grupos era de menor importância, já que ambos não tinham diferenças ideológicas, pois partem do princípio da defesa dos direitos de um determinado grupo e não da maior parte dos indivíduos que compõe a sociedade, ou seja, pela os grupos políticos reivindicam apenas por interesses próprios e egoísticos.

González Prada, a quem Chang-Rodríguez denomina de “incorruptible maestro”¹⁴³, renunciou ao partido que ele mesmo fundou, a Unión Nacional, e que pretendia lançá-lo como candidato à presidência, devido a aproximação que a Unión Nacional teve com outros partidos que González Prada repudiava, como o Partido Liberal, já que para ele seu agrupamento político seria uma exceção ao defender os direitos dos menos privilegiados na sociedade peruana, daí a coligação com os civilistas ser uma incoerência.

Chang-Rodríguez ressalta que pela óptica de González Prada a história política do Peru, e em consequência também a história da sociedade do país, repetia-se constantemente já

¹⁴³ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p.120.

que o poder político era controlado por uma pequena e poderosa elite independente da personalidade que ocupasse o cargo principal do poder executivo. No início do século XX, após a deserção do partido político, González Prada propôs a união entre intelectuais e trabalhadores, aproximando-se destes assim como dos estudantes, como escreveu Chang-Rodríguez:

Don Manuel continuó colaborando con los obreros. Con el seudónimo de Luis Miguel escribió numerosos artigos para *Los Parias*, periódico ácrata de gran circulación en las masas proletarias que ocasionalmente publicaba Pablo Asete. En estos artículos don Manuel censuraba acerbamente la organización política y social del país.¹⁴⁴

A reforma do Estado peruano, na óptica de Chang-Rodríguez sobre a concepção do “maestro”, deveria se dar para além do âmbito político, incluindo o social de modo que González Prada teria sido influenciado pelo positivismo, e, posteriormente, pelo socialismo e anarquismo. Embora a aproximação do autor com o socialismo seja enfatizada, também se destaca que ele, diferentemente da maioria dos socialistas, não concordava com nenhum tipo de ditadura, mesmo que fosse do proletariado, pois haveria o comando de uma classe sobre as outras.

A crítica de Chang-Rodríguez ao pensamento gonzálezpradista remete-se ao fato de não ter sistematizado as idéias de modo a aplicá-las na práxis, assim como há ausência de princípios para uma doutrina política ou filosófica para o país. Esse acredita que a necessidade de sistematização das idéias foi suprida posteriormente mediante a contribuição pelos escritos de Mariátegui, que fez críticas semelhantes às elaboradas por Chang-Rodríguez, como mencionado anteriormente.

Segundo o autor, a contribuição dada por González Prada para a política e história do Peru não recebeu seu devido valor, embora ele tivesse sido antes um literato do que político:

Es verdad que no legó un programa sistematizado de acción, que no formuló una doctrina filosófica o política que sirviera de pauta para el nuevo Perú. Prada no fue político ni filósofo; fue simplemente un literato de gran sensibilidad y patriotismo por la suerte de los suyos, por quienes dedicó su vida a señalar sus errores para que se corrigieran, a diagnosticar las heridas para que se curaran, a inculcarse amor a la verdad, a la honradez, a la libertad, a la igualdad, ofreciéndoles como ejemplo su propia vida.¹⁴⁵

¹⁴⁴ *Idem*, p. 69.

¹⁴⁵ *Idem*, p.96.

Embora Chang-Rodríguez tenha rotulado como literato, também enfatizou que para González Prada a tarefa do escritor inclui a divulgação e o ataque aos problemas sociais e políticos de seu tempo, devido à função política que a literatura tem; destarte, o autor de *Horas de Lucha* teve entre os principais motes de seus escritos a defesa dos direitos dos indígenas, o ataque ao catolicismo e a busca da reformulação sociopolítica do Peru, temas que foram posteriormente enfocados e até mais aprofundados por outros intelectuais, mas tiveram o início de seus debates com grande afinco a partir dos apontamentos feitos por González Prada.

2.5 JORGE BASADRE

Em *Historia de la Republica del Perú, 1822-1933* (volume IX), o historiador Jorge Basadre defende a tese de que os artigos e discursos de Manuel González Prada ganharam maior destaque após a Guerra do Pacífico, momento no qual suas idéias sobre ciência, liberdade e verdade se tornaram mais veementes provocando repressão e censura à divulgação de seu pensamento. Nesta obra, Basadre trabalhou alguns textos específicos do autor, principalmente os que tiveram maior repercussão como o *Discurso en el Politeama* e o *Discurso en el Teatro Olimpo*; entretanto o campo de abrangência se limitou aos textos feitos até 1894, momento no qual surge o livro *Páginas Libres*, obra que constata o Peru como um país depreciado. Não mencionou nenhum texto do autor no período posterior a este e assim excluiu artigos importantes, como os contidos na obra *Horas de Lucha*, de 1908.

Embora tenha analisado poucos textos de González Prada, Jorge Basadre encontra neles características de ruptura e inquietude social, além dos escritos terem certa continuidade entre si, o historiador estabeleceu conexões entre os textos no intuito de acentuar pontos comuns do pensamento de seu autor, mesmo quando os temas centrais em debate eram diferentes. Na compreensão de Basadre, até cerca de 1894, o radicalismo de González Prada não fora original, ele teria apenas adequado ao cenário peruano algumas idéias elaboradas por pensadores europeus; todavia, não explicitou nem quais idéias, nem quais pensadores tiveram grande participação no pensamento gonzálezpradista, apenas negou a influência de alguns filósofos.

Segundo Basadre, a influência européia no pensamento de González Prada foi grande, remetendo-se aos iluministas do século XVIII, onde observou o culto à razão, ciência e progresso; contudo, nem teria sido seguidor da ideologia de Auguste Comte, e, como já havia afirmado Mariátegui, não conheceu as obras de Marx e tampouco foi influenciado por Nietzsche.

Por lo demás, González Prada no fue un creyente en la doctrina de Augusto Comte y estuvo desconectado de los prosélitos chilenos de este pensador que propugnaron entonces la justicia en Perú. Al mismo tiempo parece haber desconocido los libros y demás publicaciones de Karl Marx. Tampoco recibió huellas del pensamiento anti-democrático y anti-liberal de Federico Nietzsche.¹⁴⁶

O período passado na Europa foi fundamental para a consolidação de seu pensamento anarquista, principalmente devido à experiência vivida na Espanha e França; contudo, a defesa das liberdades individuais não apareceu nesse momento, apenas ganhou maior ênfase, embora já existisse quando fundou a Unión Nacional.

Basadre se preocupou em mostrar, mesmo que de forma superficial, a trajetória formal de González Prada, sua origem familiar, locais em que viveu e influências sofridas que refletiram em seus pensamentos e em suas ações práticas, sendo que ambos ganhariam maior coerência se vistos em conjunto.

Os conteúdos patriótico, iconoclasta, social, indigenista, político, anticlerical e anti-religioso, filosófico, literário e lingüístico são apontados como os principais na obra de González Prada até 1894; destarte, enfatiza que a preocupação do autor era mais social que política, sendo ele mais reformador que liberal, para tal constatação, Basadre se utiliza das palavras do próprio González Prada quando justificara o programa da Unión Nacional:

[...] el jefe de la Unión Nacional afirmó, en uno de sus ensayos: “Un partido no puede seguir un programa invariable y estricto como el credo de una religión; bastar pintar algunos jalones y marcar el derrotero sin fijar con antelación el número de pasos. Unión Nacional podría condensar en dos líneas su programa: evolucionar en el sentido de la más amplia libertad del individuo, preferiendo las reformas sociales a las transformaciones políticas”.¹⁴⁷

¹⁴⁶ *Idem*, p.230.

¹⁴⁷ BASADE, Jorge. *Historia de la Republica...*, p. 224.

A ação política de González Prada manifestou-se pela literatura, tendo ficado mais engajado como um dos fundadores do Círculo Literario e, posteriormente, do partido Unión Nacional, do qual também foi fundador. A viagem de oitos anos à Europa pouco tempo após a fundação da União Nacional rendeu-lhe diversas críticas, mas Basadre as refuta. Afinal, considerava que o programa político do partido que não é rígido e não devia estar centrado em um único indivíduo, sem que fosse necessária a presença em tempo integral de González Prada nas deliberações, destarte, este historiador peruano considera normal o ato que Sánchez não encontrou resposta.

Em linhas gerais, Basadre se apropria da biografia, artigos e discursos de González Prada feitos até 1894 e contidos em *Páginas Libres* de modo a elucidar suas principais idéias no que diz respeito ao político e principalmente ao social, e não se preocupou, como havia feito Mariátegui, em rotulá-lo como literato ou político, mas sim em apresentar a literatura como meio para ação política.

2.6 JEAN FRANCO

Em *Historia de la literatura hispanoamericana*, de 1973, Jean Franco descreve González Prada como um positivista interessado nas ciências como meio para alcançar o desenvolvimento do Peru. A sua conduta na sociedade passou a ter objetivos claros e sua atuação política tornou-se mais visível após a Guerra do Pacífico, quando começou a lutar para regenerar a sociedade e pela democratização da política peruana. A ênfase dada à educação e as críticas à Igreja Católica existente no Peru também são vistas como relevantes em seu trabalho intelectual; além da defesa em prol da causa indígena.

Tenía ya treinta y un años cuando estalló la guerra peruano-chilena, y él era aún un diletante sin rumbo en la vida. Pero la ocupación chilena de Lima y la crisis de la sociedad peruana que la guerra puso al desnudo, le obligaron a adoptar actitudes más serias. Comprendió que la clase dirigente había perdido todo contacto con el pueblo, que el Perú nunca llegaría a ser una verdadera nación a menos que los indios se integraran en la vida del país y fueran educados.¹⁴⁸

¹⁴⁸ FRANCO, Jean. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Barcelona: Editorial Ariel, 1997. p. 128-129.

Opiniões e convicções de González Prada são apontadas como revolucionárias por Franco que acredita também na grande influência sofrida pelos anos passados na Europa para aguçar seu radicalismo político, concepções anarquistas e ligações com os movimentos operários. Autor de uma prosa polêmica, González Prada é descrito como militante, porém menos revolucionário que José Martí, incoerente, na relação vida e pensamento, e favorável à popularização da cultura e da língua no Peru que deveriam engendrar costumes, palavras e grafias ímpares, diferindo-se então da cultura européia tão copiada em seu tempo, assim como propunha distinções em relação ao idioma utilizado na Espanha, o que faria surgir uma língua peruana; pois não via o idioma como estático, mas dinâmico e por isso, mutável.

A inglesa Jean Franco em sua obra supracitada discorre de forma breve sobre González Prada, em poucas páginas dedicadas ao autor não se ateve nem a sua prosa e nem a sua poesia, não obstante adentrou as duas formas de expressão utilizadas por González Prada. A incoerência suscitada por Franco entre o escritor e sua obra pode ser questionada, inicialmente pelo fato da escritora não esclarecer por quais motivos homem e obra estão desarmônicos em González Prada, se por não ter se dedicado integralmente a um partido político, se por ter deixado seu país para viver alguns anos na Europa, ou se por outro motivo.

No texto de Franco o que se percebe é que os pontos falhos encontrados por ela em González Prada tornam-se mais enfatizados quando comparados com José Martí, que na concepção dela teria sido mais revolucionário e coerente no que tange vida e obra do que o peruano; assim sendo, seu trabalho sobre González Prada deixa a impressão de ser apenas um complemento afirmativo dos adjetivos dados anteriormente ao cubano Martí.

2.7 ADÁM ANDERLE

Na óptica de Adám Anderle em *Los movimientos políticos en el Perú*, 1985, González Prada foi, até a sua morte em 1918, o principal pensador progressista peruano, além de ter sido o melhor literato de sua época. Ao estudar as críticas feitas pelo escritor à “República Aristocrática”, Anderle destaca os ataques à política econômica e social da elite, denominando-o

como um “democrata revolucionário”¹⁴⁹ cuja crítica aguçara após a Guerra do Pacífico. Neste aspecto, este autor contrapõe-se a Mariátegui e Sánchez, para os quais falta aprofundamento da questão econômica por parte de González Prada.

Lo mejor del pensamiento de González Prada consiste indudablemente en sus severas críticas a las condiciones económico-sociales reinantes en el Perú. Respecto a la solución – aunque acierta a poner los fundamentos de una solución progresista del problema indígena – se queda por lo general en concepciones muy vagas.¹⁵⁰

O anticlericalismo e antimilitarismo defendidos por González Prada são, na visão de Anderle, características da burguesia modernizadora (neste ponto, Anderle se contrapõe à Sánchez que afirma ser González Prada um aristocrata e não um burguês) de seu tempo, à qual teria pertencido. A revolução e transformação do país tantas vezes enfatizadas pelo peruano, revelam-se mais no plano das idéias do que da prática, já que não demonstra os meios para alcançá-las, nesse aspecto, Anderle converge com Mariátegui e Chang-Rodríguez. González Prada destaca a busca por uma revolução que não seja puramente proletária, já que esta não seria democrática, pois privilegiaria os interesses de um grupo em detrimento da sociedade como um todo.

A proposta de González Prada de união entre intelectuais da pequena burguesia e as massas trabalhadoras para a reestruturação política e social do país é vista por Anderle como privilegiadora da burguesia que seria a única mentora das ações em detrimento dos trabalhadores que teriam seu poder de ação limitado às instruções recebidas; não obstante González Prada teria sido forte denunciador da “miséria” das classes trabalhadoras no Peru e da arrogância dos grupos dominantes. Ao rastrear a vida de González Prada, Anderle percebe que os anos passados na Europa foram fundamentais para elaborar e consolidar o ideário anarquista, contudo o anarquismo teria passado a ser preponderante no pensamento de González Prada por volta de 1908 e 1909, depois da edição de *Horas de Lucha*. Apesar de datar quando teria ocorrido surgimento concreto de um González Prada anarquista, falta no trabalho de Anderle uma

¹⁴⁹ ANDERLE, Adám. *Los movimientos políticos en el Perú*. Habana: Ediciones Casas de Las Américas, 1985, p. 92.

¹⁵⁰ *Idem*, p. 98.

justificativa clara sobre os motivos que o fizeram utilizar para isso o momento por ele demarcado.

Embora teça opiniões sobre González Prada, principalmente quanto aos seus escritos em prosa, Anderle acredita que ainda são poucos e incompletos os estudos existentes sobre o autor. Destaca ainda a influência do pensamento gonzálezpradista sobre gerações posteriores dos anos 1920 e 1930, em questões como socialismo e anarquismo no Peru, o movimento indigenista, a união trabalhadores e intelectuais, a tentativa de revanche com o Chile, ressaltando a importância do autor para os grupos de esquerda de seu país no século XX:

Al referirnos a la supervivencia del influjo gonzálezpradista no queremos decir que sea el único. Afirmamos solamente que en el movimiento comunista, en el movimiento obrero y en los idearios de la burguesía modernizadora la herencia espiritual gonzálezpradista servió para transmitir y reforzar ideologías, posiciones y concepciones de carácter internacional.¹⁵¹

Ao discorrer sobre González Prada, Anderle enfatiza sua importância histórica, reflete sobre o autor em seu tempo e também como influenciador dos movimentos de contestação política e social no Peru mesmo depois de seu falecimento. Anderle não se preocupa em subdividir González Prada em político e literato, mesmo sabendo de sua importância para os dois segmentos; assim sendo, tentar trabalhar o autor como um todo, embora acabe por enaltecer seu pensamento no que se refere às questões políticas.

2.8 RICARDO SIQUEIRA BECHELLI

Para o historiador brasileiro Ricardo Siqueira Bechelli, González Prada tem grande relevância no que se refere ao combate do racismo na América Latina, em especial ao racismo contra os indígenas, tão comum no Peru. Considera-o um nacionalista, que nega as teorias raciais fortemente difundidas no século XIX, levando em consideração que a função maior destas seria legitimar o domínio europeu em diversas partes do mundo e propunha a

¹⁵¹ *Idem*, p. 98.

incorporação efetiva dos índios como membros da sociedade peruana. Bechelli nota influências de Nietzsche, Schopenhauer, Spencer e Hegel na formação intelectual de González Prada, embora não deixe especificado em que grau cada um desses pensadores estiveram presentes na formação intelectual do peruano. Dessa forma, o historiador discorda da interpretação de Jorge Basadre para quem González Prada não grande teve contato com esses filósofos europeus.

Em seu trabalho, *Nacionalismos anti-racistas: Manoel Bomfim e Manuel González Prada* (Brasil e Peru na passagem para o século XX), 2002, Bechelli explica que a visão de González Prada sobre a questão racial tornou-se um contradiscurso, isso porque o recorrente no Peru (e na América Latina) e defendido pela grande maioria dos intelectuais do país era a visão que validava o domínio da elite, branca e vinculada a Europa, sobre a grande maioria da população.

Em seu ataque à intelectualidade peruana, é notória a denúncia de um traço característico da mentalidade do país: a prática da imitação, pura e simples do que se via e se lia na Europa. Esse é um ponto de crucial importância para se compreender a natureza de sua crítica ao racismo: de que este é uma idéia imitada do estrangeiro, não possuindo uma conexão com a realidade do Peru.¹⁵²

Dessa forma, González Prada vai na contra mão do discurso corrente, criticando a questão racial, a sociedade e o poder da religião católica, defendendo a idéia de que a “inferioridade” indígena no Peru é fruto social e não biológico e que a ciência é utilizada para legitimar o discurso dominante sendo apoiada para isto pela Igreja católica. González Prada, ainda segundo Bechelli, é radical, revolucionário e surge como o primeiro momento de ruptura do pensamento peruano com as teses defendidas pela elite do país. Inicialmente teria sido a grande voz do revanchismo contra o Chile logo após a Guerra do Pacífico, e após voltar da Europa em 1898 sua crítica estaria mais voltada aos problemas internos. Também foi defensor do uso da violência como forma de ação, mas não como ação contínua, além de recusar a violência gratuita.

González Prada foi visto com repúdio pela grande maioria dos intelectuais peruanos de seu momento, como Riva Agüero, Francisco Garcia Calderón, Victor Andrés

¹⁵² BECHELLI, Ricardo Sequeira. *Nacionalismos anti-racistas: Manoel Bomfim e Manuel González Prada* (Brasil e Peru na passagem para do século XX). Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2002, p.65.

Belaúnde, além de seu grande inimigo ideológico, Ricardo Palma. Bechelli considera como normal os ataques destes a González Prada, já que eles estariam a serviço do grupo dominante e por isso não apoiariam a maior participação das camadas mais baixas da população nas decisões políticas tomadas no país.

A proposta de González Prada de ruptura com as teorias raciais é o mote principal na análise de Bechelli, que também considera que González Prada via a sociedade peruana como um conflito entre dominantes e dominados, em que aqueles utilizavam-se do discurso ideológico para legitimar seu poder. Ao distanciar-se das teorias raciais comuns em seu tempo, González Prada teria pensado na construção de um país baseado na inserção social e política dos indígenas e dessa forma toda a sociedade peruana passaria a ser, remodelada; pela óptica de Bechelli: “Podemos concluir que o discurso antiracista de González Prada se identificava com a idéia de um nacionalismo e, principalmente, com a construção de um novo país, assentado dentro de sua realidade – ou seja, da população indígena peruana.”¹⁵³

As reflexões feitas por Bechelli que colocam González Prada como elaborador de um pensamento contrário ao senso comum de sua época e como antiracista parecem pertinentes se pensarmos a questão indígena no Peru. Entretanto, as reflexões de González Prada em relação aos negros e aos *cules* chineses, também alvos de preconceito, não podem ser visto da mesma forma que as feitas em relação aos índios, pois estes eram mais benquistos pelo pensador. Bechelli não faz grandes reflexões sobre a maneira distinta que cada um dos grupos era visto por González Prada, seu ponto principal é a questão indígena e como as observações do pensador peruano sobre a questão racial são inovadoras e quebram com o usual no Peru de seu tempo.

2.9 THOMAS WARD

Atualmente o professor norte-americano Thomas Ward é um dos estudiosos que mais tempo dedica em sua pesquisa no intuito de aprofundar os conhecimentos sobre vida e obra de Manuel González Prada. Em *González Prada: la colonidad inherente y la musa rebelde*, de 2006, Ward ressalta a característica de ruptura que a literatura de González Prada tem em

¹⁵³ *Idem*, p.97.

relação às idéias dos literatos contemporâneos a ele ao colocar a literatura como maneira de regenerar a sociedade peruana de seu tempo. Para a mutação de sua sociedade, González Prada utilizou seus escritos em defesa dos direitos dos indígenas e das mulheres, assim como também para denunciar os abusos do clero e dos governantes de seu país.

Para Ward, González Prada via que na sociedade peruana de seu tempo ainda era latente características do período colonial, daí o forte ataque às tradições provindas da Espanha existentes em seu país, inclusive no que tange à literatura. A ruptura com a tradição deveria servir para desmontar os mecanismos de subordinação e imitação existentes na sociedade peruana e enaltecer as ações de inspiração própria dos indivíduos. Todavia, Ward faz um esclarecimento pertinente: González Prada não despreza a influência de culturas européias no Peru, até simpatiza-se com os costumes franceses, mas repudia o hábito de se copiar formas de subordinação do indivíduo, herança dos colonizadores ibéricos.

Para que a literatura peruana deixasse de ser mera imitação e passasse a ter características próprias, González Prada buscava romper com a tradição espanhola e achava necessário aproximar-se da literatura de outros países. Embora pareça uma situação contraditória, Ward explica que tal forma de pensar de González Prada não se limita apenas às questões literárias e tinha coerência na maneira de pensar do autor:

Parece paradójico consultar literaturas extranjeras para encontrar voz propia, pero no lo es: especular sobre la propia circunstancia desde el ápice de otra ofrece una óptica objetiva para juzgar la realidad local. Así para estimular el progreso, Prada preconiza desligarse de la atmósfera colonial atávica porque estrangula la nación indígena. Por esto censura al político peruano, porque mirando hacia atrás, nunca se llegaría al futuro¹⁵⁴.

A idéia de González Prada de conhecer outras culturas para desvincular-se da imitação dos moldes espanhóis também foi defendida por outros latino-americanos de seu tempo; sobre isto, Ward estabelece proximidades de pensamento entre o autor, o uruguaio José Enrique Rodó e o cubano José Martí. Dentre os literatos estrangeiros conhecidos e admirados por González Prada, Thomas Ward destaca o francês Émile Zola e sua obra *Germinál* devido à característica de aproximação com a realidade contida nela.

¹⁵⁴ WARD, Thomas. González Prada: la colonidad inherente y la musa rebelde. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 123.

Sobre as modificações que González Prada propõe para a sociedade peruana e a aproximação entre intelectuais e trabalhadores, Ward discorda de Anderle, pois acredita que os trabalhadores não são submissos e nem são menos do que os intelectuais, no pensamento gonzalezpradista. Afinal, ambos teriam o mesmo grau de importância já que o letrado daria as bases para o início das modificações no país e os trabalhadores seriam a continuidade fundamental para a consolidação de uma república verdadeiramente democrática. Por crer nesse poder transformador da união entre intelectuais e operários, González Prada, segundo Ward, propôs uma revolução com a participação dos homens das letras que deveriam utilizar seu intelecto para proporcionar maior esclarecimento às massas menos cultas e assim ele mesmo o fez: “En su propia obra, González Prada tomó esta medicina: simplificó su estilo y publicó en revistas que se dirigían a las masas, como *Germinal*, *La Idea Libre* y *Los Parias*. Lo que él busca es una expresión comprometida que libere el Perú”.¹⁵⁵

Ao estudar González Prada em seu contexto social, político e intelectual, Ward destaca suas características de ruptura com os padrões peruanos de seu momento, embora não discorra sobre como seu caráter de transformação sofreu retaliações dos poderes instituídos tão próximo dos modelos subordinadores que ele tentava eliminar. Por outro lado, diferentemente da interpretação de Jean Franco sobre González Prada, Ward encontra coerência entre vida e obra dele, pois o autor age conforme sua maneira de pensar; afinal, ao crer na aproximação dos trabalhadores com os intelectuais para transformar o Peru ele mesmo passou a tornar sua escrita mais clara e a escrever em periódicos de caráter popular, principalmente no início do século XX.

2.10 WALTER BRUNO BERG

O alemão Walter Bruno Berg fez um estudo sobre González Prada intitulado *Manuel González Prada y e outro fin de siglo*, 2006, no qual utilizou como fontes as obras *Páginas Libres* e *Horas de Lucha*. A partir destas obras encontrou como principais temas trabalhados por González Prada nelas o revanchismo, o anarquismo, o socialismo e o indigenismo, o anticlericalismo, o positivismo e o espírito crítico. Entretanto, em seu trabalho,

¹⁵⁵ *Idem*, p.127.

Berg aprofundou apenas alguns desses elementos, com destaque para o revanchismo e o anticlericalismo.

O teor revanchista contido nas obras de González Prada vinculava-se à perda de territórios peruanos para o Chile na Guerra do Pacífico e deveria servir para retomar as regiões perdidas e haver a ruptura com os elementos coloniais ainda presentes na sociedade peruana, responsáveis pelo fracasso internacional do país. Ao analisar González Prada, Berg percebe não apenas uma explicação superficial para a derrota do Peru no embate, mas uma análise que interpreta o fracasso peruano a partir da continuidade de características do período em que os espanhóis dominavam o país. Nota-se, nesse ponto, certa proximidade entre a interpretação de Berg e de Thomas Ward no que tange à forma de González Prada entender a sua sociedade ao tentar romper com elementos tradicionais constitutivos dela, pois sua análise não se limitava a ver os acontecimentos de maneira isolada, mas em conexão com o passado e a estrutura social e política existente.

Ao pensar em uma sociedade peruana com seus cidadãos emancipados, González Prada, segundo Berg, questionava se a autonomia política conquistada pelo Peru perante a Espanha foi algo revolucionário, a resposta encontrada é negativa. Berg explica:

Ahora bien, “revolución”, en la mente de González Prada, equivale, evidentemente, al establecimiento de un “orden republicano”, el cual debería garantizar la soberanía de *todos* los ciudadanos (en el sentido rousseauniano del término), o sea, su “libertad” – dos condiciones necesarias para que la independencia político-militar desemboque, al fin y al cabo, en la formación de una verdadera “nación”.¹⁵⁶

Assim, González Prada via na formação social peruana as permanências históricas das estruturas pré-independência que limitam a participação da maior parte dos indivíduos nas decisões políticas e anulam as liberdades individuais. Para Berg, é nesse contexto que o autor desenvolveu sua ferrenha crítica à Igreja Católica no Peru e atacou o clero, acusando-o de afastar os fiéis do livre pensamento, tornando-os subalternos. No intuito de romper com a forte influência do catolicismo e com as estruturas limitadoras contra as liberdades individuais, González Prada via a solução no cosmopolitismo. Para exemplificar como o ensaísta peruano era

¹⁵⁶ BERG, Walter Bruno. Manuel González Prada y el outro fin de siglo. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 203.

cosmopolita, Berg ressalta a crítica de González Prada ao emprego da língua espanhola, para o peruano, essa forma idiomática, como usada no Peru, estava ultrapassada, demonstrando o quão antiquado seu país ainda era em tal quesito; afinal, o arcaísmo da língua seria um reflexo da própria sociedade:

El idioma, pues, es virtualmente universal, pero al mismo tiempo es un reflejo instantáneo de su manifestación histórica, o sea, en las palabras de González Prada: “el idioma nos ofrece una especie de *cliché* que guarda la imagen momentánea de una cosa em perdurable transformación.¹⁵⁷

Walter Bruno Berg converge com Thomas Ward ao colocar como uma das características principais dele a ruptura com os moldes sociais e literários predominantes no Peru em seu tempo. Entretanto, aponta diversos temas que considera fundamental no pensamento gonzalezpradista mas não discorre sobre eles, como é o caso da influência do socialismo e o anarquismo em seu modo de pensar a realidade, deixando assim, caminhos abertos para as pesquisas sobre González Prada.

Os intérpretes de González Prada supracitados demonstram leituras diferentes do mesmo autor, encontram nele as mais diversas influências; alguns até cobram de propostas não cumpridas, como Mariátegui ao discordar da ação de González Prada por não seguir o materialismo histórico, embora este não tivesse essa intenção. Outros como Sánchez e Anderle divergem no que diz respeito ao grupo social do qual González Prada provém. Parece mais coerente o pensamento de Sánchez ao de Anderle quando esse enfatiza a posição aristocrata do autor, devido à sua origem e suas rendas. Já Anderle ao rotulá-lo como membro da burguesia modernizadora nos parece equivocado por ser González Prada membro de uma família tradicional limenha e ter vivido, segundo observação do próprio Sánchez¹⁵⁸, quase toda a sua vida de rendas dos imóveis da família.

Os autores concordam quanto às características anarquistas nas idéias de González Prada; entretanto, pouco se remetem às mesmas, com algumas referências sobre a influência de Bakunin e Kropotkin – mas sem definir em que eles influenciaram-no. Por outro lado, enquanto que para Sánchez e Franco, pensamento e ação política em González Prada são

¹⁵⁷ *Idem*, p. 209.

¹⁵⁸ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son...*, p. 23.

desconexos, já que ele foi para a Europa logo após a fundação da Unión Nacional, é nessa suposta incoerência que Basadre percebe coerência. Afinal, González Prada fora membro fundador do partido, mas não era imprescindível, o partido político não poderia ser limitado a ele. Thomas Ward também reconhece sincronia entre vida e obra de González Prada, pois ele se aproximou dos trabalhadores enquanto em seus textos defendia a vinculação destes com os intelectuais.

Ensaísta e político, González Prada não pode ser facilmente rotulado e entendido como seguidor de determinado tipo de pensamento, há divergências na interpretação de seus escritos e atitudes. Afinal, não buscava a mera imitação de pensamentos europeus, mas sim que estes fossem alterados e adaptados à realidade peruana. Entretanto, entre os estudiosos que se dedicaram a compreender seu pensamento, é senso-comum que os acontecimentos vividos por ele, em especial a participação na Guerra do Pacífico, tão desastrosa para o Peru, foram de grande importância para a elaboração de suas idéias principais, como os ataques aos políticos peruanos, à tradição e à Igreja Católica.

CAPÍTULO 3 – O ENGAJAMENTO SOCIAL DE GONZÁLEZ PRADA

Falar dos intelectuais como se eles pertencessem todos a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa indistinta é uma insensatez.
Norberto Bobbio

A vida e as obras de Manuel González Prada têm ainda pouca visibilidade nas pesquisas historiográficas brasileiras sendo raras as páginas dedicadas a ele, tanto sobre estudos de intelectuais latino-americanos quanto em literatura e/ou política peruana. Na década de 1920, o escritor e crítico brasileiro Silvio Julio realizou dois estudos sobre González Prada, publicados em revistas; entretanto, as páginas dedicadas ao peruano são poucas, no total contabilizam cerca de vinte e três,¹⁵⁹ nas quais o assemelhou a José Martí e Rufino Blanco-Fombona, por ter sido um ensaísta socialmente comprometido e se oposto ao autoritarismo¹⁶⁰. Roberto Schwartz, ainda que brevemente, nomeia-o poeta, ensaísta e polemista¹⁶¹ que influenciou a sua geração posterior, dentre eles José Carlos Mariátegui, expoente da política e sociologia do Peru no século XX.

Neste capítulo pretende-se demonstrar que política e literatura estiveram em diálogo constante em González Prada que, apesar de ser um intelectual nascido em uma família aristocrática, preocupou-se com os problemas políticos e sociais de seu país. Convém salientar as obras em prosa, em geral na forma de ensaios, ficando em segundo plano, mas não completamente descartada, a sua veia poética.

Como ensaísta, González Prada foi um intelectual de vanguarda, antes que a forma textual ensaística se consolidasse no tempo/espço e de se tornar popular. Afinal, o ensaio somente seria reconhecido no final do século XIX na América Latina, tendo se tornado comum na região, como demonstra Skirius: “El uso del término “ensayo” es mucho más reciente en las

¹⁵⁹ BAO, Ricardo Melgar. América Latina en el pensamiento de Manuel González Prada. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 197.

¹⁶⁰ JULIO, Silvio *apud* BAO, Ricardo Melgar. *op. cit.*, p.165-166.

¹⁶¹ SCHWARTZ, Roberto. *Vanguardas latino-americanas: polémicas, manifestos e textos*. São Paulo: Edusp/Iluminuras/Fapesp, 1995. p.628.

culturas hispánicas que en la inglesa y francesa. Medardo Vitier señala que la palabra no fue usada en la crítica literaria sino hacia fines del siglo XIX.”¹⁶²

Embora a definição de ensaio já fosse utilizada constantemente em países da Europa como Inglaterra e França, sendo Montaigne, segundo Skirius,¹⁶³ o “pai” do ensaio moderno, este termo só passou a ser empregado na América no final de oitocentos. Nessa época, segundo o autor, os melhores escritores latino-americanos foram ensaístas, inclusive González Prada, mesmo sem se denominarem assim, primeiro caracterizando-se como ensaio para então se consolidar como gênero literário entre os escritores hispano-americanos. O ensaísta de então propunha mudanças políticas, debate sobre os problemas sociais, para, mediante a sua escrita, tocar o maior número de pessoas possível.

Os ensaístas hispano-americanos, para Skirius, são antes “periodistas” do que filósofos; isto por estarem engajados com problemas sociais imediatos e concretos, enquanto o ensaísta filosófico se concentra no abstrato sem se limitar a um espaço determinado¹⁶⁴. Contudo, algumas características estão presentes no ensaio, independente da subdivisão à qual pertença: caráter antiacadêmico, o tamanho relativamente curto dos textos se comparados às obras de ficção em prosa (exceção ao conto) e a ausência de notas de pé de página que legitimam as afirmações.

Alfonso Reyes¹⁶⁵ enfatiza que o ensaio é o “centauro” dos gêneros literários, meio lírico e meio científico, combinando inspiração poética e informação concreta. José de Onís e Germán Arciniegas¹⁶⁶ defendem que Bartolomeu de Las Casas e, posteriormente, Simon Bolívar foram ensaístas, de modo que o gênero/forma literária coexistisse desde o início da formação da América Latina devido aos escritos de Las Casas.

Destarte, ensaísta e intelectual, a partir da década de 1870, González Prada desbravou novos caminhos para os escritores conterrâneos e para os latino-americanos, tanto pela escrita como pela atuação política, utilizando a pena em lugar da espada, sobrepondo as idéias à

¹⁶² SKIRIUS, John. Este centauro de los géneros. In: _____ (org.) *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1994. p.10.

¹⁶³ SKIRIUS, John. *op. cit.*, p.09-10.

¹⁶⁴ Não só Skirius divide o ensaio em dois subgrupos, Denis também faz esta divisão com o emprego de termos diferentes, utilizando as denominações “ensaio literário” e “ensaio cognitivo” para referir-se àquilo que Skirius conceitualizou como “ensaio periodístico” e “ensaio filosófico”, respectivamente. Ver: DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: Edusc, 2002. p. 93-94.

¹⁶⁵ REYES, Alfonso *apud* SKIRIUS, John. *op. cit.*, p.10-11.

¹⁶⁶ ARCINIEGAS, Germán; ONÍS, José de *apud* SKIRIUS, John. *op. cit.*, p.20.

força, assim como também fizeram outros ícones do ensaio na América Latina, entre eles, José Martí.

Adjetivar González Prada de intelectual e ensaísta, não significa restringi-lo a grupos homogêneos; ao contrário, González Prada, assim como os demais, tem as suas peculiaridades; suas distinções lhe dão características próprias, a ponto de Blanco-Fombona¹⁶⁷ considerá-lo um dos exemplos mais virtuosos das Américas. Segundo Bobbio,¹⁶⁸ os intelectuais, embora possam receber esta mesma qualificação não devem ser definidos de maneira restrita, como se houvesse consonância entre todos; já que muitos defendem pontos de vista opostos.

González Prada manifestou-se freqüentemente contra o poder e os políticos que governavam o seu país entre a segunda metade do século XIX e início do XX. A maioria de suas idéias foi expressa em periódicos menores, estava fora da grande imprensa limenha, os textos que não circularam em jornais, em geral, chegaram ao público por discursos e seus livros em prosa foram compilações posteriores. Era um escritor atento ao seu tempo, preocupado com a posteridade a partir dos problemas que permeavam a época em que vivia, como enfatizara na *Conferencia en el Ateneo de Lima* (1885): “Si los hombres de ayer trabajaron por nosotros, los de hoy estamos obligados a trabajar por los de mañana.”¹⁶⁹

Defendia que as respostas para os problemas vindouros deveriam ser formuladas pelos contemporâneos a eles, por isso não teve o propósito de elaborar uma doutrina nem condutas universais. González Prada não se preocupou em legar determinada visão de sua época para a posteridade, mas em compreendê-la com as concepções e valores de seu momento:

Las verdades adquiridas por el individuo no constituyen su patrimonio: forman parte del caudal humano. Nada nos pertenece, porque de nada somos creadores. Las ideas que más propias nos figuran, nos vienen del medio intelectual en que respiramos o de la atmósfera artificial que nos formamos con la lectura. Lo que damos a unos, lo hemos tomado de otros: lo que nos parece una ofrenda no pasa de una restitución a los herderos legítimos.¹⁷⁰

Assim, diversos temas e preocupações por ele abordados tornaram-se hoje de menos importância, embora isto não diminua o valor de suas obras que formaram uma

¹⁶⁷ BLANCO-FOMBONA, Rulfinio. *op. cit.*, p.219.

¹⁶⁸ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais...*, p.09.

¹⁶⁹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Conferencia en el Ateneo de Lima. In: _____. *Páginas Libres...*, p.19.

¹⁷⁰ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Librepensamiento de acción. In: _____. *Páginas Libres...*, p.222.

interpretação crítica da política, cultura e sociedade peruana oitocentista. Assim, parte dos problemas peruanos sobre os quais González Prada opinou, há mais de oitenta anos, ainda persistem, como Isabelle Tauzin escreve: “En el Perú se prefiere enfatizar la obra literaria de González Prada que reeler el hombre de ideas, aún peligroso con sus denuncias de la corrupción e incompetencia en la clase política.”¹⁷¹

Intelectual, político e literato, González Prada pode ser caracterizado como escritor engajado se partirmos da definição de Denis¹⁷², que defende que este tipo de autor assume compromissos perante a coletividade de seu país e recusa a passividade, transformando-se assim, em um opositor dos poderes instituídos. Desta forma, convém enfatizar que González Prada elaborou uma literatura participativa, precursora da chamada literatura engajada, expressão que se referia ao existencialismo, movimento surgido após a Segunda Guerra Mundial, e que teve o francês Jean-Paul Sartre como seu expoente maior, cujo apogeu deu-se entre 1945-1955.

Denis também diferencia o escritor engajado do escritor militante: o primeiro não estaria necessariamente filiado a partido político nem seria portador de uma doutrina, ele *vai* à política e tem ampla abrangência, utiliza-se dela para ir além e tratar de questões sociais e culturais. De modo diferente, o escritor militante *está* na política diretamente ligado a um ideal partidário de forma mais rigorosa¹⁷³, assim pode-se caracterizar González Prada como escritor engajado.

Entretanto, tal definição é questionável, pois como afirmar que alguém que fundou um partido político não é um escritor militante levando-se em conta as definições expostas? A preocupação do escritor engajado não se limita ao quesito político, mas também no que concerne a questões morais e éticas. Porém, mesmo quando se buscam acepções para estes, é necessário o vínculo, mesmo que secundário, com a política. González Prada, um dos fundadores da Unión Nacional em 1891, não iniciou a carreira política com a formação do partido. Ele já havia se engajado em lutas política e social e na ruptura com o *status quo* pós-colonial desde a década de 1870. Meses após sua fundação da Unión Nacional, González Prada viajou para a Europa onde permaneceu por sete anos e publicou a primeira edição de *Páginas Libres*, em 1894,

¹⁷¹ TAUZIN, Isabelle. A modo de epílogo. In: _____ (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 303.

¹⁷² DENIS, Benoît. *op. cit.*, p.31.

¹⁷³ Segundo Denis, a literatura de engajamento não é política *a priori*, não está limitada ao político, mas fala e faz política para atingir também outras esferas, como a social. Ver: DENIS, Benoît. *op. cit.*, p.35-36.

mesmo durante o seu vínculo com o partido, manteve certa autonomia e antes mesmo de surgir a Unión Nacional já acreditava que não se deve estar preso à política:

Nada tan mezquino de miras como um hombre eternamente confinado en la política. Si fiel a su partido, se agita em órbita de microbio, no concibe nada más allá de su grupo y realiza una obra de interés personal o de egoísmo; cuando no, rencores y venganzas; si infiel a sus correligionarios, va de agrupación en agrupación ejerciendo el ignominioso papel de tráfuga o merodeador público.¹⁷⁴

Após seu desligamento do partido, em 1902, seu envolvimento com a política nacional continuou, passou a escrever e a dialogar diretamente com trabalhadores, incitando-lhes a pensar autonomamente e unirem-se para transformar o país¹⁷⁵. A partir deste momento, o autor ganhou maior autonomia, fazendo Sánchez rotulá-lo como o fundador do anarquismo peruano.

Don Manuel, en tanto, minaba los elementos obreros y ganaba simpatías entre los indígenas. A ellos iba dirigida su campaña. La provincia se volvió el objetivo de su prédica, reaccionando contra la capital esquiva, burlona, impermeable. La Sierra y el Indio surgían como *leit motif* de sus artículos.¹⁷⁶

O engajamento do autor, segundo Denis, faz com que ele empregue as suas idéias para demonstrar seu ponto de vista sobre determinado assunto, havendo “a presença total do escritor em seu escrito”¹⁷⁷, já que assume responsabilidades perante seu texto. Assim, difere-se da modernidade literária surgida na Europa após meados do século XIX, quando a literatura ganhou maior autonomia criativa, mais atenta aos paradigmas estéticos do que a questões sociais e políticas.

Deste modo, a literatura de engajamento ultrapassa os limites artísticos e torna-se um ato influente na sociedade, fazendo que a boa receptividade dos textos junto com a presença do escritor, acarrete para este, conseqüências das mais variadas. Em geral, antes do século XX, havia o repúdio dos governos instituídos aos escritores engajados, como Voltaire,

¹⁷⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: _____. *Páginas Libres...*, p.109.

¹⁷⁵ Diversos discursos do período posterior a saída de González Prada da Unión Nacional foram compilados e publicados após sua morte. Ver: GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Antología*. Lima: Ediciones Peisa, 1975.

¹⁷⁶ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Don Manuel...*, p. 165

¹⁷⁷ DENIS, Benoît. *op.cit.*, 2002. p.45-46

Victor Hugo, Zola e também em González Prada¹⁷⁸. Tal reação mostra que a literatura tem o poder de transcender os valores estéticos e assumir uma função social, transmitindo concepções de um indivíduo ou grupo que diretamente intervém na política e na sociedade.

A aceção de literatura defendida por González Prada, não a desvincula de um caráter político, ao contrário, ela reflete, consciente ou inconscientemente interesses e sentimentos de um determinado grupo que utiliza a literatura para difundir sua concepção ideológica, qualquer que seja, para proveito próprio e de seus pares.

Os escritos em prosa de González Prada tornaram-se constantes e ganharam maior repercussão após o fracasso peruano na Guerra do Pacífico (1879-1883)¹⁷⁹, conflito no qual o Peru perdeu para o Chile regiões litorâneas ao sul que eram, naquele momento, grandes fontes de guano e salitre, ambos com grande exportação para a Europa. González Prada se alistou voluntariamente no exército e participou diretamente do conflito, estando presente na batalha de Miraflores que foi um dos últimos redutos tomados pelos chilenos antes da invasão de Lima.

Após a derrota peruana, González Prada fez de seus ensaios um meio para tentar restabelecer a moral que, acreditava ele, ter sido perdida no Peru junto com as possessões de terra. Para isto, afirmava que uma atitude era fundamental: a ruptura, posto que os problemas peruanos estavam vinculados à administração pública retrógrada e aristocrática, e também ao grande poder exercido pela Igreja Católica no cotidiano da sociedade. Para transformar o país seria necessário distanciar-se dos velhos hábitos e adquirir novas maneiras de administrar os bens públicos, beneficiando assim, a maior parte da população:

La historia nacional se resume en pocas líneas: muchas reformas políticas en cierge, adelantados sociales casi ninguno, es decir, estancamiento; porque la civilización de una sociedad no se mide por la riqueza de unos pocos y la ilustración de unos cuantos, sino por el bienestar común y el nivel intelectual de las masas.¹⁸⁰

Para o processo de reconstrução nacional, González Prada defendia ser necessário que se trocassem os governantes, que o Estado se tornasse laico, desvinculado da

¹⁷⁸ Vários periódicos nos quais González Prada escreveu foram postos na ilegalidade, além dele ter sofrido ameaças de agressão por sua postura política. Ver: SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son...*, p.207.

¹⁷⁹ O tema da Guerra do Pacífico esteve presente constantemente nos ensaios de González Prada.

¹⁸⁰ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: _____. *Páginas Libres...*, p.108.

Igreja Católica, e que os indígenas fossem incluídos socialmente no país. Por conseguinte, inimigos políticos não faltaram, entretanto, aumentou o círculo de admiradores, sendo que a sua imagem tornou-se símbolo dos denunciadores de uma sociedade injusta e excludente. Dispôs a sua erudição e retórica a serviço do bem-estar social, pois, buscava substituir as estruturas oligárquicas existentes, acabando com o predomínio de outro grupo sobre os demais:

Al agruparnos formamos partidos que degeneran en clubs eleccionarios, o mejor dicho, establecemos clubs eleccionarios que se arrojan en nombre de partidos. Verdad, las ideas encarnan en los hombres; pero también que desde muchos años, ninguno de nuestros hombres públicos representó ni siquiera la falsificación de una idea. Veamos hoy mismo. ¿Qué grupos se denominan partidos? ¿Quiénes se levantan con ínfulas de jefes?¹⁸¹

Também era contra a submissão e a imposição de preceitos, mesmo que vinda por parte dos trabalhadores. Buscava então romper com o tipo de sociedade que se tinha no Peru, e não simplesmente trocar o grupo dominador:

El librepensamiento, ejercido con semejante amplitud de miras, deja de ser el campo estrecho donde únicamente se debaten las creencias religiosas, para convertirse en el anchuroso palenque donde se dilucidantodas las cuestiones humanas, donde se aboga por todos los derechos y por todas las libertades.¹⁸²

Considerando-se livre-pensador, que para González Prada era um escritor e intelectual comprometido em denunciar os problemas sociopolíticos¹⁸³, ele buscou na Europa o exemplo de homens com idéias significativas para emergir um novo Peru, já que em sua concepção não havia em seu país literatos capazes disso: “El Perú no cuenta hoy con un literato que por el caudal y atrevimiento de sus ideas se levante a la altura de los escritores europeos, ni que en el estilo se liberte de la imitación seudo purista o del romanticismo trasnochado.”¹⁸⁴

Foi leitor de intelectuais europeus, principalmente dos franceses, com destaque para Victor Hugo e Renan, entre outros. Durante sua estada na Europa, viajou por diversos países

¹⁸¹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Los partidos y la Unión Nacional. In: _____. *Páginas Libres...*,p.202.

¹⁸² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Librepensamiento de acción. In: _____. *Páginas Libres...*,p.226.

¹⁸³ Embora González Prada se denomine livre-pensador por ser um escritor e intelectual, não significa que todo escritor e intelectual seja um livre-pensador, apenas aqueles que aliam seus escritos a tentativa de modificação social é que merecem receber tal adjetivo.

¹⁸⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*,p.27.

nos quais estudou algumas teorias que posteriormente foram adaptadas para o contexto peruano¹⁸⁵, não foi admirador de pensadores de seu país, pois acreditava que a literatura peruana não era senão mera continuação do período colonial. Era influenciado pelo pensamento europeu pós-iluminista, enquanto achava que o Peru continuava sendo seguidor do pensamento espanhol absolutista.

Não só admirou os pensadores europeus, como exemplo prático, de homens de ação, exaltava alguns peruanos, modelos de dignidade e amor ao país, como Vigil e Grau ambos aclamados em ensaios homônimos, respectivamente. Francisco de Paula González Vigil (1792-1875) era admirado por ter rompido com a Igreja Católica, defender a liberdade, a razão e a ciência em contraposição à fé e a ignorância, assim se tornando um exemplo a partir de suas atitudes.

Miguel Grau (1834-1879) fora capitão da marinha peruana, comandante do navio *Huáscar* e faleceu em combate contra os chilenos na Guerra do Pacífico; a admiração de González Prada por ele dava-se ao fato de não se vincular aos interesses políticos de grupos partidários. Ao contrário, lutou em favor de um Peru soberano acima que qualquer disputa interna; sendo modelo a ser seguido pelas gerações posteriores pois “la guerra, con todos sus males, nos hizo el bien de probar que todavía sabemos engendrar hombres de temple viril.”¹⁸⁶

Os assuntos sobre os quais González Prada opinou foram diversos, assim, o peruano Ricardo Sumalavia interpretou-o como um autor complexo e caleidoscópico,¹⁸⁷ devido aos seus escritos e sua vida. Para relatar o engajamento literário e político de González Prada, estudaremos três temas que foram recorrentes, embora não os únicos enfatizados, nas obras *Páginas Libres* e *Horas de Lucha*: a Guerra do Pacífico, as questões religiosas e o papel que o escritor deve ter em sua sociedade.

¹⁸⁵ Em Paris, González Prada assistiu aulas de Renan, a quem admirava por sua postura anticlerical e a favor do livre pensamento. Ver: BECHELLI, Ricardo Siqueira. *op. cit.* p.35-36.

¹⁸⁶ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Grau. In: *Páginas Libres...*, p. 41.

¹⁸⁷ SUMALAVIA, Ricardo. “La estatua de brancura marmórea”: Manuel González Prada y el cuento modernista. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 279.

3.1 A GUERRA DO PACÍFICO(1879-1883)

A Guerra do Pacífico, seus resultados e a participação direta de González Prada nela como combatente foram fundamentais para que ele alterasse o seu modo de criticar a sua sociedade. A partir do fim do embate o escritor diminuiu sua produção poética e ateu-se mais a prosa, geralmente na forma de ensaio com forte cunho revanchista, ao menos nos anos 1880 e 1890. Ao caracterizar o ensaio gonzalezpradista sobre a Guerra do Pacífico como revanchista, utilizamos o conceito dado por Giorgio Bianchi, para quem o termo revanchismo “é um comportamento político tendente a anular as desvantagens de uma derrota sofrida”¹⁸⁸.

Este conceito passou a ser empregado na Europa após a derrota francesa na guerra franco-prussiana; ou seja, ao recusar a perda dos territórios de Tacna e Arica para o Chile e buscar reavê-los, González Prada apresenta um discurso revanchista. Berg entende que na defesa da reparação, González Prada expressa o nacionalismo¹⁸⁹, enquanto Anderle defende que, ao propor a retomada das regiões perdidas na Guerra do Pacífico, o autor defendia o patriotismo combativo¹⁹⁰.

O nacionalismo de González Prada ficou explícito principalmente em seus textos dos primeiros anos após a guerra contra o Chile, com forte influência de Ernest Renan, que, segundo Bechelli¹⁹¹ era admirado por González Prada, por ser um livre-pensador. A influência de Renan sobre González Prada no que tange ao nacionalismo deu-se por este buscar a inserção social de todos que convivem no mesmo território, Renan defendia que para o cidadão, como ressaltam Homi K. Bhabha e Eric J. Hobsbawm, respectivamente, a nação expressa a vontade do povo¹⁹², sendo um plebiscito diário¹⁹³. Dessa forma, o nacionalismo de González Prada defende a inclusão social das camadas mais pobres que, em geral, não participavam das decisões políticas que refletiriam em seu cotidiano.

¹⁸⁸ BIANCHI, Giorgio. Revanchismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *op. cit.*, p. 1116-1117.

¹⁸⁹ BERG, Walter Bruno. *op. cit.*, p. 202.

¹⁹⁰ ANDERLE, Adám. *op. cit.*, p.98.

¹⁹¹ BECHELLI, Ricardo Sequeira. *Nacionalismos anti-racistas...*,p. 36.

¹⁹² BHABHA, Homi K. DissemiNação. In:_____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p.225.

¹⁹³ HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1870*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991, p. 16.

González Prada justificou a derrota bélica do Peru não por um único motivo, mas mediante diversos fatores que levaram à “calamidade mais desastrosa”¹⁹⁴ que os peruanos enfrentaram até então, marcando, profundamente, a geração coeva à guerra. González Prada é tido por Portocarrero como o primeiro intelectual peruano a tentar influenciar a nação a partir dos ensinamentos deixados pela derrota para os chilenos¹⁹⁵. Ele afirma que o ensaísta foi portador de uma grande capacidade retórica e esteve comprometido com a verdade e a justiça, buscando na democracia o caminho para a reconstrução de sua pátria no pós-guerra.

Entre as causas da vitória do Chile ante o Peru, González Prada encontrou na política peruana elementos favoráveis aos adversários, pois foram favorecidos pela ignorância reinante entre os políticos de seu país e o espírito de servidão que estes injetaram na população¹⁹⁶. Dessa forma, para que pudesse haver uma possível contra-ofensiva vitoriosa, inicialmente os peruanos deveriam substituir os políticos, pois os que ocupavam os cargos de poder pouco se importavam com a tragédia que se abateu sobre a nação:

Los hombres de ayer, que olvidaram todo eso, desfilan a nuestros ojos, sofocando en su pecho la voz del remordimiento y queriendo borrar de su frente las indelebles manchas de lodo y sangre; los hombres de hoy seremos execrados por la generación de mañana, si no damos a nuestros músculos vigor para herir y a nuestro cerebro luz para saber dirigir o golpe.¹⁹⁷

González Prada designa de “hombres de ayer” os políticos peruanos que determinaram as ações do país no conflito que, apesar das idéias ultrapassadas, os “de ontem”, continuavam ocupando os mais altos postos políticos. O autor os responsabiliza pelo despreparo do exército e a escassez de armamento¹⁹⁸; contudo, não espera deles uma atitude de vingança, conforme trecho acima. Ao contrário, espera nas pessoas que não estavam envolvidas com os cargos instituídos naquele momento, a possibilidade de reaver os territórios perdidos.

O grupo dos “hombres de hoy” no qual González Prada se auto-enquadrava, não poderia deixar para as outras gerações a incumbência de reincorporar as regiões tomadas, seriam os homens de seu tempo que poderiam modificar os resultados do enfrentamento bélico

¹⁹⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Perú y Chile. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 49.

¹⁹⁵ PORTOCARRERO, Gonzalo. *op. cit.*, p. 139.

¹⁹⁶ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Politeama. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 44.

¹⁹⁷ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Perú y Chile. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 53-54.

¹⁹⁸ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Los partidos y la Unión Nacional. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 203.

com o Chile. Afinal, não se poderia esperar dos ocupantes de altos cargos políticos o esforço para vencer os chilenos, posto que no Congresso, predominavam os que zelavam por suas negociações pessoais em detrimento do bem público¹⁹⁹. Daí decorreria a dificuldade, segundo González Prada, de vir deles a alteração das fronteiras do país, pois, segundo Bechelli,

González Prada foi o mais importante crítico da sociedade peruana em seu tempo. Ele soube agregar a angústia da perda e a da humilhação sofrida na guerra a sua crítica social. O Peru não fracassou porque o Chile era melhor; o fracasso deveu-se ao próprio país derrotado. É nesse sentido que sua crítica se dirige à classe dominante – da qual fazia parte –, e não à população pobre do país.²⁰⁰

Ainda segundo Bechelli, o ataque de González Prada à classe dominante remete-se aos políticos que, mesmo em situação desfavorável resultante da guerra, defendiam em primeiro plano os seus interesses privados, atitude diferente do governo chileno cuja nação encontrava-se coesa ante o inimigo desunido: “...cuando el más oscuro soldado del ejército invasor no tenía en sus labios más nombre que Chile, nosotros, desde el primer general hasta el último recluta, repetíamos el nombre de un caudillo, éramos siervos de la Edad Media que invocábamos al señor feudal.”²⁰¹

Para atingir a vitória no conflito, o Chile foi favorecido pelo mau preparo das forças armadas peruanas, mas também pela ajuda externa, com a participação de capitalistas estrangeiros, especialmente os ingleses. Assim, González Prada percebia a forte influência de outros países no país rival tendo sido um fator importante para que o embate ocorresse; segundo ele o Chile carecia de autonomia até mesmo em questões internas: “Extranjeros reformaron sus universidades, extranjeros redactaron sus códigos, extranjeros arreglaron su hacienda pública, extranjeros le adiestraron contra nosotros la puntería de los cañones Krupp”²⁰².

Anos após o término da guerra, González Prada interpreta que seu país não havia conseguido se recuperar dos estragos causados pelo Chile: “Muchos pueblos, al sufrir un

¹⁹⁹ *Idem*, p.204.

²⁰⁰ BECHELLI, Ricardo Sequeira. A Guerra do Pacífico (1879/1883) e o pensamento anti-racista de Manuel González Prada. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, PUC, São Paulo, nº31. p.359-374, dez. 2005, p.373.

²⁰¹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Politeama. In: _____.*Páginas Libres...*, p. 45.

²⁰² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Perú y Chile. In: _____.*Páginas Libres...*, p. 52.

descalabro, guardan la fuerza de elasticidad suficiente para regresar al punto de la caída. Nosotros, vencidos por Chile, permanecemos colados al suelo como sustancia glutinosa.”²⁰³

González Prada pensava que para a reconstrução do país necessitaria de união entre as diversas camadas sociais existentes, mas o individualismo dos políticos seria o maior empecilho para que tal ocorresse. Não descartava a vingança sobre os chilenos, até mesmo porque ainda via o país vizinho como ameaça para novos ataques; todavia a contra-ofensiva peruana não deveria ser imediata, pois era necessário antes recuperar a economia e as forças armadas para evitar outro conflito com resultados desvantajosos²⁰⁴.

Em 1888, cinco anos após o término dos enfrentamentos, González Prada afirmou que o Peru passava por um momento problemático nas relações internacionais, as destruições feitas pelos chilenos começavam a cair no esquecimento e então era necessário não deixar isso acontecer:

Chile se lleva guano, salitre y largos jirones de territorios; pero nos deja el amilanamiento, la pequeñez de espíritu, la conformidad con la derrota y el tedio de vivir modesta y honradamente. Se nota en los ánimos apatia que subleva, pereza que produce rabia, envilecimiento que mueve a náuseas.²⁰⁵

Para que a situação daquele momento fosse transformada, González Prada defendia o despertar de sentimentos como ódio e vingança em cada peruano, pois não considerava desonrado que seu país agisse com os outros do mesmo modo como era tratado. Achava que a diplomacia peruana deveria ser amistosa com os demais governos que agissem da mesma maneira, contudo considerava correto atacar aqueles que agrediam a sua pátria; assim Blanco-Fombona analisa que González Prada “en los corazones temblorosos inyecta el odio a Chile, la confianza en el propio esfuerzo y la fe en el porvenir.”²⁰⁶

Sánchez concorda que o ódio de González Prada se projetava contra o Chile, assim como também contra a plutocracia peruana, já que ele não considerava a derrota vergonhosa, mas sim a atitude de aceitação dos políticos diante da situação²⁰⁷.

²⁰³ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 105.

²⁰⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Perú y Chile. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 55.

²⁰⁵ *Idem*, p.49.

²⁰⁶ BLANCO-FOMBONA, Rufino. *op. cit.*, p.215.

²⁰⁷ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son...*, p.157.

Embora buscasse aguçar o senso de vingança dos peruanos quanto à derrota para o Chile, González Prada em 1889 reconhecia que a perda no conflito legara poucas lições, posto que o governo mantinha o mesmo aparato político e burocrático de outrora²⁰⁸, dificultando qualquer tentativa de restabelecimento dos territórios perdidos. Como a vitória chilena foi o maior flagelo pelo qual o povo peruano poderia passar²⁰⁹, Chang-Rodríguez vê que González Prada demonstrou que eram necessárias modificações na economia, política, legislação e até mesmo nas questões militares da nação²¹⁰ para que houvesse a retomada de Tacna e Arica, pondo-se contra a administração arcaica presente desde os conflitos com o Chile. .

Os ensaios de González Prada que se referem à Guerra do Pacífico têm característica de denúncia, tanto contra os políticos quanto contra as forças armadas, entretanto, é necessário fazer ressalvas em relação aos ataques feitos por ele aos militares. A participação direta no conflito fez com que o autor conhecesse as estruturas bélicas e os planos desenvolvidos pelos coordenadores das ações militares peruanas. Assim, a sua crítica de que havia uma grande distância entre a realidade dos enfrentamentos e os planos elaborados ganhou credibilidade pela vivência da situação que o fez ver certo descaso das autoridades quanto às condições de combate de seus compatriotas. González Prada também se mostrou indignado com a incompetência dos altos comandantes das forças armadas, que segundo ele, deveriam ter pressionado o presidente e o congresso para aumentarem os recursos destinados ao conflito. Contudo, também enalteceu os soldados que foram ao *front* devido a coragem de enfrentarem o inimigo até o fim, de modo que os exemplos a ser seguidos sobre a guerra não eram os dos estrategistas e dos alto-comandantes, mas dos integrantes das forças armadas que deram suas vidas em prol da pátria; exemplifica citando o almirante Miguel Grau e o comandante Francisco Bolognesi²¹¹, ambos mortos em combate.

González Prada atribuiu a vitória chilena na Guerra do Pacífico aos diversos fatores que estão supracitados, como o melhor preparo do inimigo que também tivera a seu favor o recebimento de ajuda internacional. Contudo, a guerra calamitosa para o Peru, como designou Basadre²¹², teve como ponto forte a favor do inimigo a incompetência política e militar peruana. González Prada acreditava que seu país era desunido e seus administradores pouco competentes,

²⁰⁸ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Nuestros beduínos. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 295.

²⁰⁹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Nuestros tigres. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 303.

²¹⁰ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p. 88-90.

²¹¹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. 15 de julio. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 57.

²¹² BASADRE, Jorge. *História de la Republica ...*, p. 232.

em suas palavras, entre os membros políticos peruanos “Hay cráneos, pero no cerebros”²¹³. Isto diminuiria as chances de modificar os rumos do país caso não houvesse a substituição deles por pessoas que distinguíssem com clareza os interesses públicos dos privados, com essa finalidade é que foi um dos fundadores, em 1891, do partido Unión Nacional.

3.2 QUESTÕES RELIGIOSAS

A maneira como a religião estava inserida na sociedade peruana foi motivo de reflexões de González Prada que não a via com bons olhos pelo fato de ter grande influência em outros setores da sociedade que deveriam ser seculares; entre as críticas de destaque encontra-se a da presença religiosa na educação escolar das crianças. A busca em distanciar religião e educação deu-se pelo fato de González Prada crer que ao interferir na educação, a Igreja católica influenciava e interferia nas relações sociais do país. Para elucidar seu pensamento o autor citou Leibniz ao dizer que “el dueño de la educación es dueño del mundo”.²¹⁴

A crítica de González Prada à religião foi especialmente à Igreja católica, predominante no país, e que ele conhecia muito bem, já que sua família era seguidora fervorosa, em especial a sua mãe, dona Josefa, de modo que seus ataques direcionados ao clero católico foram mais divulgados após a morte dela, em 1887. Embora as críticas religiosas de González Prada tenham tornado-se explícitas somente a partir do final da década de 1880, Sánchez²¹⁵ acredita que sua tendência anti-clerical fora desenvolvida quando ainda estava no seminário no final da década de 1850. Também defende que embora crítico do catolicismo, González Prada vacilava entre momentos de crença e de incredulidade, principalmente nos últimos anos de sua vida; dessa forma Sánchez não o considera ateu porque acredita que em alguns momentos cria em uma divindade.²¹⁶

A grande influência do catolicismo na sociedade peruana foi refutada por González Prada que defendia o Estado laico no qual a religião estaria limitada ao espaço privado

²¹³ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 29.

²¹⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Instrucción católica. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 72.

²¹⁵ SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son...*, p. 34.

²¹⁶ *Idem*, p. 368-370.

do indivíduo e de sua comunidade, devendo ficar fora do debate social e político. González Prada acreditava que a aliança com a Igreja fugia das deliberações do Estado e restringia as liberdades individuais daqueles que discordavam das decisões clericais:

El Estado, al infligir penas por los delitos religiosos, se arroga el derecho de fallar en asuntos que no conoce ni le competen. ¿Cómo sabe que la religión católica es la única verdadera? Al afirmarlo implícitamente con sus leyes, se convierte en concilio ecuménico, falla ex-cátedra y se infiere en cuestiones resueltas por alguien más competente que el Estado – la ciencia.²¹⁷

Ainda opondo-se à presença católica na política e sua influência na sociedade peruana, González Prada criticou o clero por considerá-lo inoportuno em suas considerações sociais e pouco erudito para tentar estabelecer paradigmas culturais:

¿Por qué autorizar la ingerencia del clero en cosas de imprenta? ¿Por qué reconocer en el Código Penal delitos y faltas contra la religión? Si castigamos al filósofo que en sus disquisiciones no se conforma con el catecismo de perseverancia, ¿por qué no castigamos también el teólogo que en sus panegíricos infringe *el Arte de Hablar*? Pecado contra pecado, tanto vale ofender el dogma como quebrantar las reglas del buen decir. Establézcase, pues, *Jurados mixtos*; y si un obispo denuncia un folleto contra la pureza de María, que un literato denuncie una pastoral contra la gramática.²¹⁸

Para Joël Delhom²¹⁹, González Prada não dissociou as questões religiosas das sociopolíticas, pois acreditava que ambas estavam interligadas, até mesmo porque o catolicismo tinha entre seus fiéis grande parte das autoridades do país, assim, acabava interferindo nas decisões políticas. Delhom ainda diz que González Prada dedicou-se ao estudo histórico da Igreja católica e a considerou uma “superstição primitiva” contrária ao uso da razão e incentivadora da passividade intelectual, o que lhe daria a função de dominação da população em favor dos poderes instituídos. No que se refere às influências sofridas pelo peruano em seus juízos

²¹⁷ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Libertad de escribir. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 99.

²¹⁸ *Idem*, p.99.

²¹⁹ DELHOM, Joël. Aproximación a las fuentes de Prada sobre la cuestión religiosa. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 57-58.

anticlericais, Delhom acredita que os pensadores franceses foram predominantes, com destaque para Victor Hugo e Ernest Renan.

Na concepção de González Prada, o clero peruano era pouco instruído e estava internamente dividido, “aquí, el clero carece de saber, inteligencia o virtud, y no forma un cuerpo unido ni homogéneo: cura, fraile y clérigo se repelen, viven divorciados por antagonismo hereditario”²²⁰.

Consciente disso, o clero recorria a dogmas para evitar abrir espaço para o debate sobre assuntos para os quais ele mesmo não encontrava consenso. Assim, a Igreja católica aproveitava sua importância na sociedade muito mais para se manter em consonância com os poderes instituídos do que para alertar as pessoas dos problemas que o país enfrentara. Além do mais, opunha-se àqueles que tentavam, de alguma maneira, tornar-se indagadores da situação do país:

La Iglesia comprende muy bien su precaria situación y no admite la lucha leal en campo abierto: sabe que basta luz en candil para desvanecer sus sombras chinescas, que sobran los dientes de mediana pluma para destripar su firmamento de *baudruche*. De ahí su despotismo: nada tan cruel, tan opresor ni tan intolerante como una religión en las postrimerías de su existencia. Su rabia recuerda la rabia del tigre acorralado por los cazadores, su despecho recuerda el despecho del escorpión rodeado de carbones ardientes.²²¹

Crítico do catolicismo, González Prada tinha maior simpatia pelo protestantismo que seria menos dogmático e menos mistificador, fazendo com que seus fiéis fossem mais esclarecidos. Também via como exemplar o cristianismo primitivo que acreditava ser revolucionário diante o Império Romano; contudo, não poupou ataques à Igreja católica contemporânea que via como reacionária perante a situação social de seu tempo. No texto *Política y religión* (1900), fica evidente sua antipatia com o catolicismo por encontrar nele um empecilho à civilização, denominando-o de revolução inversa:

El Catolicismo encierra una perenne amenaza a la civilización moderna, una latente revolución a la inversa, un poder que incesantemente se afana por rehacer la Historia con el fin de borrar los rastros de la Revolución Francesa, suprimir la Reforma, anular el Renacimiento y sumergir a la Humanidad en la penumbra de la Edad Media. Es el enemigo, el árbol de sombra mortífera, el

²²⁰ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*,p.29.

²²¹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Libertad de escribir. In: _____. *Páginas Libres...*,p.100.

manzanillo de las almas. Si quisiéramos palpar el resultado de su acción sobre los pueblos, no necesitaríamos alejarnos mucho: el progreso intelectual y moral de las naciones sudamericanas se mide por las dosis de Catolicismo que han logrado eliminar de sus leyes y costumbres.²²²

Segundo Pierre-Luc Abramson, na tentativa de ruptura com os dogmas católicos e explicações místicas para as situações do cotidiano, González Prada foi influenciado pelos iluministas e pela Revolução Francesa, o que pode ser afirmado pelo enaltecimento feito pelo autor a ambos a partir da citação acima. Também se opôs ao “obscurantismo religioso”, herança deixada pelos espanhóis em seu país²²³ que buscaria a aceitação dos dogmas e a submissão dos indivíduos às condições de vida impostas pela religião mesmo que não fosse agradáveis e prazerosas.

No quesito religioso, os estudos de González Prada se dão em torno das religiões cristãs, segundo Chang-Rodríguez²²⁴, ele via a figura central dessas religiões, Jesus, não como um ser divino, mas como alguém que defendeu preceitos morais já existentes em outras religiões, fundamentais para a vida em comunidade. Dessa forma, González Prada acredita que a figura de Cristo seja um bom exemplo a ser seguido; o que despreza são as igrejas que se utilizam se sua imagem para acumular riquezas e legitimar a concentração do poder. Tal atitude limitaria as liberdades individuais dos seguidores que deveriam agir conforme preceitos religiosos nem sempre favoráveis à dignidade humana: “Para merecer el título de buen ciudadano y figurar en la clásica nómina de los hombres cuerdos, se necesita conformarse a los usos y prejuicios de su tiempo, venerando los absurdos de la religión en que se nace, justificando las iniquidades de la patria en que se vive.”²²⁵

Em suas críticas à Igreja Católica, González Prada aliou-a à aristocracia, acusando-a de ser conivente com a corrupção dos políticos aristocratas sem recriminá-los por tais atitudes; assim, caracterizou o clero como conservador e auxiliador da manutenção das desigualdades sociais. Entre as afirmações conservadoras da Igreja católica que González Prada

²²² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Política y religión. In: _____. *Páginas Libres...*, p.349.

²²³ ABRAMSON, Pierre-Luc. Ciencia y cientificismo en el pensamiento de González Prada. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 49.

²²⁴ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p. 79.

²²⁵ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Librepensamiento de acción. In: _____. *Páginas Libres...*, p. 223.

repudiava está a submissão das mulheres, que teriam seu desenvolvimento social e intelectual entravado pela aproximação com o clero:

Al estatuir la indisolubilidad del matrimonio, al condenar las más legítimas de las causas que justifican la nulidad del vínculo, al no admitir esa nulidad sino en casos muy reducidos y bajo condiciones onerosas, tardías y hasta insuperables, la Iglesia Católica fomenta y sanciona la esclavitud femenina. Arrebata a la mujer una de sus pocas armas para sacudir la tiranía del hombre, aprisionándola eternamente dentro de un hogar donde se halla en la obligación de rendir amor, respecto y obediencia al indigno compañero que sólo merece odio, desprecio y rebeldía. A la constitución de una nueva familia dulcificada por la buena fe, la ternura y la fidelidad, los católicos prefieren la conservación de un hogar envenenado por la hipocresía, el desamor y el aduterio.²²⁶

Assim, González Prada encontrava no declínio do catolicismo a maneira para que as mulheres pudessem usufruir dos mesmos direitos que os homens e se emancipassem, deixando de ser dependentes do clero, de pais e maridos, tanto intelectual quanto economicamente. Percebe-se, nas opiniões de González Prada sobre a influência católica no cotidiano feminino, o quanto ela estava arraigada, e como amiúde limita as ações das mulheres e não lhes dava a oportunidade do conhecimento científico, restringindo-as às explicações místicas e dogmáticas do clero:

La mujer, la parte sensible de la Humanidad, no pertenece a la parte pensadora; está en nuestros brazos, pero no en nuestro cerebro; siente, pero no piensa con nosotros, porque vive en místico desposorio con el sacerdote católico, porque ha celebrado bodas negras con los hombres del error, de la oscuridad y de la muerte.²²⁷

O catolicismo também foi alvo de suas críticas pela sua gerência na educação peruana, para ele, principalmente após a derrota do país na Guerra do Pacífico, ela deveria ser desvinculada da religião. Só assim seria possível a reconstrução econômica, política e social do país de modo que outra derrota como a que aconteceu perante os chilenos não se repetisse. As

²²⁶ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Las esclavas de la Iglesia. In: _____. *Páginas Libres...*,p.237-238.

²²⁷ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*,p.29.

críticas de González Prada sobre a influência católica no ensino do país foram interpretadas por Bechelli como uma forma de romper com o conservadorismo:

Uma das maiores críticas feitas por ele é justamente contra a Igreja católica, que era um dos pilares do conservadorismo que reinava no Peru, totalmente vinculada ao poder. Para González Prada, a educação católica era uma negação da razão e, ao mesmo tempo, um ponto do conservadorismo, que mantinha a população peruana alienada em relação a sua própria realidade, analisando-a como um instrumento de dominação.²²⁸

Semelhante a Bechelli, Delhom interpreta que para González Prada a religião é um instrumento de dominação porque retira dos indivíduos a sinceridade e espontaneidade ao passo que tem como norteador das ações o pós-morte. Assim, para ele, os centros de ensino com a presença de membros da igreja colocam a liberdade individual limitada pela moral, pensamento com o qual o autor não concordava, já que achava que a moral é que deveria estar subordinada à liberdade individual, invertendo o pensamento educacional religioso.²²⁹

A educação católica no Peru, na óptica de González Prada era ruim, formava mal, difundia o fanatismo religioso e deturpava os valores individuais, fazendo com que ocorresse uma desvalorização dos anseios próprios para atender as exigências religiosas. Tal situação só poderia ser modificada com a laicização da educação, entretanto as dificuldades para que isso ocorresse eram muitas devido à maneira como os valores cristãos haviam sido difundidos. Enquanto não houvesse a reforma escolar e universitária com a secularização do ensino, para González Prada as dificuldades para modificações sociais seriam maiores, pois o clero deturpava a realidade de maneira a evitar maiores questionamentos da realidade sociopolítica do país:

¿Qué resulta la enseñanza fundada en el *Catecismo*? El niño abandona desde temprano el mundo real, para vivir en una región fantasmagórica. Adaptándose a un medio milagroso donde, en lugar de reyes inmutables, reinan voluntades flexibles, irregulares y arbitrarias, concluye por tomar a lo serio los mitos y leyenda de los libros sagrados.²³⁰

²²⁸ BECHELLI, Ricardo Sequeira. A Guerra do Pacífico ..., p. 364.

²²⁹ DELHOM, Joël. *op. cit.*, p. 64.

²³⁰ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Instrucción católica. In: _____. *Páginas Libres...*, p.81.

Desse modo, para o pensador, a Igreja altera da maneira que melhor lhe convém o conhecimento que ensina aos estudantes e assim dificulta as tentativas de levantes contra os governantes e contra si mesma. González Prada acredita que o clero católico quer manter-se como o único detentor do conhecimento ensinado nas escolas devido ao seu dogmatismo, pois sabe que se houver um ensino laico, ou até mesmo a educação protestante, diversos temas que os padres ensinavam seriam desmistificados. A educação era para González Prada um dos caminhos, não o único, para que a grande maioria da população peruana deixasse de estar subordinada ao mando de políticos corruptos e incompetentes, sobre isso, Chang-Rodríguez escreveu: “González Prada aconseja la extensión y la intensificación de la educación para que sirva de profilaxia moral. La educación podría librar al pueblo peruano de la inverterada constumbre de obedecer y la tentadora ambición de mando.”²³¹

A religião no pensamento gonzalezpradista deve ser evitada, entre outros motivos por resolver *a priori* os problemas humanos e dessa forma não levar em consideração a experiência individual. Ou seja, para González Prada, quanto mais afastado da religião, mais o ser humano pensa em suas ações e em encontrar uma resposta própria para cada situação vivida, tornando-se dessa forma mais inteligente e emancipado, nas palavras do autor:

La religión sirve como poderoso instrumento de servimdubre: con la resignación encadena el espíritu de rebeldía, con la esperanza de um bien póstumo adormece el presente dolor de los desherdados. Es el monótono canto de la nodriza, y el hombre que goza en escucharle no ha salido todavía de la infancia.²³²

Ao sair da infância, ou seja, deixar a religião, o indivíduo deixaria de explicar as mais diversas situações pela disputa “deus x diabo” e assim, sem esperar que os sofrimentos cotidianos fossem transformados em prazeres após a morte; na concepção de González Prada, no seu dia-a-dia buscaria por melhores condições de sobrevivência. Ao querer modificar para melhor a vida de outros também, seria muito mais benquisto do que aqueles que professam uma religião e pensando na recompensa eterna praticam a solidariedade de maneira egoísta e interessada. Dessa forma, ao deixar o pensamento religioso de lado, o indivíduo que ocupasse seu

²³¹ CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *op. cit.*, p. 99.

²³² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Instrucción católica. In: _____. *Páginas Libres...*, p.88.

tempo com boas ações sem intenções *a posteriori* o faria com maior intensidade por estar vinculado à realidade. Ao mesmo tempo teria despertado o senso crítico, fundamental, segundo González Prada, para o combate à corrupção e ao individualismo arraigados nas estruturas sociais e políticas peruanas de seu tempo.

3.3 FUNÇÃO SOCIAL DO ESCRITOR

Manuel González Prada foi crítico ferrenho das estruturas políticas, religiosas, sociais e educacionais existentes no Peru de seu tempo, a partir da Guerra do Pacífico reivindicou mudanças políticas e sociais para o reerguimento da pátria. Nisto se deparou com a forte presença da Igreja católica vinculada a sólidas estruturas políticas oligárquicas que excluía a maioria das decisões tomadas, outro obstáculo às transformações era a educação com grande influência do clero católico. Contudo, restava para González Prada uma maneira de começar a romper com o modo de vida cotidiano e questionar as atitudes do governo e indagar os trabalhadores sobre seu papel na sociedade, assim, os intelectuais deveriam instigar a população a pensar livremente e não aceitar as decisões dos agentes governamentais sem refletir sobre elas anteriormente.

Ao escrever, o intelectual opta por concordar ou ao menos aceitar as coisas como estão, ou por ganhar ares de questionador e denunciador ao discordar da maneira como determinada situação é administrada por alguém, nesta segunda opção, segundo González Prada estão os livre pensadores. Para ele, a palavra foi substituída por escritores peruanos que a usaram para tentar esconder a realidade do país da maioria das pessoas; estes não se sensibilizavam com os problemas enfrentados pela população mais pobre e continuavam ao lado dos políticos apesar da incompetência destes na administração pública ter ficado explícita desde a guerra com o Chile. No momento em que se alia aos políticos incompetentes e os defendem, o escritor cumpre um papel às avessas do que deveria ser o seu, pois corrobora com a gestão dos bens públicos feitas por políticos inaptos para isso:

Si desde la guerra con Chile el nivel moral del país continua descendiendo, nadie contribuyó más al descenso que el literato con sus adulaciones y mentiras, que el periodista con su improbidad y mala fe. Ambos, que debieron convertirse en acusadores y justicieros de los grandes criminales políticos, se hicieron encubridores y cómplices.²³³

²³³ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*, p.31.

González Prada acredita que a situação dos escritores como colaboradores junto aos poderes instituídos começava a se modificar a partir da sua geração que considerou como acusadora dos problemas enfrentados pelo país²³⁴. Dessa forma, considerava que os literatos e os jornalistas deveriam enfrentar os políticos com a “pluma” e não precisavam temer a força das autoridades, pois acreditava que, “si hay algo más fuerte que el hierro, más duradero que el granito y más destructor que el fuego, es la palabra de un hombre honrado.”²³⁵

Pensar a escrita como forma de iniciar a modificação social através do alcance do maior número de pessoas possível fez com que González Prada fosse um dos idealizadores do *Círculo Literario* em 1885 e sobre tal agrupamento disse:

El *Círculo Literario*, la pacífica sociedad de poetas y soñadores, tiende a convertirse en centro militante y propagandista. ¿De dónde nacen los impulsos de radicalismo en literatura? Aquí llegan ráfagas de los huracanes que azotan a las capitales europeas, repercuten voces de la Francia incrédula y republicana. Hay aquí una juventud que lucha abiertamente por destrozarse los vínculos que nos unen a lo pasado; una juventud que desea matar con muerte violenta lo que parece destinado a sucumbir con agonía importunamente larga; una juventud, en fin, que se impacienta por suprimir obstáculos y abrirse camino para enarbolar la bandera roja en los desmantelados torreones de la literatura nacional.²³⁶

Dessa forma, González Prada utiliza e incentiva os literatos a utilizarem a escrita como forma de crítica social no intuito de modificar o país. Para Thomas Ward, ao levantar a questão social, o peruano buscou como público as massas e assim colaborou com periódicos populares. Neles simplificou seu estilo de escrita para tornar-se mais cognoscível, pois somente dessa forma os literatos revolucionários poderiam superar os entraves para o desenvolvimento social do país e alcançar a liberdade e igualdade na sociedade peruana²³⁷. Na mesma senda de Ward, Mariátegui acredita que González Prada utilizou sua escrita para atingir as massas: “Embora não tenha sabido falar numa linguagem despida de retórica, González Prada

²³⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Polietama. In: _____. *Páginas Libres...*, p.43.

²³⁵ *Idem*, p. 30.

²³⁶ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*, p.25-26.

²³⁷ WARD, Thomas. *op. cit.*, p.127.

jamais desdenhou as massas. Pelo contrário, reivindicou sempre sua glória obscura. Advertiu os literatos que o seguiam sobre a futilidade estéril de uma literatura elitista.”²³⁸

A simplificação da escrita de González Prada citada por Ward ocorreu pelo autor acreditar que a leitura deveria ser prazerosa e isso poderia acontecer sem que as idéias fossem vulgarizadas e simplificadas se a linguagem utilizada fosse condizente com aqueles que a recebessem, de modo que: “Para ejercer acción eficaz en el ánimo de sus contemporáneos , el escritor debe amalgamar la inmaculada transparencia del lenguaje i la sustancia medular del pensamiento. Sin naturalidad i claridad, todas las perfecciones se amenguan, desaparecen.”²³⁹

O trecho acima citado é parte do ensaio *Notas acerca del idioma*, no qual González Prada evidencia que o escritor que busca alcançar um grande público deve atentar-se à clareza na escrita. Além disso, defende intrinsecamente que o idioma não é inflexível e que deveria ser modificado, fugindo do arcaísmo acadêmico ainda vinculado às normas gramaticais espanholas, para aproximar-se das massas pouco letradas, nesse caso a modificação mais evidente é a substituição do “y” por “i”.

O escritor na concepção de González Prada não deve estar alheio aos problemas sociais e políticos de seu tempo, ao contrário, deve escrever visando influenciar seus contemporâneos no combate à Igreja católica, aos políticos e autoridades em geral que dificultam melhorias para a sociedade, dessa forma, não podendo ficar alheio as discussões políticas cotidianas:

Si alguien tiene obligación y derecho de inmiscuirse en las discusiones políticas es el escritor, no para quedar oscurecido y anulado en ellas, sino para iluminarlas y ensacharlas; no para defender la legalidad de convención y mentira, sino para recorrer anchos horizontes de justicia; no para divagar sobre interpretaciones de leyes o subsistencias de formas tradicionales y pueriles, sino para elevar las cuestiones políticas al rango de las cuestiones sociales.²⁴⁰

Na concepção de Hugo García Salvatecci²⁴¹, González Prada acreditava que o escritor tem o dever de abrir os olhos da multidão, mas isso não significa que seja condutor, pois

²³⁸ MARIÁTEGUI, José Carlos. *op. cit.*, p.182.

²³⁹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Notas acerca del idioma*. In: _____. *Páginas Libres...*,p.173.

²⁴⁰ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Propaganda y ataque*. In: _____. *Páginas Libres...*,p.109.

²⁴¹ SAVATECCHI, Hugo García. *Prólogo*. In: GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Antología*. Lima: Ediciones Peisa, 1975, p. 07.

defendia a liberdade individual tanto de intelectuais quanto de trabalhadores manuais de maneira que ambos unidos modificassem a situação do país, mas essa união não poderia ser imposta por nenhum dos dois lados, deveria ser espontânea de forma a respeitar as decisões de todos. Salvatecci diz ainda que o ensaio *El intelectual y el obrero*, é um dos textos de González Prada que melhor expressa a concepção libertária que o intelectual deve ter em um processo revolucionário de transformação da sociedade.

No texto de González Prada mencionado por Salvatecci, o autor demonstra que, embora os intelectuais devam despertar os trabalhadores no intuito de buscar a modificação social, não lhes atribui um papel mais importante que o das massas:

Cuando preconizamos la unión o alianza de la inteligencia con el trabajo no pretendemos que a título de una jerarquía ilusoria, el intelectual se erija en tutor o lazarrillo del obrero. A la idea que el cerebro ejerce función más noble que el músculo, debemos el régimen de las castas: desde los grandes imperios de Oriente, figuran hombres que se arrojan el derecho de pensar, reservando para las muchedumbres la obligación de creer y trabajar.²⁴²

González Prada em sua ação intelectual engajou-se tentado transformar a sociedade em que vivia, buscou humanizá-la, torná-la liberta das amarras aristocráticas e coloniais que acreditava ainda existirem, e que eram empecilhos para o desenvolvimento do país, através de seus escritos:

Y ¿a quién le cumple más que al escritor la indisciplina y la insumisión? El debe marchar siempre en las cabezas de los insumisos e indisciplinados, tan ajeno a los aduladores del Poder como los cortesanos de la muchedumbre. Para demandar justicia no aguarda hora propicia ni ocasión favorable, sino que la exige siempre en todo lugar, principalmente cuando se corre peligro al demandarla y cuando todos tiemblan y callan. Y en esto se diferencia del político.²⁴³

Denominando-se de livre-pensador, González Prada acredita que, por não estar vinculado à religião católica, corre o risco de sofrer represálias por parte do governo que tem como denunciador dos textos “subversivos” o próprio clero católico. González Prada difundiu a

²⁴² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. El intelectual y el obrero. In: _____. *Páginas Libres...*,p.230.

²⁴³ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: _____. *Páginas Libres...*,p.104.

busca por uma imprensa livre, já que o escritor tem que orientar pelas necessidades do público e não daqueles que ocupam cargos governamentais, tendo assim um papel político importante na formação da opinião pública:

Y conviene no reconocer diferencia entre el político de acción y el periodista, considerándole como un político pasivo: el hombre que se instituye juez o acusador de los gobiernos, director espiritual de las muchedumbres y propagandista o defensor de una idea, ese hombre ejerce una función pública: pertenece a todos como el actor y el político. ¿Quién ignora que la palabra elocuente de un periodista ejerce más influencia en la marcha de un estado que las leyes de un Congreso y los decretos de un Ministro?²⁴⁴

Assim, concordamos com Ricardo Melgar Bao para quem González Prada foi escritor e político que preferiu escrever textos curtos que circularam em jornais do que livros; haja vista que suas obras em prosa são compilações ulteriores, muitas delas nem feitas por ele mesmo²⁴⁵, devido a maior rapidez das reflexões alcançarem o público com a publicação em periódicos. Para Bao o pensamento gonzalezpradista tem como objetivo que a população peruana alcance três liberdades: a política, a lingüística e a de pensamento²⁴⁶.

González Prada escreveu para seu tempo, com a intenção de olhar para o passado do Peru com repúdio, como exemplo a não ser seguido e com o qual a sociedade peruana deveria refutar para poder modificar a política e a sociedade do país,

En la orgía de la época independiente, vuestros antepasados bebieron el vino generoso y dejaron las heces. Siendo superiores a vuestros padres, tendréis derecho para escribir el bochornoso epitafio de una generación que se va, manchada con la guerra civil de medio siglo, con la quiebra fraudulenta y con la mutilación del territorio nacional.²⁴⁷

Assim, não buscava um passado glorioso, nem na história, nem nos pensadores peruanos, pois acreditava que estes produziram uma obra menor, sem grande valor: “Nacidos

²⁴⁴ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Libertad de escribir. In: _____. *Páginas Libres...*,p.97.

²⁴⁵ BAO, Ricardo Melgar. América Latina en el pensamiento de Manuel González Prada. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 162.

²⁴⁶ *Idem*, p.181.

²⁴⁷ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Polietama. In: _____. *Páginas Libres...*,p.44-45.

ayer a la vida independiente, nuestras producciones intelectuales se parecen a la grama salobre de las playas recién abandonadas por el mar.”²⁴⁸

Ou seja, González Prada diminui o passado intelectual de seu país por não concordar com ele, e também por acreditar que ele é simplesmente uma repetição de idéias provindas principalmente da Espanha, que não condizem com seu país, estas idéias estariam em tempo e lugar que não deveriam ser levadas em consideração, embora os intelectuais peruanos as tenham aceitado.

Dessa forma, González Prada acredita que o escritor deve ater-se ao tempo presente, desvincular-se da tradição arcaica, principalmente em países como o Peru cujo passado significa atraso e imitação, para, a partir das modificações possíveis de serem realizadas nele, projetar um futuro melhor: “Quien escribe hoy y desea vivir mañana, debe pertenecer al día, a la hora, al momento que maneja la pluma. Si un autor sale de su tiempo, ha de ser para adivinar las cosas futuras, na para desenterrar ideas y palabras muertas.”²⁴⁹

Assim, idéias e pensadores de outros lugares e momentos podem influenciar nos pensamentos e decisões atuais, mas não devem ser copiados, o que constantemente acontecia nos demais países latino-americanos. Ao recusar as idéias dos antepassados na íntegra, o escritor não foge da responsabilidade que tem perante a sociedade:

Cien causas actúan sobre nosotros para diferenciarnos de nuestros padres: sigamos el empuje, marchemos hacia donde el siglo nos impele. Los literatos del Indostán fueron indostánicos, los literatos de la Grecia fueron griegos, los literatos de la América y del siglo XIX seamos americanos y del siglo XIX.²⁵⁰

O escritor preocupado com a situação contemporânea, acima de enaltecer ou desprezar os feitos do passado, foca o cotidiano e tenta evitar que a manipulação da maior parte da população seja concretizada por aqueles que detém cargos públicos: “Al escritor le cumple abrir los ojos de las muchedumbres y aleccionarlas para que no las coja desprevenidas el gran movimiento de liquidación social que se inicia hoy en las naciones más civilizadas.”²⁵¹

²⁴⁸ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*,p.27.

²⁴⁹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Conferencia en el Ateneo de Lima. In: _____. *Páginas Libres...*,p.15.

²⁵⁰ *Idem*,p.17.

²⁵¹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: _____. *Páginas Libres...*,p.103.

Segundo Sánchez, González Prada parafraseou Schopenhauer para defender que o compromisso maior do escritor deve ser com a verdade: “Seamos verdaderos, aunque la verdad convierta al globo en escombros y ceniza: ¡poco importa la ruina de la Tierra, si por sus soledades silenciosas y muertas sigue retumbando eternamente el eco de la verdad!”²⁵²

Apegado à verdade para não deixar-se corromper ante situações das mais diversas, o escritor tem como finalidade a defesa daqueles que são pouco ou nada lembrados pelas autoridades políticas:

Sereno entre el desencadenamiento de las malas pasiones y de los bajos instintos, indiferente a los cambios personales que no entrañan reformas provechosas a las muchedumbres, el escritor defiende al oprimido contra el opresor; en las horas de más envilecimiento de los pueblos y de tiranía de los poderes hace oír una voz de humanidad y de justicia. El político de profesión es soldado que en la humareda del combate no ve más allá del estrecho círculo que le rodea; el escritor es vigía que desde una eminencia sigue las evoluciones de los ejércitos y prevé mejor el resultado final de la batalla.²⁵³

Pode-se equivar a expressão “político de profesión” de González Prada àquilo que Bobbio denominou de “políticos ordinários”²⁵⁴, ou seja, aquelas pessoas que detém o poder político na administração do Estado e que são os responsáveis diretos pela gestão dele. Ao contrário do político de profissão, para González Prada o escritor é um outro tipo de político, aquele que não estando presente no funcionalismo público do Estado utiliza-se de seu conhecimento, discernimento e sua cultura para a regeneração social:

Si algo debe lamentar el hombre que siempre manejó la pluma es no haber consagrado los mejores años de su vida para a colaborar en una obra de regeneración social, y si de algo puede congratularse y enorgullecerse un escritor es de haber emitido una idea fecunda, extirpado un error o introducido un rayo de luz en algún cerebro nublado por las preocupaciones de casta y secta.²⁵⁵

²⁵² GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Discurso en el Teatro Olimpo. In: _____. *Páginas Libres...*, p.33.

²⁵³ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: _____. *Páginas Libres...*, p.109.

²⁵⁴ BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, p. 107.

²⁵⁵ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Propaganda y ataque. In: _____. *Páginas Libres...*, p.109.

Na sociedade, segundo o pensamento gonzalezpradista, o escritor-intelectual-livre-pensador deve buscar a intervenção na política mediante seus escritos com o intuito de associar a sua obra à sociedade em que está inserido. O escritor não pode apegar-se apenas a questões culturais que pouco influenciam seu tempo; deve inculcar nas pessoas, principalmente nas menos esclarecidas, pouco influentes e com baixo poder aquisitivo que elas são tão detentoras de direitos sociais e políticos quanto aqueles que ocupam cargos nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Dessa forma, o livre-pensador engajado tem, ainda que pouco reconhecido, o poder de transformação da sociedade e ruptura com as estruturas excludentes de seu país.

A atuação social e política de González Prada, mediante seus escritos, teve considerável repercussão em seu tempo. Suas afirmações, consideradas exageradamente polêmicas por Abramson²⁵⁶ assim o foram para conseguir atingir com veemência os trabalhadores que não faziam parte dos letrados da sociedade. Ultrapassando o mero valor de entretenimento, segundo Ward²⁵⁷, a literatura ao ser escrita por literatos revolucionários e insubmissos, poderia iniciar um processo de modificação social que necessita da participação também fundamental dos trabalhadores para atingir seus objetivos de maneira completa.

Os temas abordados neste capítulo são fundamentais, embora não os únicos, para que González Prada seja reconhecido como um intelectual com atuação política e de ruptura com as estruturas sociais existentes no Peru. A experiência na Guerra do Pacífico introduziu com maior intensidade a prosa nos escritos de González Prada e aguçou a crítica social já existente antes em sua obra poética, assim como o fez ganhar inimigos intelectuais, principalmente aqueles que eram coniventes com os detentores de cargos políticos e estavam aliados a eles.

Os embates com a Igreja católica deram-se por González Prada acreditar que, para melhor desenvolvimento social o Estado deveria ser laico, sendo particular a adesão ou não à uma doutrina religiosa. A grande influência do catolicismo na sociedade peruana foi combatido devido ao pouco conhecimento do clero em assuntos não eclesiásticos; a opinião dos padres não merecia receber todo o prestígio lhe era conferida, assim como também não estariam aptos a educar crianças nem a obscurecer o cotidiano feminino. Destarte, o catolicismo deveria se tornar

²⁵⁶ ABRAMSON, Pierre-Luc. *op.cit.*, p. 54.

²⁵⁷ WARD, Thomas. *op. cit.*, p. 127.

uma religião privada e não de Estado para a remodelação do Peru com características menos dogmáticas e mais libertárias.

O engajamento dos intelectuais é, para González Prada, essencial na tentativa de tornar o Peru um país democrático com a participação popular nas decisões políticas. O livre-pensador, isto é, aquele que não está amarrado nas doutrinas dos partidos políticos nem nos ditames colocados pelo governo, deve utilizar sua perspicácia e intelecto não apenas para distração das altas camadas sociais, mas principalmente para interpretar de maneira crítica a sociedade e sugerir meios para a transformação de tudo aquilo que não atende de maneira eficaz as necessidades dos cidadãos.

Para González Prada, a função de literatura é também social, deve ser um estímulo ao questionamento e a reflexão e uma incitação para a modificação da sociedade de modo que as necessidades básicas que todos sejam atendidos de modo eficiente. Assim, o intelectual não deve mirar-se apenas em temas universais, deve principalmente escrever de maneira engajada sobre os temas que fazem parte do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam à medida matemática.
March Bloch

Segundo Marilena Chauí²⁵⁸ na onipotente economia de mercado de cunho neoliberal atual, em que há a individualidade exacerbada, em detrimento das questões sociais, ocorre o sufocamento do espaço do intelectual já que este deveria intervir em prol de assuntos públicos. Assim é relevante buscar compreender as razões históricas e sociais que fizeram Manuel González Prada, no final do século XIX e início do XX, investir seu intelecto num projeto de emancipação das coletividades do Peru, mesmo não fazendo parte delas, como é o caso dos trabalhadores, “no hay diferencia de jerarquía entre el pensador que labora con la inteligencia y el obrero que trabaja con las manos, que el hombre de bufete y el hombre de taller, en vez de marchar separados y considerarse enemigos, deben caminar inseparablemente unidos”.²⁵⁹

Ao discorrer sobre os intelectuais, Norberto Bobbio afirma que nem todos eles são reduzíveis a partidos políticos, como no caso de González Prada, pois assim, não fazem a “política dos políticos”. Tal fato não implica em colocar-se alheio aos debates sobre a melhor maneira de conduzir o país, apenas participa deles de maneira individual, cumprindo com seu papel de intelectual que é de levantar idéias e assumir para si e não para um partido as conseqüências que elas podem ter em uma sociedade.

Como aponta Sirinelli, o letrado herda maneiras de pensar da intelectualidade anterior a ele da qual pode ser legatário ou “filho pródigo”²⁶⁰. Pensando na herança recebida dos letrados europeus, González Prada adere à forma de pensar de diversos escritores relevantes sobre alguns quesitos. Tal é o caso de Ernest Renan no que concerne ao livre pensamento e aos ataques à Igreja católica, o que não significa que seja um seguidor doutrinado de todo o pensamento de Renan. Contudo, no que se refere à intelectualidade peruana, seu caráter de

²⁵⁸ CHAUI, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In: NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.30-04.

²⁵⁹ GONZÁLEZ PRADA, Manuel. El intelectual y el obrero. In: _____. *Páginas Libres...*, p.228.

²⁶⁰ SIRINELLI, Jean-François. *op. cit.*, p. 255.

engajado e contestador não lhe deixa compactuar com a forma de pensar e agir da grande maioria dos pensadores peruanos de seu tempo.

Destarte, o pensamento de González Prada poder ser entendido como, segundo Marilena Chauí²⁶¹, um *saber instituinte*, ou seja, que não se encontra defendendo a ideologia do grupo dominante (saber instituído), não serve para legitimar o *status quo* que existe em seu país, mas ao contrário desse, propõe outras formas de se pensar os problemas de maneira a questionar a tradição existente.

Na tentativa de modificar a situação externa e interna do Peru, González Prada afirmava que os livre-pensadores deveriam ter um importante papel ativo para que as transformações sociais e políticas fossem concretizadas. Assim Manuel Suárez Cortina interpretou que para González Prada, a intelectualidade vinculada ao governo e a aristocracia era culpada pela situação do país, devido à sua “miséria intelectual”²⁶², ou seja, a interferência do intelectual no cotidiano da sociedade em que está inserido tem o poder de influir nos rumos por ela seguidos.

Ao abrir a política para o cotidiano dos mais simples e menos favorecidas economicamente mediante a linguagem acessível de seus ensaios, González Prada não suprimia deles certo teor artístico, aliando-o a uma proposta de transformação social e política do Peru, para a qual era fundamental a aproximação entre intelectuais e trabalhadores, ambos emancipados e engajados. Dessa forma, Thomas Ward²⁶³, acredita que González Prada buscou a insubmissão, que para ele era a ação mais sublime que um escritor poderia ter, e sendo o precursor da postura do intelectual na sociedade peruana, muitas vezes acabou por não receber apoio de outros escritores devido a sua voraz crítica social.

Não buscamos enfocar na demonstração da validade atual das idéias levantadas por González Prada, suas afirmações encontram-se hoje, em parte ultrapassadas, todavia, Portocarrero enfatiza que o valor da obra de González Prada não é somente histórica, em certos aspectos continua contemporânea: “En realidad su obra es hoy, más que nunca absolutamente contemporânea. Su diagnóstico de un mundo social la moralidad pública y la vigencia de la ley

²⁶¹ CHAUI, Marilena. O discurso competente. In: _____. *Cultura e democracia*. São Paulo: Editora Moderna, 1982. p. 10-13.

²⁶² CORTINA, Manuel Suárez. Laicismo y anticlericalismo en la España de fin de siglo. In: TAUZIN, Isabelle (org.). *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006, p. 70.

²⁶³ WARD, Thomas. *op. cit.*, p. 124-125.

son realidades precarias, por obra – principalmente – de los grupos dirigentes, es sorprendentemente actual.”²⁶⁴

Os principais temas do pensamento gonzalezpradista trabalhados nesta dissertação não foram esgotados, menos ainda o pensamento do autor em sua totalidade, haja vista a produção de textos sobre González Prada que se verifica nos últimos anos. Suas idéias podem ser vistas por diversos ângulos, procuramos focar aqui um viés político de sua obra enquanto intelectual que utiliza sua posição social não para a perpetuação de um continuísmo na política e na sociedade, mas para modificações em tais esferas.

Diversos temas debatidos por González Prada não tiveram aqui a importância merecida, como sua preocupação com os índios e sua aproximação com os ideais anarquistas a partir do início do século XX. Todavia, os assuntos aqui abordados encontram-se entre parte dos mais polêmicos motes que o escritor trabalhou e renderam-lhe uma posição ímpar entre os intelectuais peruanos de seu tempo.

O início do século XXI mostra-se fecundo no que tange às pesquisas sobre a vida e obras de González Prada em diversos aspectos, assim, não podemos caracterizar este trabalho como fechado. Muito mais do que conter afirmações imutáveis, busca contribuir para suscitar o debate da postura de engajamento do intelectual na sociedade latino-americana do passado e também de hoje.

²⁶⁴ PORTOCARRERO, Gonzalo. *op. cit.*, p. 132.

FONTES

GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Antología*. Lima: Ediciones Peisa, 1975.

_____. *Baladas Peruanas*. Lima: Librería Bendezu, 1969.

_____. *Páginas Libres. Horas de Lucha*. Org.: Luis Alberto Sánchez. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976.

_____. *Páginas Libres*. Lima: Editora El Comercio, 2005.

_____. *Pensamiento y librepensamiento*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004

BIBLIOGRAFIA

ANDERLE, Adám. *Los movimientos políticos en el Perú*. Habana: Ediciones Casa de las Américas, 1975.

ARROSA SOARES, Maria Susana. Os intelectuais latino-americanos: ontem e hoje. *Cadernos Adenauer*. Rio de Janeiro, n° 5, p. 127-140, fev. 2004.

BARNADAS, Josep M. La Iglesia católica en la Hispanoamérica colonial. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de la América Latina*. América Latina colonial: Europa y América em los siglos XVI, XVII, XVIII. Vol.II. Barcelona: Crítica, 1998, p.185-207.

BASADRE, Jorge. *Historia de la Republica del Perú, 1822-1933*. Vol. IX. Lima: Editorial Universitaria, 1969.

_____. *La vida y la historia (antología)*. Lima: Editora El Comercio, 2005.

BEHELLI, Ricardo Sequeira. A Guerra do Pacífico (1879/1883) e o pensamento anti-racista de Manuel González Prada. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, PUC, São Paulo, n°31. p.359-374, dez. 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume31/2_Pesquisa_pag359.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2008.

_____. *Nacionalismos anti-racistas: Manoel Bomfim e Manuel González Prada* (Brasil e Peru na passagem para o século XX). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2002.

BERNAND, Carmem; GRUZINSKI, Serge. A conquista do Peru. In:_____. *História do Novo Mundo. Da descoberta à conquista, uma experiência europeia(1492-1550)*. São Paulo: Edusp, 1997, p.491-538.

BHABHA, Homi K. Disseminação. In:_____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p.198-238.

BLANCO-FOMBONA, Rulfino. González Prada. In: _____. *Hombres y libros*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004.

BLAKEMORE, Harold. O Chile da Guerra do Pacífico à Grande Depressão, 1880-1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.V. De 1870 a 1930. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Funag, 2002, p. 413-471.

BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 2 vols. Brasília: Editora da UNB, 2007.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

BONILLA, Heraclio. O Peru e a Bolívia da independência à Guerra do Chaco. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p. 541-591.

BUSHNELL, David. A independência da América do sul espanhola. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p.119-186.

CHANG-RODRÍGUEZ, Eugenio. *La literatura política de González Prada, Mariátegui y Haya de la Torre*. Cidade do México: Ediciones de Andrea, 1957.

CHASTEEN, John Charles. *América Latina: uma história de sangue e fogo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In: NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. O discurso competente. In: _____. *Cultura e democracia*. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

CHOU, D. L. Los chinos en la Guerra del Pacífico. *Revista de Historia de América*, Ciudad de México, nº 129, p. 197-224, jul./dez. 2001.

COLLIER, Simon. O Chile da independência à Guerra do Pacífico. . In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p.591- 624.

- DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: Edusc, 2002.
- DORATIOTO, Francisco. A Guerra do Salitre. In: _____. *Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p.64-68.
- ELLIOTT, J.H. España y América en los siglos XVI e XVII. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia de la América Latina*. América Latina colonial: Europa y América em los siglos XVI, XVII, XVIII. Vol.II. Barcelona: Crítica, 1998, p. 03-44.
- FERREIRA, Jorge Luiz. *Incas e astecas: culturas pré colombianas*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- FRANCO, Jean. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.
- GIBSON, Charles. As sociedades indígenas sob o domínio espanhol. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.II. América Latina Colonial. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 1999, p.269-308.
- GLAVE, Luis Miguel; LAURO, Cláudia Rosas. Imigração estrangeira para o Peru (1850-1930). In: FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000, p.505-550.
- GUMUCIO, Mariano Baptista. *Breve Historia Contemporánea de Bolivia*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1870*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991.
- KLARÉN, Peter P. As origens do Peru Moderno, 1880-1930. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.V. De 1870 a 1930. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2002, p. 317-376.
- KLEIN, Herbert S. A Bolívia da Guerra do Pacífico à Guerra do Chaco, 1880-1932. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.V. De 1870 a 1930. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2002, p. 377-412.
- LÉVY, Bernard-Henri. *O elogio dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LYNCH, John. As origens da independência da América Espanhola. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.III. Da independência até 1870. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 2001, p.19-72.

LOPES, Marcos Antônio. *Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

_____. Pena e espada: sobre o nascimento dos intelectuais. In: _____(org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MANSILLA, H. C. F. Intelectuais e política na América Latina: uma breve abordagem e uma ambivalência fundamental. *Cadernos Adenauer*. Rio de Janeiro, n° 5, p. 13-46, fev. 2004.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1975.

MARKHAM, Clements R. *La Guerra entre el Peru y Chile*. Lima: Ediciones Tassorelo, s/d.

MAYER, Arno. *A força da tradição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MURRA, John. As sociedades andinas anteriores a 1532. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol.I. *América Latina colonial*. São Paulo: Edusp; Brasília: Funag, 1998, p. 63-99.

OLIVEIRA, Maria Izabel de Moraes. História intelectual e teoria política: confluências. In:

LOPES, Marcos Antônio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

ORTEGA, Eudoxio H. *Manual de historia general del Perú*. Lima: Ediciones Los Andes, 1974.

PEASE, Franklin. *Breve Historia Contemporánea del Perú*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

POMER, León. *História da América hispano-indígena*. São Paulo: Global Editora, 1983.

PRADO, Maria Ligia. *A formação das nações latino-americanas*. São Paulo: Atual Editora, 1987.

RAMA, Angel. *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Intelectuais e política nas fronteiras: entre reforma e revolução. In: _____(org.). *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000, p.11-34.

ROEL, Virgilio. *El Perú en el siglo XIX*. Lima: El Alba, 1986.

ROMERO, Emilio. *Historia economica del Perú*. Tomo II. Lima: Editorial Universo, s/d.

SALVATECCI, Hugo García. *El anarquismo frente el marxismo en el Perú*. Lima: Mosca Azul Editores, 1972.

SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Don Manuel*. Lima: Populibros Peruanos, s/d.

_____. *Escritores representativos de América*. Madrid: Editorial Gredos, 1957.

_____. *Nuestras vidas son los ríos. Historia y leyenda de los González Prada*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1977.

SCHWARTZ, Roberto. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos*. São Paulo: Edusp/Iluminuras/Fapesp, 1995.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SKIRIUS, John. Este centauro de los géneros. In: _____(org.) *El ensayo hispanoamericano del siglo XX*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

TAUNAY, Affonso de Escagnolle. *A Guerra do Pacífico. Chile versus Peru e Bolívia*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1925.

TAUZIN, Isabelle(org.) *Manuel González Prada: escritor de dos mundos*. Lima: IFEA, 2006.

ANEXO²⁶⁵

²⁶⁵ Cf. SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Nuestras vidas son los ríos. Historia y leyenda de los González Prada*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1977. p. 122-126.

ANEXO –

PROGRAMA DE LA UNIÓN NACIONALCOMITE DIRECTIVO PROVISIONAL.

ESTATUTOS

Con el nombre de “LA UNIÓN NACIONAL” acaba de organizar-se en Lima una agrupación de ciudadanos, cuyos propósitos se manifiestan en el programa que a continuación publicamos.

Nace esta agrupación lejos del bullicio de los tiempos en que las contiendas eleccionarias originan los partidos presonalistas, por que su objeto es agrupar a la juventud del Perú y a los hombres bien intencionados de la República, unificándoles en la aspiración de propósitos impersonales y eminentemente patrióticos.

“La Integridad” se honra con dar a luz el programa de LA UNIÓN NACIONAL, que lo es también de este periódico.

PROGRAMA

Formular un programa invariable e querer explicarlo con exactitud matemática a cosas que eternamente varían, es convertir la sociedad en caos, pues la reforma que en ciertas ocasiones entraña consolidación y progreso, equivale en otros casos a desorden y retrogradamiento.

La UNIÓN NACIONAL, pretende constituir una asociación esencialmente conciliadora, razonable y práctica, no una agrupación intolerante, agresiva, incapaz de plegarse a las circunstancias, llevada sólo por la impaciencia de realizar a ciegas y en breve lapso la obra lenta de la meditación y del tiempo.

No llena su objeto la asociación política que avanza por el estrecho carril de una doctrina intransigente: hay que adaptarse al medio en que nace, evolucionar, como lo requiere la sociedad en que se vive, marchar paralelamente con algo más terco y más fuerte que las teorías: los hechos.

Aquí, donde todos los males nacieron e nacem de la desequilibrada educación en unos y de la completa ignorancia en otros, acaso todo el programa debería reducirse a levantar el nivel moral de las clases sociales con una equilibrada educación intelectual y física. Para tener ciudadanos libres y naciones independientes, se necesita primero formar hombres con inteligencia cultivada y organismo robsuto: los ignorantes y débiles viven condenados a sempiterna esclavitud.

Pero el miembro del Estado, para constituir una verdadera personalidad, necesita ejercer el derecho de propiedad, poseer lo que nunca disfrutaron los naturales de nuestro país: facilidades para adquirir y garantías para conservar lo adquirido.

En el Perú, nación perennemente dividida en bandos personales y minada por mezquino provincialismo, conviene, de una manera especial, unir a los hombres por el vínculo de las ideas, tender a la formación del espíritu nacional, fomentar verdadera solidaridad de intereses entre la costa y la sierra y convencer a los últimos ciudadanos que el ataque a las garantías de un solo individuo implica amenaza contra el derecho de todos.

Dada la situación de los ánimos, que rechazan todo elemento disociador y sólo piden fuerzas para restablecer la integridad del territorio; teniendo presente que pocas doctrinas bastan para descubrir toda la índole de una asociación política, la UNIÓN NACIONAL se limita hoy a ejercer activa propaganda para convertir en hechos las siguientes ideas:

I

Conservar por ahora la República unitaria, con la actual centralización política, pero converger paulatinamente hacia la República Federal, haciendo que la descentralización administrativa otorgue cada día mayores libertades a Municipios, Beneficencias e Institutos de enseñanza.

II

Constituir el Poder Legislativo de modo que se efectúe la responsabilidad de los representantes y se evite el despotismo parlamentario y el entronizamiento de las camarillas.

III

Hacer legal y práctica, durante el período presidencial, la responsabilidad del Mandatario supremo que viole las garantías individuales.

IV

Dar representación a las minorías y tender al sufragio directo y universal sin exclusión de los extranjeros.

V

Favorecer la inmigración europea y oponerse al fomento de la asiática.

VI

Reformar el sistema tributario, dando preferencia a las contribuciones directas.

VII

Elevar la condición social del obrero.

VIII

Recuperar, por iniciativa oficial, las propiedades usurpadas a las comunidades indígenas.

IX

Hacer legal y prácticamente inviolable la libertad de conciencia, de imprenta, de sufragio, de reunión y de asociación.

X

Ennoblecen la carrera militar, combatir el divorcio entre el ejército y la Nación y mantener en armas a todos los ciudadanos con el servicio de la guarda Nacional.

Manuel G. Prada – Presidente, José Gálvez - 1er. Vice id., Arturo Arróspide – Secretario, Eduardo Bueno – Secretario, Francisco R. Ingunza – Tesorero , Casimiro Medina – Archivero.

A continuación *La Integridad* inserta los estatutos de la Unión Nacional que, a la letra dicen:

PRINCIPALES BASES DE LA ORGANIZACIÓN DE LA UNIÓN NACIONAL

Veinte y cuatro miembros fundadores y un representante por cada provincia de la República, formarán el Comité Central Directivo de la Unión Nacional. Este nombrará delegados organizadores en todas las provincias para que procedan a la formación de las Juntas Provisionales y reciban las adhesiones de los ciudadanos que acepten el programa.

Comisiones de Registro en la capital de la República y los delegados de las provincias, llenarán los registros respectivos en que consten el nombre, edad, lugar de nacimiento, profesión y domicilio de los adherentes. A todos los que formen parte de la UNIÓN NACIONAL se les expedirá un diploma que en el reverso llevará transcritos los siguientes artículos de los estatutos: “LA UNIÓN NACIONAL separará de su seno al socio que manifieste desconocer las ideas del programa, sea expresando su adhesión a partidos personales o de distintos principios, sea cometiendo actos que lo hagan indigno de la consideración pública”.

“LA UNIÓN NACIONAL protegerá a sus miembros de los ataques arbitrarios de la autoridad. Defenderá también a los obreros de los abusos del empresario industrial. La UNIÓN ejercerá en uno y otro caso los recursos permitidos por las leyes”.

“LA UNIÓN NACIONAL admite en su seno a los ciudadanos mayores de 21 años o que sigan una carrera profesional, siempre que rompan previamente todo compromiso con los partidos existentes. Una vez instaladas en la República las Juntas Provinciales, el actual Comité Central Directivo dimitirá sus poderes ante la Junta General que se reunirá en Lima para elegir a las personas que formen el nuevo Comité y constituyan definitivamente la ‘Unión Nacional’”.

Los Secretarios
Lima, mayo 16 de 1891

Para avalar lo transcrito firma los documentos un comité constituido por jóvenes y adultos de indudable prestigio, a saber:

MIEMBROS DEL COMITÉ DE LA UNIÓN NACIONAL

Amézaga, Carlos G. (periodista); Antúnez, Dámaso D. (médico); Andraca, J. Francisco (propietario); Barco, Francisco de P. (médico); Bustamante, Ismael (farmacéutico); Buchhammer, Cristian (comerciante); Carrión, Manuel O. (alumno de la Universidad); Castañeda, Emiliano (alumno de San Fernando); Cuadra, Wenceslao (abogado); Chávarry, Neptalí (bachiller); Dam, Cristian (cirujano-dentista); Garrido, Celso (comerciante); Gadea, Alberto L. (Doctor en Ciencias); Gálvez, Roberto (agricultor); Gamarra, Abelardo (profesor); Ramírez, Dionisio M. (comerciante); Ingunza, Leonidas (propietario y agricultor); de Idiáquez, Ismael (abogado); Lecca, Eduardo (jefe del ejército); León, Alfredo I. (médico); La Torre, Benjamín (alumno de Medicina); Lisson, Carlos I. (alumno de la Escuela de Ingenieros); Mendiguren, José (periodista); Maúrtua, Víctor M. (abogado); Meza, Estenio (periodista); Mora, Leoncio I. (bachiller); Maldonado, J. García (abogado); Málaga, J.M. (abogado); Matto, Daniel (médico); Leguía y Martínez, Germán (bachiller); Moran, Juan de (marino); Ocampo, Emilio (alumno de la Escuela de Ingeniería); Osos, J.A. (propietario); Patrón, Pablo (médico); Pagaza, José Santos (alumno de Medicina), Pagaza, Manuel D. (id. de id.); Quimper, Alberto (abogado); Quiroga y Mena, Ricardo (médico); Rey de Castro, Carlos (periodista); Romero M. F. (alumno de Ciencias); Del Río, César A. (comerciante); Ríos Augusto C. (bachiller); Sánchez Manuel C. (agricultor); Solórzano, M.C. (bachiller); Secada, Alberto F. (periodista); Salazar, Ambrosio (propietario); Trujillo, E. (comerciante); Umeres, Felipe (bachiller); Ugarte, Joséb. (abogado); Velázquez, Manuel A. (médico); Vienrich, Adolfo D. (alumno de Ciencias); Velazco, Antenor D.(bachiller); Valera W. (abogado); Vázquez, M. R. (abogado); Whitehouse, Tomás (abogado).